

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**“AQUI, TODO MUNDO É DA MESMA FAMÍLIA”: PARENTESCO E  
RELAÇÕES ÉTNICAS ENTRE OS CIGANOS NA CIDADE ALTA,  
LIMOEIRO DO NORTE – CE.**

**LAILSON FERREIRA DA SILVA**

**NATAL – 2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**LAILSON FERREIRA DA SILVA**

**“AQUI, TODO MUNDO É DA MESMA FAMÍLIA”: PARENTESCO E RELAÇÕES  
ÉTNICAS ENTRE OS CIGANOS NA CIDADE ALTA, LIMOEIRO DO NORTE – CE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Assunção.

Área de Concentração: Dinâmicas sociais, práticas culturais e representações.

**NATAL - 2010**

**LAILSON FERREIRA DA SILVA**

**“AQUI, TODO MUNDO É DA MESMA FAMÍLIA”: PARENTESCO E RELAÇÕES ÉTNICAS ENTRE OS CIGANOS NA CIDADE ALTA, LIMOEIRO DO NORTE – CE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Assunção.

Área de Concentração: Dinâmicas sociais, práticas culturais e representações.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Luiz Assunção – Orientador**

---

**Prof. (a) Dra. Maria Patrícia Lopes Goldfarb – UFPB - Membro Externo**

---

**Prof. Dr. Edmilson Lopes Júnior – UFRN - Membro Interno**

---

**Prof. Dr. Edmundo Pereira – UFRN - Suplente**

*O meu olhar é nítido como um girassol  
Tenho o costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita e para a esquerda  
E de vez em quando olhando para trás...  
E o que vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto  
E eu sei dar por isso muito bem...*

*(Fernando Pessoa. In: Obra poética)*

***À amiga Violeta Holanda***

*Que esteve presente durante esta minha caminhada, me dando apoio e me encorajando a seguir em frente.*

*A esta grande mulher que com humildade e um sorriso estampado no rosto contribuiu de forma significativa para o meu crescimento, acadêmico e pessoal. Agradeço por nossas vidas terem se cruzado.*

## AGRADECIMENTOS

Mais uma vez, me vejo diante da árdua tarefa de agradecer àqueles que estiveram junto comigo durante este percurso. Árdua, porque considero que palavras escritas não conseguem dar conta daquilo que só podemos expressar com olhares, gestos, toques. Então vamos começar.

A Deus por ter possibilitado a realização de mais um sonho.

À minha família, em especial minha mãe e minha irmã Lúcia, pelo apoio incondicional nos momentos de dificuldades.

À Dona Ceíça, *in memoriam*, que com o coração cheio de bondade me recebeu por duas vezes em sua casa em Natal, mesmo sem praticamente nos conhecermos.

A Fátima e família, por terem me acolhido durante uma semana em sua casa em Natal e pela preocupação no que se referia a minha adaptação na cidade.

Aos amigos (as): Leila, Izabel, Janinha, Ronaldo, Sirley, Jardênia, Elisgardênia, Silvana, Jair, Rosimeire, Glaúbia, por terem compartilhado das minhas decisões e acreditarem nos meus sonhos.

Ao Prof. Luiz Assunção, orientador, pela parceria e confiança na construção deste trabalho, bem como pela ampliação dos meus horizontes no que diz respeito a “ciência antropológica”.

Ao Prof. Edmundo Pereira, por ter acompanhado durante o mestrado, seja em disciplinas, estágio docência e conversas nos corredores da UFRN.

Aos professores (as), Edmilson Lopes Jr., Eliane Tânia e Orivaldo Pimentel, com que cursei disciplinas e fui inserido em novas discussões acadêmicas e “visões de mundo”.

A Gerson Júnior, pelo incentivo para que eu realizasse uma discussão antropológica na monografia de graduação, como também pela orientação.

A Eva e Joscy, pelos momentos de descontração em Natal.

A Claudinha, pela dedicação e empenho com que transcreveu minhas conversas gravadas com os ciganos.

Aos funcionários do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes - CCHLA, principalmente os do Programa em Pós-Graduação em Ciências Sociais pela disposição em ajudar sempre que solicitados.

Ao CNPq pelo apoio financeiro durante o Mestrado.

Aos ciganos da Cidade Alta, em especial aos da família Alves dos Santos, pela receptividade com que sempre me recebem em seus lares e pelas valiosas conversas que me possibilitaram compreender os sentidos de sua existência social. Meus sinceros agradecimentos.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender como diante de um contexto de constante interação com a população local, os ciganos da família Alves dos Santos, residentes no bairro Cidade Alta, Limoeiro do Norte - Ce, mantêm o sentimento de pertencimento étnico. Para tanto, analiso tanto as relações sociais entre ciganos e não-ciganos na comunidade, pois é a partir do contato que as fronteiras sociais são delineadas, como os discursos e representações sociais que são utilizados para qualificá-los a partir de estigmas. Além disso, procuro identificar os elementos utilizados por estes sujeitos sociais para fundamentarem e legitimarem sua identidade. Assim, constatei que alicerçados na noção de família, os ciganos se veem enquanto grupo, buscando na história/passado nômade, origem e sangue comuns os elementos que fundamentam a sua condição, sendo a linguagem um traço cultural que possibilita estabelecer diferenciações objetivas entre os ciganos e os demais moradores da comunidade, tornando-se, portanto, um sinal diacrítico.

**Palavras chaves:** Ciganos, Identificação, Família.

## Abstract

This study aims to understand how facing a context of Constant interaction whit the local population, the gypsies family Alves dos Santos, neighborhood residentes in uptown, Limoeiro do Norte – Ce, maintain a sense of ethnic belonging. To that end, I analyze both the social relations between Gypsies and non-gypsies community, as it is from the contact that the social boundaries are delineated, as the discourses and social representations that are used to qualify them from stigma. So, I found that grounded in the notion of family, gypsies are seen as a group, searching the history / past nomadic origing and blood common elements that underlie its condition, and the language a cultural trait that makes it possible to establish objective distinctions among gypsies and other community residentes, becoming thus a diacritical mark.

**Keywords:** Gypsies, Identification, Family.

## SUMÁRIO

Traçando caminhos.....	11
1 Identificando os ciganos na Cidade Alta: o olhar do outro.....	39
1.1 A normalidade cigana.....	44
1.2 Rompendo com a normalidade.....	49
1.3 Convivendo com o preconceito.....	57
2 As três dimensões da “ciganidade”: fundamentação, expressão e organização.....	63
2.1 A linguagem cigana.....	69
2.2 A família cigana.....	77
3 Ciganos novos, novas identidades.....	89
Considerações Finais.....	105
Referências.....	108
Anexos.....	113

## Traçando caminhos

*Toda prática social é simbolicamente marcada. As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio das quais damos sentido as nossas próprias posições (Kathryn Woodward).*

Quem transita pela primeira vez pela Cidade Alta, bairro localizado no município de Limoeiro do Norte – Ce, distando cerca de 204 km de Fortaleza; talvez não se dê conta que, entre a população local, há indivíduos que se identificam e são identificados pelos outros como ciganos.



**Mapa do Ceará**

Mas estes estão presentes nos diversos espaços sociais do bairro, tais como: praças, *lan houses*, escolas, posto de saúde, academia de musculação, clubes dançantes, igrejas católicas e protestantes, entre outros. Às vezes eles passam e não são percebidos, pois, depois de tanto anos de convivência com a população local, são vistos como qualquer outro morador da comunidade. Ou, como eles próprios costumam dizer: “nós estamos misturados”.

Também é possível encontrá-los, na maioria das vezes, reunidos nos finais de tarde sob duas árvores de pinho, que ficam em frente a casa da dona Zuleide Alves dos Santos<sup>1</sup>. Para tanto, basta seguir em linha reta uma pequena ladeira de terra batida na entrada da Rua Francisco de Holanda Martins, que dá acesso a umas das partes do bairro conhecida como Vila da Paz. Deve-se ter cuidado nos períodos chuvosos, pois a terra fica um pouco escorregadia para quem se desloca a pé ou de bicicleta. Eu me incluo no segundo caso.



Entrada da Rua Francisco de Holanda Martins



Residência de Dona Zuleide

Foi dessa maneira, que no segundo semestre do ano de 2004, tive o meu primeiro contato direto com ciganos, pois, apesar de morar a 14 anos na Cidade Alta, não tinha conhecimento acerca da presença deles no bairro. Mas *apresentar um objeto de estudo não é somente falar dos questionamentos que fundam a pesquisa e dos caminhos percorridos na aventura antropológica. É, também, dizer dos interesses do pesquisador, de outras aventuras nisto implícitas* (OLIVEIRA JÚNIOR, 2006). No meu caso, é preciso falar das motivações que levaram-me até esse grupo de ciganos.

No primeiro semestre do ano de 2004 estava cursando a disciplina de Introdução à Antropologia no curso de História da Faculdade de Filosofia Dom Aurelino Matos – FAFIDAM, unidade da UECE localizada no município de Limoeiro do Norte; e por algumas vezes conversei com o professor da mesma, Gerson Júnior,

---

<sup>1</sup> A dona Zuleide Alves dos Santos é a cigana mais velha da família Alves dos Santos que reside na Cidade Alta desde meados da década de 1980.

sobre possíveis temas de pesquisa que gostaria de desenvolver no processo de confecção da monografia de conclusão de curso.

Em uma dessas conversas, Gerson Júnior perguntou-me se eu não teria interesse em estudar “os ciganos” que moram na Cidade Alta, uma vez que convivíamos no mesmo bairro. Fiquei em silêncio por alguns instantes e ao mesmo tempo surpreso, pois nunca tinha atentado para o fato da presença destes ciganos na Cidade Alta. Logo, perguntei o quê haveria para se estudar sobre ciganos.

Então, ele começou a relatar que durante uma noite, ao deslocar-se do triângulo de Limoeiro do Norte ao centro da cidade, ficou sabendo, por meio de um taxista, que no período da Semana Santa do ano de 2004, um cigano assassinou um outro morador da comunidade, não-cigano.

Segundo Gerson Júnior, o taxista contou toda a história e, por fim disse, ao referir-se ao cigano, que ele era uma pessoa boa, mas era cigano. Para Gerson Júnior, esta última frase era significativa, pois se referia a uma série de imagens pré-concebidas acerca dos ciganos.

Depois da conversa, ele pediu para eu pensar por uma semana sobre esta possibilidade. Assim, passei a conversar com vizinhos, amigos e conhecidos sobre as visões que eles tinham sobre ciganos. E foi quando percebi que os ciganos eram definidos a partir de imagens depreciativas que se referiam a ações desviantes a normas e padrões sociais. A exemplo: roubo, enganação, valentia, mendicância.

Ao refletir sobre o que ouvia, conclui que essas ações atribuídas aos ciganos poderiam ser praticadas por qualquer sujeito social. Mas que quando os ciganos as praticam, assumem um significado diferenciado.

Todavia, essa conclusão foi construída a partir do relato de pessoas que lançaram um olhar sobre este grupo social. Por isso, fiquei com algumas indagações: será que os ciganos da Cidade Alta agem dessa maneira? Por que esses indivíduos são identificados como ciganos? O que os faz diferentes dos outros moradores da comunidade?

Assim, na busca de responder esses questionamentos, desloquei-me, de bicicleta, pela primeira vez, à residência dos ciganos, em uma tarde ensolarada do mês de julho de 2004. Durante o percurso, que durou no máximo cinco minutos, estava muito apreensivo, pois aquelas imagens utilizadas para definir os ciganos perturbavam os meus pensamentos. Afinal, *a pesquisa de campo coloca o pesquisador frente a uma série de provocações, as quais, também, o levam a relativizar verdades e concepções de mundo. No choque cultural inerente a esse processo, a solidez do universo familiar do antropólogo tende inevitavelmente a balançar* (OLIVEIRA JÚNIOR, 2006).

Ao chegar na entrada da rua Francisco de Holanda Martins, que dá acesso às residências da maior parte dos ciganos, informei-me onde poderia encontrá-los. Cauteloso, subi uma pequena ladeira e cheguei na casa da D. Zuleide. Por acaso, haviam alguns ciganos sentados na calçada. Então, com a voz um pouco trêmula e segurando com as mãos a bicicleta, apresentei-me e expus os motivos que me levaram a procurá-los.

Imediatamente, fui convidado a sentar-me em uma cadeira. Então, coloquei a bicicleta ao lado da casa, o que gerou para mim um constrangimento, pois a ideia de que a bicicleta poderia ser roubada a qualquer momento tirava a minha concentração.

Com mais calma, a nossa conversa fluiu em direção a dúvidas e questionamentos de ambas as partes. Em um momento, o cigano Francisco Alves dos Santos, conhecido como Santim, começou a falar acerca daquelas imagens negativas associadas aos ciganos. O tom da sua fala era convincente. E os outros ao perceberem minha aflição, riram e disseram que aquilo era uma brincadeira.

Depois de quase duas horas de conversa, despedi-me dos ciganos e agradei pela atenção e disponibilidade deles em colaborarem com a minha pesquisa. E avisei-os que no dia seguinte voltaria para continuarmos nosso diálogo. Essas conversas e, por conseguinte, a pesquisa de campo, duraram em torno de quase dois anos, bem como aconteciam nos finais de semana, em decorrência das

aulas na FAFIDAM durante a semana, e no período de férias, mês de julho, as quais, resultaram na elaboração de minha Monografia de Graduação<sup>2</sup>.

Neste trabalho, o meu interesse era compreender como a identidade cigana era construída e afirmada a partir de uma constante tensão entre passado e presente. Ou seja, o passado enquanto elemento de fundamentação e legitimação da identidade no presente. Ao mesmo tempo em que as necessidades do presente, os levavam a construírem um passado formalizado, isto é, contrário às imagens estigmatizadas as quais são associados. Para tanto, exercitei a observação participante, bem como colhi relatos desses atores sociais na tentativa de traçar os contornos do que é ser cigano.

Aqui, gostaria de abrir um parêntese para dizer que o campo de estudos etnográficos sobre ciganos no Brasil ainda é pouco explorado, o que dificulta a compreensão dessa etnia e o estabelecimento de comparações com os diversos agrupamentos humanos situados em outras regiões do país, ao contrário do que acontece com quilombolas e indígenas. Entre os estudiosos que se debruçaram sobre a temática cigana, pode-se destacar: Mello Filho (1981), Sant'ana (1983), Vila-Boas (1998 e 2004), F. Moonen (2000), Teixeira (2000), Ferrari (2002), Goldfarb (2004).

Ao voltar a campo, no ano de 2009, percebi que já tivéramos encontros outrora. Estes ocorreram de maneira indireta, por meio das histórias contadas pela minha mãe, amigos e vizinhos, com quem convivi ao longo da minha vida, bem como em músicas, em obras da literatura brasileira, em especial *Memórias de um Sargento de Milícias*<sup>3</sup>, e em novelas exibidas na Rede Globo de Televisão, *Explode coração* e *Senhora do destino*.

Nas histórias que ouvia, o cigano era retratado como um indivíduo que rouba, trapaceia e é valente; a cigana como uma mulher que se propõe a fazer

---

<sup>2</sup> ENTRE O PASSADO E O PRESENTE. *A Construção e Afirmação da Identidade Étnica dos Ciganos da Cidade Alta - Limoeiro do Norte - Ce.* Monografia de graduação desenvolvida no curso de História da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM/UECE, 2006.

<sup>3</sup> Ver: ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. 25. ed., São Paulo: Ática, 1996.

previsões sobre o futuro, mas que, na verdade, está sempre interessada em apropriar-se indevidamente dos bens alheios.

Nas músicas, o termo cigano sempre surgia/surge diretamente relacionando ao espírito aventureiro ou ao nomadismo.

A lua que eu prometi está ali  
 E o sol só amanhã  
 E a terra aos seus pés  
 A flor que eu te prometi está ali  
 Guardada pra te dar  
 E você nem sei não vi  
 E o futuro prometido eu vim cobrar  
 Você jurou me amar e me fazer feliz

Rasguei os planos  
 Foi engano eu me envolver  
 Por um coração cigano leviano  
 Que me fez sofrer

A casa que eu prometi está ali  
 Esperando o amanhã  
 Minha vida aos seus pés  
 O anel que eu prometi está ali  
 Guardado pra te dar  
 E você nem sei não vi  
 E o futuro prometido eu vim cobrar  
 Você jurou me amar e me fazer feliz<sup>4</sup>

**Ou ainda:**

Oh meu amor

---

<sup>4</sup> Trecho da música *Futuro Prometido*, Compositor: Tatau.

Não fique triste  
 Saudade existe pra quem sabe ter  
 Minha vida cigana me afastou de você  
 Por algum tempo eu vou ter que viver por aqui, longe de você  
 Longe do seu carinho<sup>5</sup>

Enquanto que na Música Arrumação<sup>6</sup>, o termo cigano designa o indivíduo que se apropria indevidamente dos bens alheios, ou seja, do sertanejo que passou o ano inteiro trabalhando e fazendo economias.

Os cigano já subiro bêra ri  
 É só danos, todo ano nunca vi  
 Paciência, já num guento as pirsiguição  
 Já só caco véi nesse meu sertão  
 Tudo que juntei foi só pra ladrão

Na obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, deparei-me com um cigano que vivia em total desacordo com as normas e condutas esperadas pelos indivíduos em sociedade, bem como conheci determinadas características, culturais, presentes entre estes indivíduos, naquele momento histórico.

Com os emigrados de Portugal veio também para o Brasil **a praga dos ciganos. Gente ociosa e de poucos escrúpulos**, ganharam eles aqui reputação bem merecida dos mais **refinados velhacos**: ninguém que tivesse juízo se metia com eles em negócio, porque tinha certeza de levar carolo. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muito se fala, deixaram-na da outra banda do oceano; **para cá só trouxeram maus hábitos, esperteza e velhacaria**, e se não, o nosso Leonardo pode dizer alguma coisa a respeito. **Viviam em quase completa ociosidade**; não tinham noite sem festa. **Moravam ordinariamente** um pouco arredados das ruas populares, e **viviam em plena liberdade**. As **mulheres trajavam com certo luxo** relativo aos seus haveres: **usavam muito de rendas e fitas**; davam **preferência a tudo quanto era encarnado**, e nenhuma delas dispensava pelo menos um cordão de ouro ao pescoço; **os homens não tinham outra distinção mais do que**

<sup>5</sup> Trecho da música *Vida Cigana*. Compositor: Geraldo Espínola.

<sup>6</sup> Compositor: Elomar Figueira Melo.

**alguns traços fisionômicos particulares que os faziam conhecidos** (ALMEIDA, 1996, p. 16). (grifos meus)

Segundo Florência Ferrari (2002), dentre as obras produzidas no Brasil que trazem na narrativa a presença de ciganos, a de Manuel Antônio de Almeida é a que melhor representa o pensamento ocidental em relação aos ciganos no Brasil, na primeira metade do século XIX. Ao longo de toda a obra, o autor não se restringe a fazer apenas *descrições etnográficas das vestimentas e adornos das ciganas, das festas e dos costumes dos ciganos, de resto, como faz com cada detalhe de toda a narrativas*, mas, sobretudo, ajuda a pensá-lo a partir da dialética ordem/desordem.

O elemento cigano tem um papel claro a desempenhar nessa narrativa movida pela oscilação entre a ordem e desordem. Os ciganos parecem alimentar o motor da máquina da desordem em relação à ordem. Eles chegam para desequilibrar um *status quo*, fazendo uso dos atributos que os caracterizam. A velhacaria e a esperteza [...]. A cigana, por sua vez, se vale de suas qualidades femininas para romper com a harmonia das posições representadas pelos personagens que seduz e, com isso, também subverte a ordem (FERRARI, 2002, p. 176).

Na novela *Explode Coração*, exibida no ano de 1995, encontrei uma cigana, Dara, que vivia um conflito familiar, pois, apesar de compartilhar um conjunto de tradições da cultura cigana, não aceitava casar-se com um noivo arranjado por seus pais. Assim, pude ter contato com tradições, músicas e valores que norteiam a “cultura cigana”.

Enquanto na novela *Senhora do Destino*, exibida pela primeira vez no ano de 2004 e reprisada no ano de 2009, deparei-me, novamente, com o termo cigano associado a um indivíduo que apresentava um comportamento desviante das normas sociais. Vale destacar que, na trama, o personagem que representava essa imagem recebia o nome de Cigano.

Decerto, todas essas imagens povoavam o meu imaginário. No entanto, a imagem do cigano, enquanto um indivíduo nômade, tinha o seu lugar de destaque. Por isso, fiquei surpreso ao perceber que os ciganos têm um lugar fixo, bem como possuem residências próprias. Afinal, nas representações coletivas, presentes no

senso comum, os ciganos são caracterizados com sendo indivíduos essencialmente nômades (MARTINEZ, 1898, FAZITO, 2006).

Como já mencionei acima, conheci os ciganos de maneira indireta. E, apesar do contato estabelecido no período quando realizei a pesquisa na graduação, seria necessário estar novamente com os ciganos da Cidade Alta. Fazendo uma alusão a Geertz (1998), meu interesse, agora não é estudar os ciganos da Cidade Alta, mas nos ciganos. Ou seja, ir as suas casas, aos lugares que frequentam no bairro, juntamente com a população local, ver a identidade cigana acontecer.

Não posso negar que durante os primeiros contatos, no ano de 2004, tive medo, isto é, receio de que os ciganos agissem de maneira agressiva diante da minha presença em suas casas, pois estava querendo saber a respeito de suas vidas e sobre tipo de relações que tinham com a população do bairro. Hoje, eu percebo que compartilhava um sentimento presente entre a maior parte da população do bairro, diante dos contatos que têm diariamente com os ciganos.

Com a convivência, esse medo foi sendo diluído, pois o contato fez com que estabelecêssemos relações de confiança, principalmente porque sempre deixei claro para os ciganos os objetivos da pesquisa. Além disso, passei a ser solicitado a auxiliá-los em algumas situações cotidianas. A exemplo, explicar o conteúdo das provas da escola aos seus filhos, fazer consulta ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), realizar contas de dívidas no mercantil “do Silva”.

Atualmente, os ciganos fazem parte do meu cotidiano, não apenas como interlocutores da minha pesquisa para o Mestrado, mas, como sujeitos sociais com os quais convivo, nos diversos espaços sociais que frequentamos na comunidade.

Na Cidade Alta há duas famílias de ciganos, a Alves dos Santos e a de Seu Cabó. No entanto, para efeitos desta pesquisa, escolhi a primeira, tendo em vista que os ciganos desta família foram os primeiros a chegar no bairro, por volta de 1980, como também enfrentaram, de maneira mais incisiva, a resistência da

população local. E como eles próprios dizem: *Nós abrimos os caminhos para esses outros ciganos que moram aqui.*

O que é ratificado pelos ciganos da família de seu Avelino, conhecido no bairro como Seu Cabó, quando esses dizem que não tiveram dificuldades de adaptação, pois já havia ciganos residindo no bairro, como também a sua forma de organização sociocultural não diferia da dos outros moradores da comunidade, pois desde a década de 1970 eram sedentários. Todavia, eles também convivem com o preconceito.

A família do Seu Cabó fixou-se na Cidade Alta no ano de 2000 e essa não tem parentesco com os ciganos da família Alves dos Santos. Questão esta que os Alves dos Santos sempre enfatizam ao falarem daqueles que pertencem ou não a sua família, pois parente é aquele que compartilha um sangue comum<sup>7</sup>.

Os filhos de seu Cabó<sup>8</sup> estabeleceram, ao longo desses anos relações estáveis com moradores (as) da comunidade, formando novas famílias que não vivem tão próximas geograficamente dentro da mesma, como os da família Alves dos Santos. Podemos encontrar suas residências em ruas como: Rua Higino Lourenço Silva e Av. Manoel Fidélis Maia.

Dois dos filhos de seu Cabó, Ricardo e Marcelo, têm como uma das fontes de renda a troca de carros e de casas. Apesar das minhas atenções não estarem voltadas diretamente para a família do seu Cabó, pude constatar, ao longo da pesquisa, que os outros moradores da comunidade estão atentos para a mobilidade deles na própria comunidade.

Segundo o Seu Cabó, desde o momento da sua chegada na Cidade Alta até os dias de hoje, ele já comprou e vendeu cerca de 10 casas na comunidade. Por isso, é comum encontrar em sua casa uma placa com esta inscrição: vende-se.

---

<sup>7</sup> A questão do parentesco e, por conseguinte, da família cigana será abordada no terceiro capítulo.

<sup>8</sup> O Seu Cabó tem quatro filhos: um filho homem do primeiro casamento, e três do segundo, sendo dois homens e uma mulher. Sua filha reside na sua casa com sua neta, pois seu marido mora em outra cidade.

O seu Cabó e sua esposa sobrevivem de aposentadorias da previdência social. Vale ressaltar, que o seu Cabó complementa a renda familiar com a venda de garrafadas, espécie de xarope produzido a partir de troncos de árvores e raízes de determinadas plantas encontradas nas imediações do bairro.

Essas duas famílias têm contato desde o período em que eram nômades. Nos dias de hoje, é possível encontrar os ciganos da família do seu Cabó nas residências dos ciganos Alves dos Santos, principalmente na casa de D. Zuleide. Sendo que esse contato dá-se com mais intensidade com os ciganos mais novos de ambas as famílias.

Assim, durante os meses de julho, agosto e setembro do ano de 2009, empreendi constantes visitas às residências dos ciganos, em especial à casa da Dona Zuleide Alves dos Santos, bem como à casa de vizinhos e outros moradores da comunidade. Além disso, fui aos diversos espaços frequentados pelos ciganos, no bairro.

Nos meses de julho e agosto dividia o meu tempo entre as residências dos ciganos nos finais de tarde e, principalmente, as dos moradores do bairro, pois precisava coletar dados para preparar o projeto para qualificação no que dizia respeito às relações ciganos e não-ciganos na comunidade. Ao mesmo tempo, ia aos diversos espaços sociais frequentados pelos ciganos no bairro, bem como tinha conversas informais com os eles, na maioria das vezes na casa da Dona Zuleide. No mês de setembro, iniciei as conversas formais com os ciganos mais velhos e dei continuidade à observação participante.

Nos meses de outubro e novembro, as visitas diminuíram, uma vez que comecei a organizar os dados coletados e porque ocorreram alguns problemas familiares entre os ciganos. Nesses momentos, percebi que não havia entre eles espaço para as minhas indagações. Por isso, alternava os dias ou ia apenas quando tinha alguma conversa formal programada com os ciganos mais novos.

Em um primeiro momento, tentei exercitar umas das etapas que, segundo Cardoso de Oliveira (1998), compõem o trabalho do antropólogo, o Olhar, pois este

nos possibilita conhecer a organização social e cultural da realidade em causa, à medida que é disciplinado por um arcabouço teórico que serve de guia ao selecionar o que deve ser visto.

Assim, pode-se apreender determinados aspectos e adquirir informações que permeiam o objeto de estudo e que, por conseguinte, servirão de base para indagações junto aos sujeitos pesquisados, como destaca Brandão (1998).

Eu me dirijo aos locais, procuro ver as diferentes situações em que aquilo está acontecendo. Uma pesquisa referente a festas e rituais religiosos, em que eu vou nesses lugares, as melhores pesquisas que eu fiz a respeito disso foram aquelas em que eu cheguei ao local antes do acontecimento que eu queria pesquisar, convivi um pouco com as pessoas, assisti a ensaios, vivi o contexto da preparação da festa, e depois vivi a festa nas suas diferentes situações: pessoal acordando, se reunindo, começando a fazer a coisa; o pessoal, de repente, vivendo um momento importante do ritual. E eu vivi o depois, depois que a coisa acabou e u fiquei lá, voltando aos locais com as pessoas, indo à casa delas. A memória está quente, as pessoas estão ainda embriagadas pelo que viveram, querem falar, querem comentar, inclusive, querem dizer em cima do que aconteceu. Eu estou coletando, estou anotando. Eu estou, inclusive, fazendo croquis das situações. Como é que num determinado momento, ou de trabalho familiar ou então de ritual, as pessoas estão ali organizadas: eu desenho a posição, o pai, o filho ou então, esse dançador aqui, e assim por diante. Em cima disso, eu estou perguntando às pessoas. Muitas vezes, nesse momento, ao mesmo tempo em que estou vendo e anotando, eu estou perguntando às pessoas (BRANDÃO, 1998, pp. 19-20).

Nesse sentido, não direcionei o meu olhar apenas para os ciganos em seu espaço doméstico, pois a sua identidade é atravessada pelas relações sociais que estabelecem com a população do bairro. Por isso, eu quis olhar esses ciganos nas praças, no posto de saúde, na escola, ou seja, nos diversos espaços onde a sua vida e, por conseguinte, a sua identidade, acontece e se constrói.

Enquanto olhava, fazia anotações em uma pequena caderneta de bolso. No caso dos ciganos, essa prática incomodava-os, chegando a ficarem inquietos, pois eu não lhes fazia nenhuma pergunta direta. Às vezes, pediam para ver as minhas anotações. Em outros momentos, diziam, em tom de riso, para eu ter cuidado sobre o que escrevia a respeito deles. Com o passar dos meses, o uso da caderneta me rendeu um apelido, por parte de Rubenigue, cigano: “o homem da caderneta”.

Nessas situações, procurava explicar-lhe que essa era uma das etapas do meu trabalho de pesquisa e que o meu objetivo era compreender como eles se reconhecem como ciganos, bem como fazia uma escolha do que ouvia quando conversavam entre si, mas, que chegaria o momento quando eu teria muitas perguntas a fazer.

Diante da possibilidade de terem que responder às perguntas, os ciganos começavam a indicar quem eu deveria procurar para conversar, principalmente Dona Zuleide, uma vez que, sendo a mais velha, teria maior quantidade de informações sobre o passado. Assim, tentava esclarecer que queria ver como cada um deles, enquanto ciganos, elaboram e dão sentido a sua identidade.

Depois de meses de observação, conversas informais, explicações sobre os objetivos do meu trabalho de pesquisa, chegou a hora de ouvi-los. Como destaca Cardoso de Oliveira (1998), ao perguntar, o antropólogo escuta os indivíduos e tenta compreender como eles concebem a sua realidade, ou seja, como dão sentido ao que vivenciam cotidianamente. Por isso, o **ouvir** permite chegar ao “modelo nativo”.

[...] a obtenção de explicações; dadas pelos próprios membros da comunidade investigada, permitiria se chegar àquilo que os antropólogos chamam de “modelo nativo”, matéria-prima para o entendimento antropológico. Tais explicações nativas só poderiam ser obtidas por meio da “entrevista”, portanto de um Ouvir todo especial. Mas, para isso, há de saber Ouvir (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p. 19).

Entretanto, quis dar ao momento de **ouvir**, tanto com os ciganos como com a população local, a designação de conversas gravadas. Isso não quer dizer que estas conversas não eram guiadas por um roteiro. Pelo contrário, elas tinham questões a serem discutidas, compreendidas, explicadas. Por isso, as vejo como constantes diálogos em que visões de mundo foram compartilhadas. Às vezes, tinha que mostrar sensibilidade ao colocar determinadas questões em discussão, a exemplo de como os ciganos lidam com o preconceito. Outras vezes, envolvia-me a tal ponto, que não me sentia apenas como um pesquisador.

Diante das observações feitas com a população não-cigana e com os ciganos, destaquei alguns pontos que se tornaram pertinentes. Com a população

não-cigana, quis entender como é conviver com essas pessoas do bairro que se identificam e são identificados como ciganos. Já com os ciganos, tive que ser mais pontual em alguns aspectos, uma vez que, além de entender como eles se sentem ciganos atualmente, busquei recuperar um pouco da história do passado, enquanto andarilhos, e os primeiros anos de vivência na Cidade Alta.

Dessa forma, as conversas com os ciganos tinham quatro partes específicas: o passado de andarilhos; a chegada na Cidade Alta e o processo de adaptação; como se dão as relações com os não-ciganos; e por fim compreender a permanência do sentido de ser cigano, a organização social do grupo enquanto família, e como a linguagem se constitui enquanto sinal diacrítico diante da população local.

Devo destacar que, quando realizei a minha primeira pesquisa com os ciganos, no ano de 2004, estes preferiam narrar as histórias sobre o passado enquanto eram nômades. No entanto, hoje eles falam com mais facilidade sobre o presente, mesmo que expressem que o passado continua sendo um ponto de referência para afirmarem a sua condição. Por isso, em alguns momentos, incluo informações adquiridas no período da pesquisa da graduação.

Foram realizadas 20 conversas gravadas com a população local, além de diversas conversas informais. Estes interlocutores podem ser divididos em dois grupos: vizinhos que residem nas mesmas ruas que os ciganos e pessoas do bairro com quem os ciganos tiveram/têm algum tipo de contato, seja através de amizades ou de atividades comerciais, em lugares de diversão.

No que diz respeito aos ciganos, foram realizadas várias conversas, tanto com os mais velhos, ou seja, aqueles que experimentaram a vida de andarilho, bem como com os mais novos.

Além disso, realizei um censo demográfico da população cigana na Cidade Alta, tendo em vista que, no processo de contagem da população realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), não são consideradas as diversas etnias componentes da sociedade. O censo que privilegiou os ciganos da

família Alves dos Santos e de Seu Cabó, desembocando na seguinte distribuição populacional:

**Tabela 1 – População cigana na Cidade Alta, Limoeiro do Norte - Ce**

Família Alves dos Santos	Família do Seu Cabó
28	12

**Tabela 2 – População cigana por faixa etária**

	F.A.S	F.S.C
De 0 a 10 anos	09	02
11 a 20	07	04
31 a 40	02	02
41 a 50	04	03
51 a 60	05	-
61 a 70	-	02
Mais que 70 anos	01	01
TOTAL	28	12

F.A.S = Família Alves dos Santos, F.S.C= Família do Seu Cabó

**Tabela 3 – População cigana distribuída por sexo**

	F.A.S	F.S.C
Homens	16	08
Mulheres	12	04

Atualmente, os Alves dos Santos residem em três ruas que ficam nas proximidades da Rua Francisco de Holanda Martins, que dá acesso a um dos pontos do bairro, conhecido popularmente como Vila da Paz. A única exceção diz respeito à casa de Iza Alves dos Santos, neta de D. Zeiná, que está localizada na Rua Joaquim Victor de Oliveira, conhecida pela população como Buraco da Jia. Ambas ruas são de fácil acesso e ficam próximas. Assim, não há dificuldade de transitar por elas.

Nessas ruas os ciganos encontram-se divididos em oito residências. Entretanto, concentrei minhas observações junto aos ciganos na residência de Dona Zuleide, que fica localizada na Rua Francisco de Holanda Martins, uma vez que a calçada de sua casa é um local encontro para os ciganos, nos finais de tarde<sup>9</sup>.

Assim, todas as tardes seguia de bicicleta para lá, sem horário certo de retornar para casa. E, pouco a pouco, fui apreendendo histórias de vida, as relações com a população local e, principalmente, como eles ainda sentem-se e reconhecem-se como ciganos diante dos outros.

Os primeiros ciganos estabeleceram residência fixa na Cidade Alta por volta década de 1980. As irmãs Zeiná Alves dos Santos, falecida no ano de 2008, e Zuleide Alves dos Santos, foram as primeiras a chegar, juntamente com os seus filhos, não retomando mais a vida de andarilhos. Seus filhos casaram entre os de sua própria comunidade, com parentes de outras cidades ou não-ciganos da comunidade onde residem, constituindo novas famílias.

É necessário que se diga que a chegada dos ciganos na Cidade Alta ocorreu um ano após a criação do Bairro<sup>10</sup>. Logo, a maior parte dos ciganos que reside hoje na comunidade, nasceu ou criaram-se ali. Assim, são vistos como pessoas que fazem parte da comunidade. Ao contrário do que acontece com os ciganos em Sousa – PB, que sedentarizam na cidade entre os anos de 1982 e 1986, com o apoio do político Antônio Mariz, que doou-lhes um espaço, sendo vistos como “estrangeiros”.

Apesar dos grupos ciganos localizarem-se a aproximadamente 3 km do centro da cidade, estando, especialmente próximos da população não cigana, não se desenvolveu na cidade um contexto de interação amigável, sendo os ciganos tidos como eternos nômades, não se enquadrando um processo de familiaridade. [...]. Assim, como os “outros” da cidade, representam uma desordem que se opõe à estabilidade. A população reconhece nos ciganos a figura do “estrangeiro”, o que representa um valor operacional na disputa por

---

<sup>9</sup> A respeito dessa questão, discutirei no terceiro capítulo.

<sup>10</sup> O bairro Cidade Alta foi criado em 1979 para abrigar as populações ribeirinhas do município de Limoeiro do Norte que foram atingidas por uma série de enchentes neste ano. Ver: LIMA, Maria Aurineide. O outro lado da ponte. Limoeiro do Norte, 1997. Monografia apresentada no Curso de História. FAFIDAM/UECE.

capitais econômicos e simbólicos, fundando ou solidificando a identificação local (GOLDFARB, 2004, p. 85).

Cada uma chegou com quatro filhos. Os de Dona Zeiná, com exceção de Laertí, ainda moram na Cidade Alta: Diomédio, Bonfim e Laení. Enquanto os filhos de Dona Zuleide residem todos no bairro: Carnerim, Santos, Jucileide e Ducileide.

Antes da vinda para a Cidade Alta, os ciganos moraram durante cinco anos em uma comunidade do município de Alto Santo, André Dias, distante cerca de 65 km de Limoeiro do Norte. A decisão de virem para Cidade Alta foi motivada, de forma significativa, pelo interesse de D. Zeiná de que os seus filhos estudassem e tivessem um emprego.



Zeiná Alves dos Santos<sup>11</sup>

Para a maior parte dos ciganos, essa decisão tomada pela D. Zeiná é vista de forma positiva, uma vez que, ao analisarem sua trajetória de vida percebem que depois do momento em que passaram a viver em um lugar fixo, a vida melhorou muito, pois conseguiram empregos, colocaram os filhos na escola, construíram

---

<sup>11</sup> Foto tirada no ano de 2006. In: Arquivo pessoal do pesquisador. Ao lado da D. Zeiná está a sua bisneta Fernanda, filha da sua neta Iza Alves dos Santos.

casas. Não é por acaso que dizem que ela “teve visão de futuro”, como também abriu os caminhos para as gerações mais novas no que diz respeito à convivência com a população da comunidade.

Quando chegaram na Cidade Alta, os ciganos começaram a morar em casas alugadas. À medida que as suas condições financeiras melhoram e a maior parte dos homens conseguiu empregos, construíram as suas próprias residências.

Nos primeiros anos, a adaptação à nova vida encontrou considerável resistência da população local, que não via com bons olhos a chegada dos ciganos. É disso que nos fala dois moradores da comunidade que, desde a infância, têm contato com os ciganos.

Quando eles vieram e chegaram aqui, eles tinham dificuldade até do nosso relacionamento. Em virtude da gente ter vindo de outra área; dos pais ter vindo de outra região. Então, assim tinha essa dificuldade né? E conseqüentemente com eles também porque alguns era acampado. Eu não lembro assim na década, no dia na década de 80 que tinha um tanque aqui na, no final da rua Maria José. Um tanque de cimento que era onde juntava todas as pessoas pra lavar roupa, né? E depois lá, antes pegava as águas e depois lavava a roupa. A meninada ia pra dentro brincar. E assim na época quando chegava algumas famílias que os ciganos estavam lá, a gente via a diferença. Assim de chegar próximo né, pra conversar sabe (Antônio Nevildo Bessa, funcionário público, jul/09).

Tinha, tinha. Mas já por esse motivo. Porque o povo tinha o complexo, o medo da agressividade deles, que eram mal. Porque o nome cigano vem de tradição que seriam pessoas corruptas. Era pessoa que mexia no que era dos outros, pessoas que matava simplesmente, que invadia. Então, o povo sempre teve esse medo. Então, quando eles chegaram por aqui, a galera daqui passaram a temer de alguma forma. Até jogo de futebol, temia porque eles eram ciganos. Mesmo que eles não agissem de forma no momento, mas tinha aquele peso, sabe (Damião Ferreira de Sousa, Bião, instrutor de musculação, ago/09).

Entretanto, os ciganos procuram não falar muito sobre este assunto ou então, limitam-se a narrar as situações em que o preconceito emergia e os possíveis conflitos eram gerados. Isso acontece porque ao trazerem a tona esses acontecimentos, os ciganos entendem que estão ratificando o caráter conflitivo a que também são associados. Dessa forma, conclui-se que a história dos ciganos na Cidade Alta é feita de inúmeros esquecimentos, sejam daqueles fatos que não

ficaram guardados na memória ou dos que escolheram não lembrar (POLLAK, 1992).

Mesmo assim, os ciganos admitem que, nesse período, havia dificuldade de relacionamento com a população do bairro, motivada pelo preconceito em relação à condição étnica e, principalmente em relação a determinadas imagens “negativas” que lhes eram atribuídas. Mas, essa situação nunca foi motivo para que negassem a sua etnia ou deixassem de frequentar algum espaço social na comunidade. Assim, nos relatos colhidos durante a elaboração de minha primeira pesquisa, estes afirmaram que não vieram para Cidade Alta como ciganos.

O primeiro contato com as pessoas, não foi bom não. Foi estranhado. Não. Nós não viemos como cigano. Nós viemos morar de casa mesmo. Foi, a gente alugou casa e depois construímos (Laení Alves dos Santos, jul/04).

Ao dizer que *não vieram como cigano*, Laení quis enfatizar que, após a chegada no bairro, estabeleceram endereço fixo, bem como foram morar em casas. De algum modo, essa afirmação opõe-se diretamente ao *mito do nomadismo* associado aos ciganos (FAZITO, 2006). Para Liégeois (apud FAZITO, 2006), o caráter nômade atribuído aos ciganos apresenta-se de diversas maneiras.

Ora o nomadismo se apresenta como uma instituição cultural – como a família ou a religião – ora se transforma em atributo e, como qualquer traço cultural, torna-se um artefato catalogável, observável e manipulável, como as vestimentas que o cigano carrega consigo. Ainda nesse oceano de nomes e significados, muitas vezes o nomadismo é identificado como uma ideologia, como atributo genético (instinto) ou como ‘estado de espírito’ (FAZITO, 2006, p. 716).

No entanto, D. Zuleide tem uma opinião contrária a dos demais ciganos. Para ela, a convivência com as pessoas do bairro sempre foi “boa”, pois já conhecia alguns moradores da comunidade. O que se refletia na ausência de preconceitos.

**E nesses primeiros anos, vocês tiveram dificuldade de se adaptar, conviver com a população da comunidade?**

Não. Não. Já tinha gente que a gente conhecia.

**Então, desde o início houve uma boa convivência com as pessoas?**

Tinha. Tinha.

**E apesar dessa boa convivência com as pessoas da comunidade, a senhora percebia que ainda havia alguma forma de preconceito?**

Não. Não existia não. Aqui era muito pouca casa quando eu vim conviver. Nós tinha muito amizade na casa do Chiquinho de Aridina. Com os filho dele, a família (Zuleide Alves dos Santos, cigana, out/09).

Apesar de terem endereço fixo, os ciganos mantinham, como meio de sobrevivência, algumas práticas reconhecidas socialmente como compositoras da “cultura cigana”. Entre elas, podemos destacar que alguns homens ganhavam dinheiro com trocas de objetos<sup>12</sup> e algumas mulheres colocavam baralho, tanto no centro da cidade de Limoeiro do Norte, como em cidades vizinhas:

Nós cortava baralho. Nessa época nós cortava baralho. Eu saia pra cortar baralho mais minha sogra [a sogra a quem ela se refere é D. Zeiná]. E o Bonfim nessa época não trabalhava não. Só fazia, trocava algum rádio, relógio. Essas coisas, sabe. Ele vivia de troca (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, cigana, ago/09).

Os ciganos também reconhecem que o modo deles se comportarem diante das pessoas não-ciganas era diferente, como também as mulheres ciganas usavam vestimentas longas, principalmente vestido com mangas compridas.

As roupas, o modo de vestir, o modo de ta no meio do povo era diferente. Nós somos as mesmas pessoas, mesmo jeito. Mas porque a gente tinha, não tinha a convivência com aquele povo e achava que. Se aproximar das pessoas, nosso jeito de vestir. As nossas roupa era cumprida. O vestido mais de manga. Aí a gente foi se soltando mais. Eu mesmo rapaz, meu irmão brigava porque eu vestia minissaia, short curto. Meu irmão não queria de jeito nenhum. Eu vestia escondido dele. Aí eu saía com minhas amigas, deixava a roupa lá. Deixava as roupa cumprida que sai da minha casa, e vestia aquelas ropinhas. Aquelas blusa pra sair com minhas amigas. Ele não deixava (Laení Alves dos Santos, cigana, set/09).

A população local também considera que as roupas utilizadas pelos ciganos serviam como elemento para distingui-los diante dos outros, ou seja, dos não-ciganos.

As roupas assim, eles não tinham preocupação. A gente via calça rasgada sabe. Assim, era um povo assim que você conhecia fácil.

---

<sup>12</sup> É necessário destacar que nesse mesmo período alguns homens ciganos tinham empregos na cidade de Limoeiro do Norte.

Quando você via descendo o alto, por exemplo, a gente morava aqui em baixo; eles vinham descendo o alto, quando eles vinham descendo já percebia que era cigano. É um cigano. Era fácil você perceber certo (Antônio Nevildo Bessa, funcionário público, jul/09).

Dessa forma, as roupas usadas pelos ciganos constituíam-se um traço cultural que possibilitava estabelecer objetivamente diferenciações entre ciganos e não-ciganos na Cidade Alta. O que, segundo os próprios ciganos e a população local, não acontece atualmente.

E eu digo assim, eu acho que hoje em dia eles já se, se vestem da maneira que nós se vestimos. Assim, não tem diferença nenhuma, de dizer assim, não ela é cigana. Eu acho que não. Mudou muito. Hoje eu vejo assim, mudança neles (Professora do bairro, jul/09).

Em relação aos comportamentos que os diferenciavam, obtive poucas informações, tanto dos ciganos como dos não-ciganos. Para os ciganos, essas diferenças relacionavam-se à ausência de determinadas práticas presentes entre a população local.

Eu acho que nossa vida mudou muito depois que nos viemos morar aqui. Porque nós viemos um povo, saímos de um povo sem lei e com costumes completamente diferente, né? Era os costume. É assim, não tinha responsabilidade de casa, de colégio, né? De ter responsabilidade de comprar fiado em mercantil e pagar né? Ninguém tinha. Antigamente, ninguém tinha isso, né? (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

Atualmente, os ciganos compartilham todas essas práticas que estão presentes na forma de organização social da vida cotidiana da população local. No entanto, suas relações com os moradores são mediadas pelo preconceito associado a determinados estigmas<sup>13</sup>.

Outro elemento que também marcava essa distinção era uma linguagem própria dos ciganos, que era utilizada juntamente com a língua portuguesa. Vale ressaltar que essa linguagem ainda é utilizada pelos ciganos, ainda que em menor intensidade. Para a população local, essa linguagem é um elemento que os diferencia.

---

<sup>13</sup> A respeito dos estigmas, abordarei mais detalhadamente no primeiro capítulo.

Até que no início, é há vinte anos atrás, as pessoas diziam que eles tinham uma linguagem diferente, que eles se comunicavam entre eles. E que a gente não entendia nada. Mas eu mesmo nunca pude presenciar tal coisa não. Se isso acontece, mas assim eu nunca presenciei não, certo? (Lourinalva de Lima Silva, professora, jul/09).

Ao mesmo tempo que os diferenciava, essa linguagem era motivo de desconfiança por parte da população não-cigana, uma vez que, por não terem conhecimento dela, achavam que os ciganos podiam, a qualquer momento, falar mal a respeito deles.

Tem uma linguagem que às vezes eles se comunicam que a gente não entendia né? E aí isso formava um certo medo da gente também né? Porque de repente eles tavam falando mal da gente e a gente não sabia né? Ai, assim, a gente via logo aquela questão: os mais velhos diziam não confiem nessas pessoas quando elas falam nessa língua que a gente não entendia. Aí a gente ficava com medo (Antônio Nevildo Bessa, funcionário público, jul/09).

Diante disso, podemos concluir que a presença desses traços característicos de uma ciganidade alimentava, diariamente, o preconceito em relação aos ciganos da Cidade Alta. Por isso, mediante a convivência com a população local, os ciganos foram, pouco a pouco, deixando de lado essas práticas culturais, mudando, portanto, a forma de organização da vida sociocultural.

É, aos poucos você vai. A pessoa vai observando que você vai mudando né? Porque você vai aprendendo a ler. Você vai vendo o comportamento daquela outra pessoa, o modo daquela pessoa vestir, o modo daquela pessoa falar. Aí você vai se acostumando com aquele modo né? Aí vai tendo aquelas mudanças (Francisco Alves dos Santos, Santos, cigano, set/09).

A respeito dessas mudanças a cigana Iza considera que a maneira dela vestir-se e comportar-se diante das outras pessoas sempre foi a mesma e que os ciganos da sua família não tiveram que se adaptar à forma de organização sociocultural para serem aceitos pela população local.

Na minha vida, nem mudou de se comportar na sociedade. Nem de me vestir. Toda vida eu fui de um jeito só. Eu tenho 32 anos, que eu me entendo de gente. Toda vida eu fui de um jeito só. [...] Até onde eu sei. Eu entendo não. De jeito nenhum (Iza Alves dos Santos, set/09).

Já para a população local, essas mudanças pelas quais os ciganos passaram eram visíveis e proporcionaram uma melhor aceitação por parte da comunidade.

Eu acho que sim. Por isso, que eu acho que hoje em dia não tem mais tanto esse preconceito. Eu acredito que ainda existe um pouco. Mas eu acredito assim que o preconceito com os ciganos. Tem gente. Você antes, eu acho que você sabia que só andava com cigano antigamente. Eu não acredito que você não tivesse muito certo não. Esse é cigano. Eles tinham uma diferença. Mas hoje, eu acho que você nem conhece mais. Você não consegue diferenciar um cigano de outra pessoa. Pra mim, eu, os que conheço de muito tempo. Onde eles moram que a gente conhece. Que tem assim uma boa relação. Eu não vejo mais essa diferença tão grande, não. (Argentina Maria Maia de Andrade, professora, jul/09)

Segundo Erving Goffman (1963), a questão da aceitação é fundamental para aquele indivíduo ou grupo social que apresenta algum estigma reconhecido socialmente. Assim, muitas vezes estes procuram corrigir o seu “defeito” com o objetivo de serem vistos como uma pessoa comum. Ainda segundo Goffman, tal tentativa não leva necessariamente o indivíduo a esconder seu defeito.

Na Cidade Alta, os ciganos começaram a organizar a sua vida sociocultural de acordo com os padrões e modelos fornecidos pela população local. Atualmente, os homens trabalham em firmas localizadas no próprio município de Limoeiro do Norte ou municípios vizinhos. As mulheres cuidam do lar e dos filhos. E as crianças e adolescentes em idade escolar estão matriculados nas escolas do bairro ou do centro da cidade.

Tendo em vista essas mudanças, a população local reconhece, por um lado, que não há diferenças entre eles e os ciganos no bairro, por outro, consideram que há um elemento que os diferencia, isto é, a linguagem:

Quase nada, pouco. Algumas coisas, principalmente assim na forma de conversar. Assim, na forma de se expressar. Aí a gente nota que eles são ciganos, sim. Que eles têm aquela diferença na voz, no jeito de falar. [...] Já ouvi esse linguajar assim, de cigano. Quando eu to junto com eles, assim num aniversário, uma conversa. Assim, quando eu paro para conversar com eles, alguns deles. Já

presenciei várias vezes, é o sotaque diferente mesmo de cigano (Luiz de Paula Martins, fotógrafo, ago/09).

O conhecimento de que os ciganos têm uma linguagem própria pressupõe, necessariamente, o reconhecimento de diferenças de ordem cultural. Isso nos leva a perceber que as fronteiras entre grupos sociais são construídas a partir da interação. Logo, ao mesmo tempo em que essas fronteiras são delineadas, identidades são construídas ou afirmadas.

Dessa forma, tendo em vista o contexto de interação que os ciganos da família Alves dos Santos vivem, o objetivo central deste trabalho é compreender como diante das mudanças ocorridas ao longo de quase trinta anos de vivência na Cidade Alta, esses indivíduos ainda sentem-se e reconhecem-se como ciganos, diante da população local. Decorre daí a necessidade de identificar os elementos escolhidos para manifestar a identidade étnica cigana, garantindo, portanto, a permanência do sentido de grupo.

Nesse sentido, a identidade étnica precisa ser pensada em termos de “adscrição”, como propõe Barth (1998). Assim, o grupo étnico deve ser visto como um tipo organizacional cujos membros são indivíduos que se auto-identificam e são identificados como portadores de uma identidade supostamente baseada na sua origem e formação.

Concentrando-se naquilo que é socialmente efetivo, os grupos étnicos são vistos como um tipo organizacional. Então, o traço fundamental [...], ou seja, a característica da auto-atribuição por outros a uma categoria étnica. Uma atribuição categórica é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente (BARTH, 1998, pp. 193-4).

Isso implica em perceber que a identidade é construída a partir das relações sociais e, não levando em conta a soma das diferenças objetivas ou o isolamento geográfico, pois é no momento de interação que as diferenças são melhores percebidas e onde fomentam-se as fronteiras entre grupos. Por isso, ainda que as unidades étnicas pressuponham diferenças culturais, a cultura deve ser vista como

um produto da ação do próprio grupo e não como condição básica para a sua definição (BARTH, 1998).

Logo, os conteúdos das fronteiras étnicas podem variar e, por isso, o que deve ser considerado como significativo para efeito de identificação são os elementos eleitos pelos próprios indivíduos para expressar a filiação a um determinado agrupamento étnico, estabelecendo, portanto, os limites de pertença.

É importante reconhecer que, embora as categorias étnicas tomem em consideração as diferenças culturais, não podemos deduzir disso uma simples relação de um para um entre as unidades étnicas e as semelhanças e diferenças culturais. As características que são levadas em consideração não são a soma das diferenças “objetivas”, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significativas (BARTH, 1998 p. 194).

Dessa forma, os indivíduos ou grupos podem lançar mão de diversos mecanismos para exprimirem a sua identidade (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976), pois essa *realiza-se com uma ideia de situação, e transforma-se quando as condições sociais de sua necessidade também transforma-se* (BRANDÃO, 1976). Dito de outra maneira, Cardoso de Oliveira, insiste na necessidade de identificar os mecanismos através dos quais os indivíduos ou grupos manifestam as suas identidades, o que possibilita visualizar e analisar a emergência da identidade étnica.

Contudo, para o delineamento da identidade social, em sua expressão étnica, a apreensão dos mecanismos de identificação nos parece fundamental. Fundamental porque eles refletem a identidade em processo. Como é assumida por indivíduos e grupos em diferentes situações concretas. A investigação desse processo nos levará a diferentes formas de identificação, empiricamente dadas, de modo a permitir o conhecimento da emergência da identidade étnica (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, pp. 4-5).

Para Manuela Carneiro da Cunha (1986), a identidade étnica é uma “construção simbólica” elaborada de maneira situacional e contrastiva e, por conseguinte, a etnicidade consiste em uma categoria nativa marcada por um discurso político reivindicatório em que os atores sociais invocam uma origem e cultura comuns.

[...] mas a perspectiva acarreta também que a etnicidade não difere, do ponto de vista organizatório, de outras formas de definição de grupos, tais como grupos religiosos ou de parentesco. Difere isto sim, na retórica usada para se demarcar o grupo, nestes casos uma assunção de fé e genealogias compartilhadas, enquanto na etnicidade se invocam uma origem e cultura comuns. Portanto, não mais que estes grupos, a etnicidade não seria uma categoria analítica, mas uma categoria “nativa”, isto é, usada pelos agentes sociais para os quais é relevante (CUNHA, 1986, p. 117).

Isso é algo recorrente nos processos de afirmação étnica em que os indivíduos precisam demarcar a fronteira do grupo em questão. Nessa perspectiva, a história e a memória desempenham um papel relevante. De acordo com Michel Pollak (1992), a memória, ao atuar de forma seletiva, organiza os elementos comuns compartilhados pelo grupo, compondo a sua identidade e fazendo com que se diferenciem dos outros, dando o sentido de conformidade e continuidade para um indivíduo ou um grupo no processo de “reconstrução de si”.

Podemos dizer, portanto que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

Assim, toda vez que os ciganos da Cidade Alta vão afirmar a sua condição, voltam-se para o passado e invocam a descendência dos ciganos errantes. Por isso, eles sempre fazem referência aos seus antepassados e chegam a dizer que possuem uma língua própria que herdaram dos antigos ciganos, isto é, daqueles que eram nômades e andavam pelo mundo sem lugar certo para fixar residência.

Cigano é da descendência dos mais velhos que vivem andando pelo meio do mundo a cavalo. Aí ficou essa descendência de ainda hoje ser cigano. Assim, cigano. [...] Existe uma linguagem dos ciganos assim que é uma língua diferente de vocês que já vêm dos descendentes (Laení Alves dos Santos, jul/04).

Max Weber (2004) já apontava a importância atribuída à descendência comum, ao discutir sobre a formação de comunidades étnicas. Segundo este autor, uma ação comunitária pode ser desenvolvida a partir da articulação de diversas variáveis, tais como descendência comum, pertinência de raça, sangue, memória, língua, culto, *habitus* cultural. E o que surgirá como demarcador das fronteiras da

comunidade e, por conseguinte, de pertencimento, dependerá das relações nas quais os indivíduos estão envolvidos. Por isso, a identidade é sempre uma construção.

Nesse sentido, a crença em uma origem comum, real ou imaginária, pode funcionar como criadora de comunidade, mesmo que não seja fundamentada em valores comuns, proporcionando, portanto, a formação de grupos étnicos. Dito de outra maneira, a ancestralidade é uma condição fundamental, em Weber, para a definição do grupo étnico.

[...] chamamos de “grupos étnicos”, aqueles grupos humanos que, em virtude de semelhanças no habitus externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem a crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva (WEBER, 2004, p. 270).

Segundo Weber (2004), os grupos étnicos nutrem a crença subjetiva em uma origem comum utilizada para justificar suas ações no presente. A exemplo da reivindicação de um território específico. Na Cidade Alta, essa crença é utilizada entre os ciganos da família Alves dos Santos para garantir a legitimidade da identidade e a ideia de um “nós” coletivo. O que se manifesta em afirmações do tipo “cigano é muito unido”, “têm sangue de cigano” ou “todos nós aqui são de uma família só”.

Aqui tem a família da gente que mora de muito tempo na comunidade. As famílias já viveram aqui e a casa é da gente. [...] **São muito unido cigano. A melhor coisa. Tem uns que tem sangue. São tudo da mesma família.** (Ducileide Alves dos Santos, cigana, jul/04) [grifos meus]

Segundo Kathy Woodward (2000), a identidade, enquanto um construto relacional, é tanto simbólica como social. Enquanto meio simbólico, dá sentido às ações dos sujeitos diante das relações sociais, promovendo, assim, a distinção social.

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos

sentidos a práticas e as relações sociais, definindo, por exemplo, que é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferenciação são “vivas” nas relações sociais (WOODWARD, 2000, p. 14).

Dessa forma, os ciganos articulam as noções de história, origem comum e sangue como suportes da sua identidade, encontrando, na linguagem um elemento que possibilita marcar a diferenciação diante dos outros. Logo, a família constitui-se enquanto modelo de organização social que garante o sentido de união e coletividade/grupo.

A dissertação está dividida da seguinte maneira. No primeiro capítulo, apresento e analiso como se dão as relações cotidianas entre ciganos e não-ciganos na Cidade Alta, bem como as representações construídas pela população da Cidade Alta para definir estes sujeitos sociais.

No segundo capítulo, analiso os elementos utilizados pelos ciganos para fundamentar e legitimar sua identidade étnica. Nesse sentido, os ciganos invocam a crença em uma origem comum e afirmam que têm o mesmo sangue e pertencem à mesma família. Por isso, continuam sendo ciganos. A família aqui deve ser entendida no sentido mais amplo, ou seja, aquela que envolve os parentes da família Alves dos Santos que residem na Cidade Alta, substancializando, portanto, o sentido de grupo. Logo, encontram na linguagem um traço que possibilita-lhes estabelecer distinções.

No terceiro capítulo, discuto como se constrói a identidade dos ciganos mais novos, ou seja, daqueles que não experimentaram a vida de andarilho. Assim, é possível perceber que estes ciganos tomam como referência os mesmos elementos que os ciganos mais velhos utilizam para fundamentar sua condição. No entanto, em decorrência do preconceito que permeia as relações estabelecidas com a população da Cidade Alta, procuram evitar qualquer traço compositor de uma “ciganidade” que os distinga dos outros, bem como negam/manipulam a sua condição étnica em determinadas situações.

## 1. Identificando os ciganos na Cidade Alta: o olhar do outro.

Como assinalei anteriormente, na Cidade Alta não há qualquer forma de segregação em relação aos ciganos, no sentido de que procura-se manter um distanciamento ou impedir a presença deles, nos espaços sociais que frequentam, cotidianamente, no bairro, devido a sua condição étnica.

Preconceito mesmo, aquela coisa assim de barrar a convivência de um filho, alguma coisa assim a gente não vê. Mas de serem apontados, de a pessoa até saber o nome, mas ao invés de se referir aquele é João, Maria; se refere aquele é cigano, aquela pessoa ali é cigana. A gente ainda vê hoje em dia, e com frequência (Maria Lourinalva Lima da Silva, professora da comunidade, jul/09).

Além de não serem designados através de seus nomes próprios, é possível encontrar pessoas que indagam outras se determinado indivíduo é cigano; ou então usa-se o termo de *cigano* como uma forma de identificá-los diante dos outros. Isso se dá através do uso de expressões como: “lá vem o cigano” ou “é filho de cigano”. É necessário destacar que isso acontece de maneira que os ciganos não percebam.

Nas situações apresentadas acima, ao identificar determinados indivíduos como ciganos a população local estabelece uma diferenciação entre quem é ou não cigano na comunidade. O que não é recorrente. De forma similar, os ciganos também fazem diariamente essa distinção, quando classificam os não-ciganos de *juron* ou *jurin*, bem como as suas variações<sup>14</sup>: *juronzinho*, *jurinzinha*, *juron veí*.

Por outro lado, a identificação desses indivíduos, diante de acontecimentos envolvendo outros moradores da comunidade, assume outras conotações, uma vez que passam a ser definidos a partir de imagens estereotipadas.

Uma moradora do bairro comentou sobre a visita que iria receber do filho de uma amiga e demonstrou preocupação com o fato de que, após chegar a sua casa, ele quisesse sair e demorasse a voltar, principalmente à noite. Ou então, dele

---

<sup>14</sup> Os termos *juron* e *jurin* são palavras próprias da linguagem cigana que são utilizadas pelos ciganos para definir quem não é cigano. Sendo que a primeira refere-se aos homens, e a segunda as mulheres. Devo destacar que esses termos serão melhor analisados no decorrer da dissertação.

beber e envolver-se em alguma briga na praça, local muito frequentado pelos jovens do bairro, principalmente nos finais de semana. De acordo esta amiga, nesses dias ocorrem brigas e o “cigano Everton” sempre está envolvido nelas, pois todos têm medo dele.

Todavia, não interessa aqui discutir a ocorrência ou não desse tipo de conflito entre ciganos e não-ciganos na Cidade Alta, mas sim como, diante desse acontecimento, a identificação desse indivíduo, enquanto cigano, é associada à briga e, por conseguinte, à valentia.

A respeito dessas brigas, uma professora do bairro disse-me, após o término de uma conversa gravada, que quando isso ocorre, suas filhas e os vizinhos da rua onde mora referem-se ao mesmo rapaz como cigano, mesmo sabendo o seu nome próprio. Para esta professora, isso reflete o preconceito que há em relação aos ciganos.

Deve-se destacar que, diferentemente das outras pessoas, a fala da primeira situação acima se referiu a um cigano específico. O que não é uma prática comum entre a população do bairro ao se referir aos ciganos. A maioria restringe-se a tecer comentários acerca da convivência com esses sujeitos sociais, principalmente os vizinhos mais próximos, ou seja, aqueles que residem nas mesmas ruas que os ciganos.

Várias vezes, ao dirigir-me às casas dessas pessoas, enfrentei uma forte resistência em obter algum tipo de informação. Algumas chegavam a conversar comigo, mas não queriam que fosse feito nenhum tipo de gravação. Outras, ao saberem dos objetivos da conversa, diziam para eu ir embora, afirmando, enfaticamente, que a convivência com os ciganos “é muito boa” e que eles são pessoas normais. Por isso, não tinham o que dizer a respeito deles.

Em uma dessas minhas visitas, fui à casa de uma senhora que é conhecida, na Rua Francisco de Holanda Martins, onde reside, como Mundinha. Ao chegar em sua casa, fui bem recebido e convidado a sentar em uma cadeira que estava na área. Primeiramente, expliquei-lhe os objetivos da pesquisa e as razões que me

levaram a procurá-la. Poucos minutos depois, o marido dela surgiu na área e, ao escutar a nossa conversa, disse que não queria saber daquele tipo de assunto na casa dele. Dona Mundinha tentou contornar a situação, explicando que eu gostaria de conversar sobre as relações que eles têm com os ciganos. Para tanto, ela utilizou a seguinte frase: “Ele que saber se eles fazem mal a gente”. Diante disso, não foi possível dar continuidade à conversa, pois ele pediu para eu sair da sua casa; tampouco pude questioná-la em relação ao que tinha dito.

Então, voltei para a casa da Dona Zuleide, como de costume, pois já estava próxima a hora em que os ciganos se reúnem na calçada.

Além disso, os vizinhos sempre destacam que não frequentam a casa dos ciganos regularmente. Quando isto ocorre é porque são solicitados a ajudá-los, ou para resolver alguma situação cotidiana.

Aí, agora a gente assim, eu não, não frequento a casa deles, nem eles frequenta a minha. Assim, constantemente. Só quando eu vou resolver algum negócio né? Eu vou lá e falo. Agora quando eles precisam de mim, eles vêm aqui e eu ajudo. Esse tipo de coisa (Entrevista gravada em jul/09)

Durante o trabalho de campo, vivi outras situações semelhantes a estas descritas acima. As pessoas perguntavam se eu queria que elas falassem bem ou mal sobre os ciganos ou se os próprios ciganos tinham pedido para eu procurá-los, com a intenção de saber o que eles, os não-ciganos, tinham contra os ciganos.

Com o tempo, fui percebendo através das conversas formais, ou seja, aquelas que estavam sendo gravadas, como também das informais, que o receio das pessoas ao falar sobre a convivência cotidiana com os ciganos refletia um certo medo de exporem opiniões, pontos de vista; que pudessem ser mal interpretados pelos ciganos e, por conseguinte, tornassem motivo para algum tipo de repressão.

Isso ficou visível quando, em uma tarde de quinta-feira, fui à casa de uma moradora da comunidade que reside na Rua Francisco de Holanda Martins. Como já tínhamos conversado em outro momento, disse a ela que tinha voltado para saber da possibilidade de termos uma conversa gravada. Expliquei-lhe, mais uma vez, que

o meu interesse era compreender a convivência dela com esses indivíduos, que são reconhecidos como ciganos na Cidade Alta.

De maneira apreensiva ela me fez a seguinte pergunta: – *Você não vai me colocar em boca quente?* Ao utilizar a expressão “colocar em boca quente”, a senhora quis perguntar-me se eu comentaria com os ciganos o que conversaríamos. Respondi que o conteúdo do nosso diálogo ficaria entre nós, mas que eu poderia utilizar, ou não, no processo de escrita do meu trabalho de dissertação. Mas ela teria o direito de se identificar ou não. Mesmo assim, ela disse que não tinha interesse em ter nossa conversa gravada.

Tendo em vista essa recusa, indaguei-lhe se ela tinha medo de ser repreendida pelos ciganos por causa da exposição de suas opiniões, comentários. Imediatamente ela respondeu que sim, e complementou com a seguinte frase: – *Você sabe como é cigano, tem um gênio diferente;* e continuou dizendo que mesmo se falasse coisas para o bem dos ciganos, suas ações são imprevisíveis.

Ainda explicou o motivo da sua apreensão narrando que, em várias conversas que teve com a Laení Alves dos Santos, cigana, sua vizinha durante o período de três anos em que morou na rua Maria José Chaves de Almeida, esta asseverava que se *alguém* entrasse em atrito com alguém da sua família, todos “caiam de capote”, ou seja, a família se reuniria para resolver o problema de qualquer forma. No entanto, não deixou de salientar que têm uma boa convivência com os ciganos e que são pessoas iguais a qualquer outra pessoa na comunidade.

Gostaria de abrir um parêntese aqui para dizer que os moradores do bairro que moram mais distantes dos ciganos também têm esse mesmo receio, bem como aqueles que têm algum tipo de contato com os ciganos, seja através do comércio, nas escolas do bairro, bares ou academia de musculação.

Assim, ao conversar formalmente com um vendedor autônomo do bairro, ele se deteve a falar acerca do preconceito que há em relação aos ciganos. No entanto, quando desliguei o gravador, ele começou a fazer considerações acerca do assunto e a relatar situações nas quais presenciou outras pessoas fazendo comentários

preconceituosos em relação aos ciganos. E, para finalizar, afirmou que tinha feito referência a este assunto porque sabia que eu “não iria colocá-lo em boca quente”.

Portanto, percebe-se que na Cidade Alta o termo cigano é utilizado de diferentes maneiras para identificar os mesmos sujeitos sociais. No entanto, estes não são definidos, levando em consideração apenas determinados estigmas<sup>15</sup> depreciativos; como acontece entre os ciganos de Sousa, na Paraíba (GOLDFARB, 2004).

Durante o trabalho de campo e nas entrevistas com a população não-cigana na cidade de Sousa, verifiquei que a identidade cigana tende a ser definida através do estabelecimento de alguns estigmas: **Os homens roubam e as mulheres são rapariga. Essa estória de casar virgem é conversa fiada! (Maria, comerciante).**

**São todos assim, um bando de putas e de ladrões, coisa horrível! (Laura, estudante do ensino médio)** [grifos meus]

Assim, podemos dizer que o “cigano” representa um substantivo, com variedade de adjetivos correspondentes. Tal substantivo comporta qualidade que os definem, formadores de opiniões e de valores que moldam pejorativamente a figura do cigano. Através das falas percebi que em Sousa as representações que se têm dos ciganos referem-se a elementos extremamente depreciativos: o roubo e a prostituição. Além disso, a imagem cigana é costurada pelas noções de sujeira e fedor, que se constroem em oposição às noções de higiene, limpeza, cheiro e ordem (GOLDFARB, 2004, pp. 36-7).

Por um lado, os ciganos na Cidade Alta são vistos como pessoas normais e a convivência com eles é cordial; por outro, os não-ciganos têm receio de falar a respeito das suas relações cotidianas devido ao medo de serem repreendidos. Por isso, o estudo das populações ciganas precisa levar em consideração o imaginário social das sociedades com as quais estas estabelecem relações, tendo em vista que é a partir do contato que a posição dos ciganos passa a ser definida (MARTINEZ, 1989).

O imaginário social é uma parte importante destas populações, na medida em que a posição dos ciganos, sua evolução, sua história, suas tradições, não podem ser explicadas sem nos referirmos as das sociedades com as quais mantêm uma estreita dependência (MARTINEZ, 1989, p. 08).

---

<sup>15</sup> A respeito dos estigmas que são utilizados para compor uma determinada imagem do que é ser cigano na Cidade Alta, serão analisados adiante.

Entretanto, o imaginário social deve ser visto como uma forma de representação. Woodward (2000), afirma que os sistemas de representação são resultado da articulação entre cultura e significado. Ou seja, é a partir da cultura que os sujeitos dão sentido às suas ações, possibilitando posicionarem-se diante dos outros e, por conseguinte, esses significados substancializam sua vivência e sua identidade.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-se como sujeito. E por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (Woodward, 2000, p. 17).

Sendo assim, as representações e, por conseguinte, os discursos utilizados para definir os ciganos na Cidade Alta, são construídos e transmitidos a partir de um conjunto de valores e condutas fornecidos pelo meio sociocultural que compartilham com a população local. Ao fazer isso, a população não-cigana reafirma constantemente, para si e para os outros, uma determinada imagem do que é ser indivíduo em sociedade.

### 1.1 A normalidade cigana

Quando comecei a estabelecer os primeiros contatos com a população da Cidade Alta, tanto de maneira formal como informal, com o propósito de entender como se dão as relações cotidianas deles com os ciganos no bairro, deparei-me com uma forma de definição, dos ciganos, dissociada daquelas imagens que comumente escutamos quando é feita alguma referência a estes sujeitos sociais, tais como: nômades, trapaceiros, violentos, desordeiros, enganadores, pedintes. Ou seja, para a população local, os ciganos são, primeiramente, “pessoas normais”. Às vezes, também são utilizadas outras expressões para estabelecer essa definição, mas que têm o mesmo sentido. A exemplo: “são pessoas comuns”, “iguais a gente”.

Eu vejo que **são pessoas normais. Iguais a gente**. E que eu não vejo assim muitas diferenciação (Argentina Maria Maia de Andrade, professora, jul/09). [grifos meus]

Normal, igual as outras pessoas. Como eu falei [aqui Solange fez referência a nossa primeira conversa, informal] que eu não sei se nem lembro que é cigano. Normal. Igual outras pessoas; o meu

contato com eles. Apesar de eu saber que eles são ciganos. Mas só lembro que são ciganos quando falam que é cigano (Solange Freire Bezerra, autônoma, jul/09).

Inicialmente, não dei a devida atenção a este aspecto. No entanto, percebi que essa definição é recorrente entre a população do bairro. Bastávamos iniciar um diálogo que as pessoas destacavam que os ciganos “são pessoas normais”, mesmo entre aquelas que não queriam expor nenhum tipo de opinião ou comentário a respeito dos ciganos. Foi então que comecei a indagá-las acerca dessa normalidade.

Ao mesmo tempo em que os indagava, pude identificar como a população local constrói a representação dos ciganos enquanto sujeitos normais. A normalidade atribuída aos ciganos está diretamente associada a fatores de ordem social. Ou seja, para a população local, os ciganos são normais porque compartilham a mesma forma de organização social da vida cotidiana.

Pronto, é na sociedade, também [ênfase na voz]. Eles. É hoje em dia isso por conta que eles estudam né? Olhe eles já vão a Igreja né? [...] Eles se vestem do mesmo jeito. Eles falam o mesmo jeito. Que a gente conversa com qualquer um da gente. Eles falam do mesmo jeito. Normal como qualquer pessoa (Maria Fátima de Sousa Lima, técnica em enfermagem, jul/09).

Através dessa normalidade, a população da Cidade Alta os define em termos de igualdade, pois estes estudam, frequentam igrejas, usam roupas do mesmo estilo que os demais moradores e falam a língua portuguesa, entre outros aspectos. O que aparentemente exclui qualquer tipo de diferenciação.

Se, por um lado, a normalidade cigana refere-se ao compartilhamento de um conjunto de práticas sociais presentes entre a população não-cigana, por outro, sua elaboração dá-se em oposição a práticas tidas com desviantes das condutas esperadas para a vida em sociedade.

Antigamente, eram **nômades** não era? Um dia tava aqui. Outro dia tava aculá. Aí tem aquela questão. Se você vê, vier fazer negócio aqui, **não faça negócio com cigano**. Que quando você for procurar eles não estão mais no mesmo canto né (Márcio, vendedor autônomo, jul/09).

Que de primeiro diferenciava muito porque eles usavam muito, casas de palha, coisa assim. **Gostava de muita sujeira ao redor de casa.** (Moradora da comunidade, jul/09). [grifos meus]

Essas associações surgiam quando diante da dificuldade em definir o que é ser um indivíduo normal para a sociedade, os meus interlocutores destacavam práticas sociais presentes entre os ciganos, no passado, que, segundo eles, perturbavam a normalidade. No caso das falas citadas acima, podemos destacar as seguintes oposições: nomadismo e sedentarismo; honestidade e desonestidade, sujeira e limpeza.

Ao ser pensada em termos de oposição, a normalidade se sobressai como a ordem predominante que determina o modo dos indivíduos se organizar e se comportar diante de determinados contextos sociais. Tal dicotomia, no dizer de Bauman (1999), encena um *exercício de poder* na medida em que separa os diferentes, ou elimina os aspectos divergentes, criando a ilusão da igualdade.

Segundo Bauman (1999), a criação da ordem é um dos elementos que caracterizam a modernidade. Ou seja, a ordem como aquela que demarca o lugar das coisas no mundo, dos sujeitos em sociedade e, por fim, das identidades. Sendo que a classificação é uma das suas estratégias de controle.

Ainda segundo Bauman (1999), classificar é

dar ao mundo uma estrutura, manipular suas probabilidades, tornar alguns eventos mais prováveis que outros, comportar-se como se os eventos não fossem casuais ou limitar ou eliminar sua casualidade (BAUMAN, 1999, p. 09).

Portanto, *classificar consiste nos atos de incluir e excluir*. Logo, à medida que os ciganos são classificados como normais diante da população local, são incluídos entre aqueles que são capazes de conviver entre os demais moradores da comunidade, uma vez que não diferem destes. Afinal, quem gosta de conviver com o diferente?

É porque isso facilita né, por eles ser quase igual a gente. Assim, a diferença ser muito pouco. Aí todo mundo se aproxima deles e tal. E já arranja ali uma amizade, convida pra um jogo de futebol, uma

partida de sinuca, uma coisa. E pra uma festa. E isso já aproxima muito. Não tem diferença né? Acho que ninguém gosta de ta no meio de gente bem diferente da gente. A gente gosta sempre de ta entre pessoas quase igual a gente. De ser da mesma linha né, de raciocínio e tal. Ai por isso eles ser desse jeito. É que acredito que sim. Eles mantêm o contato com todo mundo da comunidade normal. Por eles ser assim já bem moderno. Já dos ciganos quase igual a gente que já mora na comunidade há muito tempo (Luiz de Paula Martins, fotógrafo, ago/09).

Essa igualdade permite que os ciganos possam transitar livremente pelos diversos espaços sociais do bairro, estabelecendo relações de ordem: social, cultural, econômica e política. Por isso, com o passar dos anos, os ciganos também passaram a compartilhar desse discurso da normalidade, pois reconhecem que vivem de acordo com as normas de sociabilidades presentes entre os demais moradores.

Dessa forma, todas as vezes que comentava com eles que uma das questões que discutiria no meu trabalho de mestrado seria as relações que estabelecem com a população da Cidade Alta, diziam instantaneamente que “é normal” ou “não tem diferença”.

Entretanto, essa normalidade não é plena, se considerarmos que os ciganos demonstram um desejo de serem tratados sem preconceito ou diferenciação devido a sua condição étnica.

Os filhos estuda. Tem outros, que já ta formado. Têm formados a professor. Tem outros, trabalhando em hospital, enfermeiro. Então, a vida de cigano mudou muito depois que começou a morar. Não quer mais saber dessa vida de cigano. Eu quero é ser respeitada. Nós somos sere humano. Apenas temos o carma de ser cigano. Nós somo sere humano. Nossos filhos estuda, trabalha. A gente que ser respeitado. Assim, como os outros são. Que ser uma pessoa normal, como os morador são (Jucileide Alves Pereira, cigana, jul/04).

Isso nos leva a perceber que as relações entre ciganos e não-ciganos, na Cidade Alta, permanecem tecidas pelos fios do preconceito. Decerto, as resistências estabelecidas pelos primeiros moradores em aceitá-los como vizinhos foram vencidas. No entanto, é importante considerar que a vida não é fácil para quem se identifica e é identificado como cigano na Cidade Alta.

As pessoa tem muito preconceito ainda com esse negócio de cigano. Logo era que tinha. Agora não, já tão convivendo com a gente, já tão sabendo que a gente é igual. Só tem o nome de cigano. Mas é igual a qualquer outro aqui. Aí, o preconceito é menos. Mas, ainda tem muito preconceito. Tem muita gente daqui mesmo que vê a gente, chega assim e fala com a gente e quando chega acolá não fala porque é cigano. Tem muito preconceito ainda, muito (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, cigana, jul/04).

Logo, torna-se vizinho de um cigano<sup>16</sup> é um processo descrito por uma moradora da comunidade, que não quis ser identificada, como sendo marcado por uma série de incertezas que se referem ao tipo de relações que serão estabelecidas ao longo da convivência diária.

[...] Com o tempo, aqui principalmente na nossa comunidade apareceu demais essas pessoas (fazendo referência aos ciganos). Eu já vou pra outro município e já vejo que por lá também muitas pessoas habitavam perto de um cunhado meu e que o contato deles dentro da casa dele era muito grande. E eu fiquei assim boquiaberta como é que acontecia assim tanta facilidade, né. Eles tão entrosados. E comecei a me perguntar, assim hoje mesmo nós estamos vivendo aqui. Nós aqui né. Eu e Vagner estamos vivendo essa realidade; que vamos ter os vizinhos ciganos, entende. [...]E agora assim na nossa cabeça ta assim, a expectativa. Como será conviver tão próximo dessas pessoas? Já escutamos de opiniões alheias que é vai ser perigoso, que vai ser. Vão querer demais. Se tornar muito espaçoso dentro da casa da gente. Vão solicitar muitas coisas e assim. E a gente tem vivido um semana de expectativa, mas que assim a gente ta conseguindo conversar e vê que não é por aí. E que vai depender dos limites que vão ser estabelecidos por nós (Moradora da comunidade, educadora, jul/09).

Incertezas, essas que se manifestam nas imagens de perigo, pedintes, invasão do espaço alheio. Ou seja, estereótipos e, por conseguinte estigmas.

Sendo assim, interessa-nos entender como surge esse preconceito, bem como se manifesta nas relações estabelecidas entre os ciganos e a população da Cidade Alta, criando, portanto, outras categorias para defini-los.

---

<sup>16</sup> Nesse caso específico, é feito referência aos ciganos da família de Seu Cabó, uma vez que Marcelo estava construindo uma casa ao lado da dessa moradora.

## 1.2 Rompendo com a normalidade

Os ciganos da Cidade Alta têm conhecimento de que são alvos de preconceitos diante das relações que estabelecem com a população daquele bairro. Segundo os próprios ciganos, nos primeiros anos na Cidade Alta, esse preconceito era mais visível; com a convivência, ele foi apenas amenizado.

É como se fosse preconceito com o negro. Você sabe que preconceito com negro nunca acaba. A pessoa diz que não tem, mas sempre acontece de ter um pouquinho. A mesma coisa do cigano. Eles têm aquele preconceito de cigano ser uma pessoa agressiva e tudo (Francisco Alves dos Santos, Santos, cigano, set/09).

Ainda existia o preconceito. Ainda hoje existe o preconceito. Tem gente que acha que os ciganos não é gente. Ainda existe esse preconceito (Iza Alves dos Santos, cigana, set/09).

As falas citadas acima são representativas; não apenas porque traduzem a percepção que os ciganos têm acerca da permanência de preconceitos em relação a eles, mas porque refletem a forma como se dá o preconceito no Brasil. Ou seja, no Brasil o preconceito é mascarado; pois baseados no mito de uma igualdade racial todos conseguem conviver cordialmente.

Nessa perspectiva, o mito da igualdade racial minimiza diferenças sócio-culturais e, por conseguinte conflitos entre grupos na sociedade brasileira. Portanto, não é exclusivo das relações negro-branco, uma vez que podemos identificar as suas ramificações em outras situações em que integrantes de grupos distintos estão em interação. Como é o caso dos ciganos e não-ciganos na Cidade Alta.

Todavia, esse preconceito não se expressa de forma direta, ou seja, em ações práticas, pois as pessoas têm medo de serem repreendidas. Nem expressam qualquer tipo de opinião na presença dos ciganos. É disso que nos fala uma moradora do bairro que ao expor seu ponto de vista sobre esse assunto, diminuiu o tom de voz e ficou apreensiva.

Na presença deles ninguém fala nada. Num sei se é porque tem medo da reação deles. Eu num sei. Só sei que eu num sei explicar o

motivo. Agora eu num tenho isso não. Se eu tiver um atrito com eles, eu vou falar tudo que tiver direito. Eu tando na minha razão. Mas também se eu num tiver, eu também fico calada né? Mas graças a Deus isso nunca veio a acontecer. Nunca tive nenhum atrito com eles (Moradora do bairro, não-cigana, jul/09).

Além disso, há aquelas pessoas que citam exemplos de situações vivenciadas com outras pessoas que manifestaram algum comentário ou opinião preconceituosa.

Só a questão. Olhe aquele fulano aí é cigano. Cuidado. Não mexa não. Cuidado é cigano. Isso. A questão também não venda não. Que muita gente chega aqui na loja; esse rapaz é cigano, não venda não que não paga não (Nívea Carla de Araújo Costa, estudante do IFCE, jul/09).

Com as pessoas que eu converso, o que eles falam a respeito dos ciganos. Assim, porque a velha imagem que eles passam, ou é, puxam as coisas. Assim né? Levavam as coisas pra eles viu. Levaram as coisas. O preconceito a gente vê. Também a questão de serem muito valentes. Que eles também trazem isso. Uma valentia né? Assim é. Tem gente que ainda tem isso aí (Francisca Hermógenes de Lima Silva, do lar, jul/09).

Situação análoga foi constatada por Goldfarb (2004), uma vez que seus entrevistados em vez de exporem o seu ponto de vista, utilizavam termos como: *sociedade, população ou as pessoas*, para justificar a existência de preconceito em relação aos ciganos em Sousa.

Os entrevistados afirmaram que há preconceito contra os ciganos em Sousa, preconceitos que são atribuídos a “sociedade” e não ao sujeito que fala. A maioria das pessoas, ao atribuir a existência do preconceito a uma entidade abstrata e abrangente (a sociedade), acabava se eximindo de qualquer responsabilidade pessoal no tocante ao preconceito, colocando a si mesmo como sujeito crítico, o que se afastaria de atitudes preconceituosas (Goldfarb, 2004, pp. 87-8).

Na Cidade Alta, mesmo a população tendo conhecimento de que os ciganos não praticam essas ações no bairro, as imagens da valentia, enganação, desonestidade, agressividade ainda fazem parte das representações locais que ajudam a compor uma determinada imagem do que é ser cigano na comunidade. Assim, resolvi questioná-los a respeito da permanência dessas imagens.

Para responder essa questão, meus interlocutores relataram acontecimentos que vivenciaram com ciganos, nos quais essas práticas estiveram presentes ou ainda, que essas imagens foram repassadas por pessoas que consideram que tais ações são próprias dos ciganos.

Sim, nessa época a gente tinha medo dos ciganos. Eu pelo menos né? Porque os ciganos eles pegavam e pediam arrancho né? Que aí depois eles dormiam dois, três dias. No terceiro dia, num belo dia eles levavam tudo. Então, era isso aí que assustava a gente. Não só a minha família, como aquelas outras pessoas da região que eles também pediam abrigo né? A imagem que ficava é que eles eram assim arrancava tudo. Leva tudo do povo, entendeu (Francisca Hermógenes de Lima Silva, não-cigana, jul/09).

Eu acho assim que vem muito das pessoas mais velhas que eles repassam para os filhos que as pessoas, os pais, os avós da gente, tem uma coisa mais de medo. Eles tinham medo, que cigano rouba, que cigano engana, que cigano tem essas coisas de. Ah! se você sair com ele. Eu lembro muito que minha mãe dizia: Ah! se você sair com ele e acontecer alguma coisa de errado, o que eles fizerem, eles vão dizer que foi você. Então, porque você estava também. Eles visam muito essas histórias de que o cigano não é uma pessoa honesta, o que eles fazem. Por eles viverem essa vida. Agora não, eles têm o lugar dele, tem as casa deles. Antes viviam muito viajando. Ficavam certo tempo em um local. Um certo tempo em é outro local (Argentina Maria Maia de Andrade, não-cigana, jul/09).

Afinal, como afirmou uma vizinha dos ciganos, moradora da Rua Maria José Chaves de Almeida, em conversa informal, “Cigano é cigano”. Ao dizer que “cigano é cigano”, há uma afirmação de que, apesar das mudanças ocorridas ao longo do processo de sedentarização na Cidade Alta, os ciganos ainda mantêm determinados traços que são inatos.

Nesse sentido, esses traços atribuídos aos ciganos correspondem a imagens que estão diretamente relacionadas com a inexistência de determinados valores e comportamentos esperados pelos indivíduos em sociedade, sendo utilizadas para definir a identidade cigana (GOLDFARB, 2004).

[...] é preciso que se diga que no Brasil a ideia de uma “identidade cigana”, definida politicamente através de determinadas características físicas ou de um território específico, não se desenvolveu. Os ciganos não são vistos como portadores de uma identidade cultural diferenciada, mas sim pela ausência de valores e condutas aprovadas pela sociedade, sendo tidos como apolíticos,

sem pátria, sem religião ou leis específicas (GOLDFARB, 2004, p. 63).

Assim, o preconceito emerge, na maioria das vezes, em situações de fala em que os moradores expõem pontos de vista a respeito dos ciganos, bem como associados a determinadas marcas sociais de cunho negativo que são utilizadas para defini-los na Cidade Alta. Dito de outra maneira, o preconceito que há em relação aos ciganos não se refere apenas à presença de opiniões pré-concebidas, mas associado a estigmas.

Erving Goffman (1963), ao desenvolver o conceito de estigma, afirma que

Enquanto o estranho está a nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente dos outros que se encontram numa categoria menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu defeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem [...] (GOFFMAN, 1963, p. 12).

Segundo Goffman (1963), isso acontece porque a sociedade estabelece os meios para classificar as pessoas e os atributos tido como naturais, comuns, aceitáveis. E, toda vez que os indivíduos ou grupos não se encaixam nessas categorias, são considerados indesejáveis e, por conseguinte diz-se que possuem um estigma. O estigma é, portanto, um *atributo profundamente depreciativo*, utilizado para identificar os indivíduos através de estereótipos que correspondem às “desvantagens sociais”.

Sendo assim, o estigma é um atributo negativo que surge relacionado a determinadas representações coletivas, ou seja, formas de classificação social que são elaboradas a partir da interação cotidiana. Construindo a partir de uma linguagem objetiva, o estigma passa a interferir nas relações sociais, promovendo sutilmente a segregação social (GOLDFARB, 2004).

No caso dos ciganos da Cidade Alta, podemos perceber que a associação deles aos estigmas proporcionou uma série de transformações socioculturais com o

objetivo de corresponder a determinada imagem esperada pela população do bairro. O que, por conseguinte, levou-os a construir uma forma de identificação para os outros a partir da normalidade, bem como mantém, internamente, o sentimento de serem ciganos.

Isso nos leva a perceber que a identidade enquanto um processo dinâmico é utilizado pelos atores sociais para aquilo que lhes é importante. Na Cidade Alta, ao se apresentarem como normais para os outros, os ciganos procuram minimizar os efeitos das imagens negativas a que são associados.

A reflexão sobre a relação entre grupos sociais tidos como diferentes também pode ser pensada em outros contextos, como por exemplo, em um grupo não cigano. No caso estou me referindo ao das relações entre brancos e negros, como no exemplo da comunidade dos negros do Riacho<sup>17</sup>. Nesta comunidade eles constroem a ideia de unidade para fora, principalmente nas situações em que a terra onde vivem passa a ser *objeto de cobiça por parte de interesses expropriadores externos*. Enquanto que internamente promovem divisões explícitas entre “caboclos” e “negros”.

Entre os ciganos, tais interferências acontecem porque o estigma é uma característica diferente do previsto, que rompe com organização criada para sociedade. Assim, os ciganos são vistos como indivíduos capazes de agir de maneira inesperada diante de algumas situações.

Mas uma das coisas que eu vejo assim em relação, o preconceito certo. É que o povo tem o preconceito por algumas atitudes deles. Na minha opinião certo [sua expressão e o tom da sua voz quererem deixar que aquela era uma opinião própria], eles ao se achar de alguma forma tenta, certo, manter o equilíbrio social, certo. Mas ao mesmo tempo, por simples motivo, eles acha que mostra algo onde as outras pessoas vêm temer. Já dentro desse preconceito; porque é cigano. Eu já tive de ver cenas deles, que como uma pessoa socialmente não deveria agir daquela forma. E eles na minha opinião. Eles na minha opinião, eles poderia ser mais cultural e mais social (Damião Ferreira de Sousa, Bião, instrutor de musculação, ago/09).

---

<sup>17</sup> Ver: ASSUNÇÃO, Luiz. Os negros do Riacho: estratégias de sobrevivência e identidade social.

O fato de os ciganos agirem dessa maneira causa temor nas outras pessoas e, por conseguinte, reforçam o preconceito. E, mesmo quando agem de forma semelhante a qualquer outro morador da comunidade, suas ações são vistas como sendo fundamentais para estabelecer sua ciganidade.

As pessoas pensa que gente como louco. A gente são mal. Sei lá. Pensa que a gente como mal. Mas só que a gente como pessoa realmente com um qualquer. A visão vem deles mesmo, né? Vê a gente assim, pensa. Não sei explicar não. Porque eles reagem quando fala esse nome de cigano. Sei dizer não. É cigano, cigano faz aquilo, faz outro, né? Mas sempre todo mundo faz, né? Não é o certo ou errado, não é? E aí tem os que, cigano rouba, cigano é quilho, aquilo outro. Mas só que o povo fala. Mas só tem cigano que não faz isso (Ducileide Alves dos Santos, cigana, jul/04).

De acordo com Goffman (1963), isso é recorrente no “contato misto”, em que *estigmatizados e normais estão na mesma situação social*, pois as menores atitudes do estigmatizado podem ser compreendidas como capacidades notáveis ou então, suas falhas ou descuidos como sinal distintivo estigmatizado.

Nesse sentido, os ciganos são considerados como indivíduos que apresentam uma predisposição para prática de determinadas atitudes. Logo, esse conjunto de representações presente entre a população local é utilizado para qualificá-los e defini-los na Cidade Alta. E, por conseguinte, tais representações geram uma sensação de insegurança de que, a qualquer momento, os ciganos possam agir de maneira inesperada, principalmente em situações de conflito com não-ciganos ou se forem motivo de comentários depreciativos.

Vale ressaltar que Goldfarb (2004), diagnosticou que os ciganos de Sousa são classificados a partir de um conjunto de representações estereotipadas que diferem das que há em relação aos ciganos da Cidade Alta. Entre as principais pode-se destacar as seguintes: sujeira, feiúra, fedor, pobreza, preguiça, roubo, estrangeirismo. O que nos leva a deduzir que estas representações são construídas a partir do tipo de interação que “os ciganos” estabelecem com a sociedade na qual estão inseridos.

Assim, mesmo havendo uma série de representações presentes no senso comum (FAZITO, 2006) que traça determinadas práticas como sendo compositoras

da imagem cigana, é preciso estar atento para os desdobramentos que estas assumem em cada contexto sociocultural, uma vez que novas representações podem ser fomentadas a partir do contato entre ciganos e não-ciganos.

Nessa perspectiva, entre a população da Cidade Alta, a sensação de insegurança reflete dois aspectos: por um lado, a permanência do preconceito, e por outro, expressa um sentimento de medo que está relacionado à valentia cigana.

Com as pessoas que eu converso, o que eles falam a respeito dos ciganos. Assim, porque a velha imagem que eles passam, ou é, puxam as coisas. Assim né? Levavam as coisas pra eles viu. Levaram as coisas. O preconceito a gente vê. **Também a questão de serem muito valentes. Que eles também trazem isso. Uma valentia né.** Assim é. Tem gente que ainda tem isso aí. (Francisca Hermógenes de Lima Silva, não-cigana, jul/09) [grifos meus]

A valentia cigana é entendida para uma parte da população local como uma tradição, ou seja, uma prática que sempre existiu entre os ciganos e que estes procuram mantê-la, principalmente diante de conflitos, discussões, com os não-ciganos, pois não querem sair em desvantagem.

Eu conheço um que não vou dizer o nome certo, que simplesmente um jovem que sai com esse intuito, porque ele é, eu acredito que ele se acha por ser cigano. Que todo mundo teme. Ele se comporta mal nos ambientes, ele briga, bagunça, tá entendendo? Até que criou até nome porque é cigano. E é desordeiro. Então pra mim, eles já se acham de alguma forma. [...] Com aquele poder da tradição. Ah, é porque é cigano, não pode levar desaforo pra casa. Não pode ser desrespeitado. Eles têm que ser superior. Eu ainda vejo isso aí (Damião Ferreira de Sousa, Bião, instrutor de musculação, ago/09).

O rapaz ao qual é feita a referência na fala acima, envolveu-se, durante os meses de julho e agosto do ano de 2009, em constantes brigas na praça do bairro com pessoas da comunidade. Na maioria das vezes, as brigas ocorriam nos finais de semana. Assim, durante a semana, era comum ouvir comentários de moradores dizendo que esse rapaz só agia dessa maneira porque era cigano ou da família de ciganos. Acionando, portanto, a imagem da valentia.

Já para outros, a valentia é um elemento que é transmitido hereditariamente por laços sanguíneos, bem como os mais velhos procuram manter esta prática por meio dos mais novos.

É assim, valentia como eu te falei. Valentia. Eles ainda trazem no sangue essa questão da valentia ainda. Num sei se é os mais velhos que passa. Eu num sei porque os mais velhos que passa. Eu num sei porque. Eu num. Mais eles ainda são bem. Querem continuar a valentia (Francisca Hermógenes Lima e Silva, do lar, jul/09).

Dona Francisca, moradora do bairro, apesar de morar ao lado da casa da D. Zuleide apenas a seis meses, sempre teve contato com os ciganos desta família quando estes eram andarilhos, uma vez que seu pai oferecia a área da sua casa, na cidade de Jaguaribara, para eles se abrigarem. E, atualmente, alguns dos ciganos frequentam a sua casa, principalmente a Maria da Conceição Alves dos Santos, conhecida como Peteca e os filhos da Ducileide e do Santos que têm quase a mesma idade do seu filho, Natan.

Nesse sentido, sua fala é baseada no contato que Natan tem com os filhos da Ducileide, Ramon e Rômulo, e o Bruno, filho do Santos; através de brincadeiras. Nessas brincadeiras, eles costumam pegar objetos que encontram no meio da rua e passam a designá-los de algum tipo de arma ou então, simulam conflitos corporais.

Segundo minha interlocutora, dona Francisca, as crianças ciganas ensinaram seu filho a brincar dessa maneira, pois ele não sabia. E para exemplificar sua afirmação, ela me levou para ver as crianças brincando na área de sua casa, e disse: *É assim que brincam: de lutar, de arma*, no dia em que fui mostrar-lhe a conversa que tivemos gravada.

De certo modo, é nos momentos em que os ciganos estão envolvidos em algum tipo de atrito com as outras pessoas da comunidade que se percebe diretamente a associação dele ao estigma da valentia. Em outras ocasiões, não se encontra indícios objetivos de que os estigmas são acionados para classificá-los.

Durante o trabalho de campo, não vivenciei qualquer situação na qual os ciganos utilizaram o estigma da valentia para se favorecerem diante das interações com a população do bairro. Ao indagá-los a respeito dessa questão, eram enfáticos em dizer que nunca precisaram dessa auto-afirmação, pois isso realçava o preconceito.

Dessa forma, os ciganos procuravam evitar as situações em que suas ações podem ser mal interpretadas pela população local, ou seja, aquelas que se reportam aos estigmas. No entanto, resta-nos entender de que forma os ciganos convivem com esse preconceito.

### **1.3 Convivendo com o preconceito**

O preconceito que há em relação aos ciganos da Cidade Alta, não é motivo para conflitos velados entre eles e a população local. Dito de outra maneira, a convivência é cordial. O que possibilita que, mediante o contato com os ciganos, as pessoas repensem sobre um conjunto de imagens pré-concebidas a respeito destes indivíduos.

Pois é, primeiramente eu comecei a frequentar a casa da Francisca que é vizinha a casa deles. Aí, a princípio como ela até comentou com você, eu tinha assim receio de deixar a moto lá né? Só que com o passar do tempo, de tanto eu andar lá na casa dela e conversar com ela, comecei a pegar amizade com eles. Chegava, cumprimentava, dava boa tarde, bom dia. E eles assim, me tratavam super bem, educados. Aí ficou. Com o passar do tempo eu fui me acostumando. Pedia licença pra deixar a moto lá. Deixava. Aí foi assim que eu comecei a pegar amizade. Alguns deles também frequentam a casa dela. Aí eu comecei a conversar e hoje eu tenho várias. Conheço várias pessoas dessa família.

Eu não sabia que eles eram ciganos. Aí eu comecei a andar lá. E acho que eu tava até conversando com Francisca e ela falou que eles eram ciganos. Aí foi que eu me assustei né? Ciganos! Aí vem logo aquela coisa, porque assim, não é não a questão. Não é nem questão de medo porque a nossa sociedade é que fala isso né? Que coloca essas coisas que cigano tem aquela história que cigana rouba, que cigano é isso que cigano é aquilo. Mas não é bem assim. Eles são pessoas como a gente. Só que de tanto o pessoal falar esse, comentar né? Falar essas coisas de cigano, a gente vai com aquilo na cabeça. Mas só que muitos são pessoas muito legais. Tem, tem os seus momentos de crise. Assim como a gente. São normais como a gente (Nívea Carla de Araújo Costa, não-cigana, jul/09).

Esta interação é fundamental para os ciganos, uma vez que possibilita que os demais moradores entrem em contato com a sua forma de organização da vida cotidiana, percebendo, portanto, mais semelhanças do que diferenças.

O que ocorre de maneira diferente, com os ciganos da família do Seu Cabó, pois por viverem a menos tempo no bairro, a população local ainda apresenta uma resistência maior em relação a eles.

Por outro lado, há pessoas que, apesar da convivência diária com os ciganos, consideram que eles são diferentes porque não valorizam determinadas condutas sociais.

Aí na forma de se comportar é um pouquinho mais diferente porque eles num dão muito valor pra estudar né? e trabalhar. Também num dão muito valor a trabalhar. Os homens geralmente é muito difícil deles trabalhar né? Geralmente, elas batalham mais pra sobreviver né (Moradora da comunidade que não quis ser identificada, jul/09).

Essa segunda perspectiva se sobressai diante daquela primeira que apresentamos acima, ou seja, de que com a convivência há pessoas que assumem uma postura diferente em relação aos ciganos; uma vez que os ciganos demonstram um “estado de alerta” para que suas ações não sejam interpretadas pelos outros de forma negativa. A exemplo, o fato de beberem em frente as suas casas nos finais de semanas ou pequenas discussões com não-ciganos motivados por jogos de baralho. Como já afirmara Goffman (1963) *erros menores ou enganos incidentais podem, sente ele, ser interpretados como uma expressão direta de seu atributo diferencial estigmatizado.*

Dessa forma, se por um lado a convivência entre ciganos e não-ciganos na Cidade Alta é cordial, por outro é marcada pela instabilidade à medida que as ações dos ciganos são vistas de ângulos sociais diferentes. Enquanto, para uns moradores da comunidade o fato de um cigano se envolver em conflito é um acontecimento banal, para outros, os ciganos agem dessa maneira por que são reconhecidos como valentes.

Isso significa dizer que essa convivência, também funciona como um mecanismo de controle pela sociedade mais ampla, pois os ciganos procuram agir de forma a distanciar-se dos discursos e representações sociais que os qualificam enquanto sujeitos estigmatizados socialmente. A busca, portanto, é de estar sempre de acordo com padrões e as normas sociais aceitas neste contexto sociocultural.

Por isso, os ciganos não têm a preocupação de desenvolver ações voltadas para o combate ao preconceito/discriminação. Logo, também não há no município de Limoeiro do Norte nenhuma política pública voltada aos ciganos. Apesar de que hoje no Brasil essa questão passa pelas prefeituras municipais.

Além disso, os ciganos não estão ligados a nenhum político dentro do bairro para resolver questões relacionadas a empregos, saúde. Os políticos só os procuram no período eleitoral, principalmente nas eleições municipais, uma vez que os candidatos a vereadores se dirigem a suas residências para darem apoio através de alguma ajuda financeira, material de construção ou promessa de emprego, em troca de votos.

Todas estas situações e posicionamentos em torno dos ciganos, os levam a apresentar diversas reações e sentimentos quando sabem de comentários de cunho depreciativo ou vivenciam atitudes que refletem o preconceito. Entre eles, podemos citar a conformação, a tristeza, a indignação.

Vejamos algumas dessas situações.

Em uma tarde de terça-feira conversávamos na calçada de Dona Zuleide, eu, Lidenor, cigano, Djavan, Everton e a namorada dele, Camila, não-cigana, e Ducileide, sobre assuntos cotidianos. No entanto, quando Lidenor comentou que, pela manhã, passara em frente ao mercantil de Ivaneldo<sup>18</sup> e ouvira uma mulher dizendo a sua filha que ela estava “puro a cigano”, “fedendo a cigano”; Ducileide ficou um pouco alterada.

---

<sup>18</sup> O mercantil de Ivaneldo fica localizado na Rua Maria José Chaves de Almeida, próximo à casa da Dona Zuleide.

Em voz alta, perguntou quem tinha sido. Mas Lidenor respondeu que não conhecia aquela mulher. Então, Ducileide disse que *tem muito juron que fede*, e que isso não é um fato que acontece apenas entre os ciganos. Ela tentou insistir na conversa, mas Lidenor achou melhor não dar continuidade àquele assunto.

Nesta situação, a noção de sujeira foi associada com uma característica presente entre os ciganos. Vale destacar que é comum encontramos pessoas utilizando expressões do tipo na Cidade Alta. A exemplo: *Isso é coisa de cigano*, para referir-se a alguém que pede muito.

Para alguns moradores do bairro, nos primeiros anos de convivência com os ciganos no bairro, a questão da sujeira era um dos aspectos que incomodava a população de uma forma geral, bem como era interpretado como um diferenciador. Afinal, os ciganos não cultivavam, entre outras práticas, a higiene doméstica e o uso de roupas limpas.

É, eu não sei assim por causa das condições financeiras, onde moravam, onde habitavam, se viajavam tanto. Ta entendendo. Aí, então dava pra ver a diferença. Até a causa da higiene sabe. Essas coisas diferenciavam. Quando aparecia a gente percebia. Essa pessoa já é cigana ou parece ser cigano. Até que surgiu até um preconceito direto, onde o povo dizia assim, se via uma pessoa desarrumada, aí dizia parece uma cigana, porque eles agiam dessa forma (Damião Ferreira de Sousa – Bião, instrutor de musculação, ago/09).

A noção de sujeira e, por conseguinte de fedor foi uma das representações que a população não-cigana de Sousa, utilizou para classificar os ciganos que ali habitam (GOLDFARB, 2004). Segundo Goldfarb, estas noções são estabelecidas em contraste às noções de ordem e de conveniências, pois

[...] “nossa ideia é composta de duas coisas: cuidado com a higiene e respeito às convenções<sup>19</sup>”, pois a sujeira liga-se a uma ordenação e classificação sistemática das coisas e das pessoas, na medida em que a ordem implique rejeitar elementos inapropriados para uma parcela da sociedade (Goldfarb, 2004, p.).

---

<sup>19</sup> Mary Douglas, apud Goldfarb (2004).

Bauman (1999), ao afirmar que *todas as sociedades produzem estranhos*, ou seja, aqueles que por motivos cognitivos, estéticos e morais não correspondem às expectativas esperadas em um determinado contexto sócio-cultural, os comparam ao viscoso, no sentido que esse último também é definido a partir das relações estabelecidas, pois *o que parece viscosamente resina a alguns pode ser fresca, deleitosa, estimulante água do mar para outros*. Logo, em cada momento histórico as sociedades constroem suas noções de viscosidades e, por conseguinte seus estranhos.

Dessa forma, a ausência de práticas como, higiene e uso de roupas limpas e adequadas para cada situação, entre os ciganos passaram a ser uma representação social para qualificá-los. É tanto que o fato de alguém estar desarrumado era uma condição para ser comparado a esses sujeitos sociais.

Outros, diante dessas atitudes, preferem aceitar, sem nenhum tipo de contestação, pois reconhecem que o posicionamento das outras pessoas sempre existiu, como também não dispõem dos meios necessários para mudar esses pontos de vista. E que se tentarem combater esse preconceito, serão vistos como violentos.

Mas isso é normal. E que a gente lida bem com isso. Aí não tem esse tipo de coisa não [Santos fazia referência a conflitos provocados devido ao preconceito]. Não tem esse tipo de coisa não, de violência com isso não [Ênfase na voz]. Ninguém se incomoda com esse tipo de coisa não. A gente sabe que isso ninguém pode da jeito mesmo. E já tem desde o começo do mundo que é assim (Francisco Alves dos Santos, Santos, cigano, set/09).

Os ciganos afirmam que o preconceito, nos primeiros anos, era motivo de conflito entre eles e outros moradores do bairro e que, muitas vezes, essa forma de discriminação ocasionava conflitos corporais.

A gente escutava muito. A gente escutemo muito. A gente fica muito assim. A gente ficava muito triste. A gente ficava furioso. Nós ficava né? Fulano disse que é ladrão, aquilo ou outro, entendeu. Aí a gente ficavam, furioso. A gente ficava furioso. Ah! não sei o que. Ah! não vai dar certo não. Nós vamos dizer umas coisa. Aí uns diziam: não, deixe pra lá, não vá ligar isso não. Deixe pra lá. Ninguém é isso que ele ta dizendo. Ele pode dizer o que eles quiser. Que eles dizia

assim, fulano disse que todo cigano era ladrão. Fulano disse que todo cigano era. Dizia uns dizer com a gente: era valente, era ladrão, enrolão. Aí dizia assim, aí o cigano ficava, ah! eu vou falar. Não vai dar certo não. Eu vou perguntar a ele. Eles dizia assim. Pra nós não. Não que é como eu disse a você, tinha medo né? E as vezes o que dizia era assim, às vezes, bebendo né? Às vezes bêbado dizia: ah, todo cigano é ladrão, né? E aí muitas vezes dava até briga dos meninos com as pessoas que falava isso, sabe. Por causa que descriminava, não era. Aí dali os meninos brigava, depois a gente falava. Aí deixava pra lá, né? Hoje tá muito difícil. A gente tanto ouvir, como alguém chegar pra nós e dizer: rapaz, fulano disse assim, assim de cigano. É coisa mais difícil (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, cigana, ago/09).

Entretanto, há aqueles que não admitem nenhum tipo de preconceito devido a sua condição, pois todos são iguais. E que se ouvirem alguma “crítica” revidarão.

Assim, pra mim ver mesmo ninguém nunca viu assim. Ninguém com esse tal preconceito, não. Porque se eu ver, eu respondo. Porque feliz daquele que a terra come. Cigano é gente, igual a outra pessoa, de carne e osso. E ainda tem melhor que cigano. Deus deu o dom da salvação. E as pessoas que não são ciganas ainda têm que procurar. Porque Deus, Deus quando veio ao mundo perguntou né, aonde era que o povo queria salvação né? E os ciganos responderam que deixasse a salvação nas mãos né? E os outros ainda vão procurar. Mas tem gente que ainda critica. Mas eu na minha frente não. Porque eu respondo (Iza Alves dos Santos, set/09).

Os ciganos também reconhecem que nem todas as pessoas agem da mesma maneira, ou seja, há aquelas com quem a convivência é “isenta de preconceitos”. Assim, várias pessoas do bairro frequentam as suas casas, bem como há aquelas com que têm amizades de longos anos.

Portanto, se por um lado a vida não é fácil para quem se identifica e é identificado pelos outros como cigano na Cidade Alta, por outro, não impede que estes sujeitos sociais se reconheçam enquanto tais.

## **2. As três dimensões da “ciganidade”: fundamentação, expressão e organização.**

Depois de quase trinta anos vivendo na Cidade Alta, os ciganos se consideram e são considerados como pessoas normais. Por isso não veem “nenhuma diferença” entre eles e os demais moradores da comunidade, bem como não procuram estabelecer, objetivamente, nenhuma forma de distinção. Logo, não têm necessidade de se auto-afirmarem diante dos outros, ou seja, exaltar a sua condição étnica diante a população local.

Pra mim tanto faz saber que eu sou cigana. Que nós. Eu não vivo fazendo mal a ninguém. Nunca fiz. Nem ei de fazer, né. Aí, pra mim tanto faz saber como não, né, que eu sou cigana. As pessoas aqui. A cidade é pequena. Todo mundo sabe que a gente é cigano, né (Laení Alves dos Santos, set/09).

Por outro lado, os ciganos afirmam que mesmo diante do preconceito ou nas situações em que alguém se dirige a eles e os indagam acerca da sua condição, admitem que são ciganos, pois entendem que dizer o contrário significa negar a sua origem e, por conseguinte, a sua identidade.

Tem momento que não é tão bom dizer eu sou cigano, entendeu. Porque tem momento ali que você vê que aquela pessoa tem preconceito. Aí eu paro um pouco pra poder pensar. Porque às vezes irrita a pessoa, entendeu. Às vezes a pessoa irrita a pessoa. Aí se você pensar dá um passo atrás e pensar um pouco é melhor porque evita até algum assim, não é nem confusão. Eu digo assim, um aborrecimento. Evita até um aborrecimento. Mas nunca neguei, nunca neguei. Onde eu vim. Quem sou eu? Da minha origem, jamais eu vou negar. Dá onde eu vim? Quem sou eu? (Francisco Alves dos Santos, Santos, set/09).

Ao indagar-se acerca de sua origem, Francisco Alves dos Santos, conhecido popularmente como Santos, demonstra uma clara consciência étnica. Algo que mesmo não sendo recorrente no cotidiano familiar ou nas relações que estabelecem com os não-ciganos, demonstrou-se de maneira enfática nas conversas gravadas. Dito de outra maneira, eles insistem em continuar sendo ciganos.

Convém ressaltar que, diante do preconceito, há aqueles que preferem não ser identificados como ciganos. O que não implica em dizer que há, necessariamente, uma negação da sua condição de cigano, mas uma manipulação da identidade de acordo com as situações.

[...] Não. Eu acho ruim. Eu não quero ser identificada como cigana não.

Por causa do preconceito (Jucileide Alves Pereira, set/09).

Nesse sentido, a identidade cigana deve ser pensada em seu plano simbólico, ou seja, enquanto algo que dá sentido a vivência dos sujeitos sociais e que pode se expressar ou não no momento de interação com outros grupos. Daí decorre a necessidade de entender como os ciganos fundamentam a sua ciganidade.

Para tanto, foi preciso empreender viagens de outrora pelos caminhos das memórias dos ciganos. Tais memórias ao serem inter-relacionadas recompuseram nuanças das histórias de vida desses sujeitos sociais que se veem e se pensam em perpetuação. Isso nos leva a enfatizar o que Pollak (1992) já dissera, isto é, que a memória é um fator essencial para o sentido de continuidade, seja individual ou coletiva.

Falar sobre essas histórias fez com que os ciganos recordassem acontecimentos que há muito tempo estavam em estado de latência, principalmente aqueles que refletem o período de andarilhos. Muitos destes os fizeram chorar, ficar calados, desviarem o olhar, com aquela sensação de engasgo.

Ao passo que recordavam, emergiam dos seus relatos três elementos que para eles fundam a sua condição. Estes são: o passado de andarilhos/história, a origem comum e o sangue. Vale destacar que esses elementos não podem ser pensados de forma separada e que, muitas vezes, um se confunde com outro.

Para os ciganos, desde o nascimento a vida foi marcada pelo nomadismo, uma vez que a maior parte dos ciganos mais velhos nasceram no meio do mundo. Logo, esse fato os impossibilita de negarem que são ciganos, mesmo diante das

transformações socioculturais que sofreram ao longo do processo de sedentarização.

É claro né. É a nossa relação. [...]. Já nascemos pelo meio do mundo, andando pelo do meio do mundo né. Não tem como dizer assim: ah não sou cigano. Eu sou cigana. (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

Ao afirmar que é cigana, reivindica-se para si o reconhecimento de sua ciganidade e, por conseguinte, de sua história enquanto andarilha. Segundo Woodward (2000), isso acontece porque *para se reivindicar uma identidade é necessário também reivindicar uma história.*

Decerto a história “reivindicada” pelos ciganos na Cidade Alta está diretamente relacionada a um passado nômade. Não é por acaso que para a Dona Zuleide o que caracteriza uma vida de cigano é: *uma vida de cigano é se tivesse andado pelo meio do mundo.*

Essa relação entre “ser cigano” e passado nômade também foi constatada por Goldfarb (2004), entre os ciganos de Sousa – Pb. Nesse caso, a autora defende que o nomadismo apresenta-se enquanto traço definidor da identidade cigana tanto para os grupos de Sousa, como também para os demais grupos ciganos.

Na maioria das entrevistas, as pessoas relataram-me uma ligação entre o “ser cigano” e o passado nômade. As falas abaixo explicam a premissa que iguala “ciganidade” a nomadismo:

Eu sou cigano porque eu andava pelo mundo com todos, por isso eu só podia ser um cigano! Ser cigano é ter a vida que Deus deixou para nós, de **vocês morar e nós andar** pelo mundo (Valério, 72 anos, Grupo C).

Me considero um cigano. Porque acho bom a vida (de andar). Nós nascemos para andar, ambulantes, nos deram o nome de cigano, ficamos como cigano, por isso nós tudo gosta de ser cigano. Ser cigano é um forasteiro, é um **viajante** (Raimundo, 45 anos, Grupo B).

[...] Ao contrário do que é comumente validado para os grupos indígenas, em especial os “índios do nordeste”, o território – sua posse e reivindicação – não representa para os ciganos de Sousa (bem como para os demais grupos ciganos) um elemento constituinte de sua identificação coletiva. O nomadismo, que significa o período de andanças dos grupos, é tomado como elemento definidor da identidade cigana [...] (Goldfarb, 2004, pp. 126- 7).

Ao elegerem o nomadismo como um dos traços que marcam a sua identidade, os ciganos da Cidade Alta pensam-se a partir de uma perspectiva de longa duração, ou seja, o fato de terem nascido ciganos é condição necessária para que nunca deixem de ser, já que também têm parentesco com outros ciganos.

Acho que é assim. Nós que é cigano nunca vamo deixar de ser cigano. Hora, isso vem de muitos anos. Acho que os avós eram ciganos. Aí a gente tem que ser cigano também. Se cigano pro resto da vida. Isso em nós nunca vai acabar (Jucileide Alves Pereira, set/09).

Aqui a memória e, por conseguinte, a história dão o sentimento de continuidade para estes sujeitos sociais. Dessa forma, atrelada a essa história de vida cigana, ou seja, uma história marcada pelo nomadismo, os ciganos fazem referência à origem comum expressa pelos antigos ciganos que viviam pelo meio do mundo.

Era porque meu pais era cigano, né. Meus avô era cigano. Eu convivi no meio deles. Aí eu não tenho como dizer que não sou. [...] Eu sou filha daquelas que andavam pelo meio do mundo né. Que viaja mais. Mais sou filha. Sou. (Laení Alves dos Santos, set/09).

Baseados nessa ideia de origem comum/história, os ciganos justificam a sua condição no presente, bem como destacam que possuem o mesmo sangue.

É justamente né. É aquilo que eu lhe disse, quem é não deixa de ser. Que eu não posso chegar e dizer, não, eu não sou cigana. Eu sou. Eu não vou negar meu sangue né (Iza Alves dos Santos, set/09).

Tomando como referência a consaguinidade, reforça-se mais uma vez a afirmação de sua ciganidade. O que também está presente entre os outros ciganos de sua família, tanto entre os mais velhos como entre os mais novos.

Baseado na perspectiva de Weber (2004), pode-se dizer que a articulação desses três elementos estabelece entre os ciganos um sentimento de “comunidade étnica” no sentido de estes sujeitos estão unidos por uma história, origem e sangue comum. Logo, podem ser vistos como diferentes dos outros grupos com os quais convivem diariamente.

Entretanto, é preciso considerar que de acordo com os ciganos, a soma desses elementos é interpretada como indícios que os impossibilitam de negarem a sua condição no presente. Isso é perceptível na maioria das falas que foram apresentadas acima, bem como em outras tantas que surgiram no decorrer da pesquisa.

Logo, a preservação desses traços por meio de suas memórias é central para que estes sujeitos sociais reafirmem constantemente para si que são ciganos. Mesmo assim, cada um tem sua maneira de expressar esse sentimento “étnico”.

Essa constatação foi evidenciada ao longo dos nossos diálogos. Durante estes momentos, os ciganos expressaram esse sentimento étnico de formas variadas, uma vez que alguns falaram com entusiasmo e empolgação, outros foram mais objetivos e comedidos. Enquanto que entre os ciganos mais novos, tal sentimento está se diluindo com o passar dos anos.

Talvez, uma das motivações para que isso ocorra, seja o desconhecimento da história de vida andarilha de seus parentes mais velhos, pois alguns comentam que o que sabem é adquirido de maneira esporádica. O que os levam à dizer que os mais velhos não gostam de rememorar as longas caminhadas que fizeram ao longo da vida até o momento da sedentarização, preferindo, portanto, evitar falar a respeito do assunto para os mais jovens.

É, curiosidade a gente sempre tem, né. Mas não gosta muito de perguntar. Pra não lembrar muito assim, do passado deles; que alguns gosta de falar e outros não. Aí, a gente não pergunta. Fica de vez em quando ouvindo os outros e vai juntando as informações e vai sabendo o que aconteceu (Rubenigue Alves dos Santos, nov/09)

Esse desinteresse, por parte dos que vivenciaram a vida de andarilho pode ser motivado pelas dores causadas pelo ato de relembrar, uma vez que muitos dos acontecimentos passados são marcados por dificuldades de conseguir comida, lugares para se abrigarem em dias de chuva, doenças, mortes, conflitos com outros grupos ciganos, bem como com a população dos lugares por onde passavam.

Além dos mais, é uma estratégia de evitar com que os mais novos tomem conhecimento, de forma direta, da ocorrência de situações em que suas atitudes não se enquadravam nos modelos e padrões de “normalidade” aceitas pela sociedade mais ampla.

Como já mencionei anteriormente, em 2004 os ciganos mais velhos expunham com mais desenvoltura o seu passado. Todavia, era um passado formalizado, ou seja, contrário às imagens estigmatizadas presentes na sociedade local.

Olhe, era uma vida boa. Só de negócio. Meu pai vivia de negócio. Meu pai conseguia as coisa e criei meu fi pra viver assim. Meu pai num gostava de negócio de roubo. Ele não dava valor. Gostava não. Aí, eu criei os filhos assim, também (Zuleide Alves dos Santos, jul/04)

Mesmo assim, o passado ainda é um ponto de referência para os mais velhos, pois à medida que fundamentam e legitimam a sua condição, os ciganos da Cidade Alta delimitam fronteiras simbólicas diante dos moradores da comunidade por meio de uma história de vida que é construída a partir de outros referenciais: nomadismo, descendência de outros ciganos/sangue.

Isso implica em perceber que a identidade enquanto um dado relacional é sempre marcada por um processo de diferenciação, ou seja, afirmar uma identidade significa negar outras com as quais nos deparamos cotidianamente. O que nos leva a reafirmar que a *construção da identidade é tanto simbólica quanto social* (WOODWARD, 2000), já que é no momento de interação que as fronteiras sociais são delineadas.

Nesse sentido, os ciganos reconhecem que há apenas um elemento que os diferencia dos demais moradores da comunidade. Ou seja, a linguagem cigana. Cabe-nos agora indagar sobre as maneiras que os ciganos constroem a diferença por meio da linguagem e que importância esta assume no seu cotidiano marcado por uma intensa mistura com os não-ciganos.

## 2.1 A linguagem cigana

Durante os primeiros contatos com os ciganos no ano de 2004, sempre ouvia-os falarem entre si usando uma linguagem diferente da língua portuguesa. Ao retornar a campo no ano de 2009 percebi que é muito comum o uso dessa linguagem quando estão conversando entre si. Nestas conversas, intercalam palavras dessa língua específica com as da língua portuguesa. Vejamos alguns exemplos:

- “Vocês *rasquiaram* isso aí?”.
- “*Mijo lapidá!*”.
- “Vai derrubar a bicicleta do *juron*”.
- “Enquanto ele não *mardá* outro *juron*”.
- “Só pode *pinhá* muito”.
- “Se ela *buxadá*, fica *didilon*”.
- “Ele vei com a *jurin* Sabrina”.
- “O jeito dele é de quem tá *pinhado*”.
- “Tendo *radim*, eu não tenho medo de *calon*”.
- “Só fala em *siquedá*”.
- “É o *chaburem* que ela tá *cardan*”.
- “Ta pura a *chimbirá* de *piô*”.
- Quanto é o *chavon*?
- *Chinhassem* no meio dos *calon*?
- A *burnim* tem um sinal na *burtica*.

É também possível vê-los usando essa linguagem quando estão em outros espaços sociais da comunidade, juntamente com os não-ciganos. Mas essa prática não é recorrente, uma vez como já mencionado no capítulo anterior, nos primeiros anos de vivência na Cidade Alta, o uso dessa linguagem era um elemento que propiciava o distanciamento em relação aos ciganos. Sendo assim, é no espaço doméstico que centro as minhas observações.

No início sentia a necessidade de compreender o significado das palavras. Por isso, prestava muita atenção quando eles conversavam, bem como anotava na minha cardeneta aquelas que conseguia captar. De certo modo, isso criou um clima de desconforto por parte dos ciganos. Fazendo com que comentassem uns com os outros que estava anotando “a linguagem” na caderneta e/ou me perguntassem se eu entendia o que falavam na “linguagem cigana”.

Diante dessa pergunta, que com o passar dos meses se tornou recorrente, percebi que havia por parte dos ciganos uma forma de proteção, no sentido de que procuram manter o conhecimento dessa linguagem entre si. Sendo assim, ao indagá-los acerca dessa questão descobri que essa linguagem tem uma importância significativa para eles.

Uma defesa de qualquer coisa. Assim, às vezes uma briga. Se acontece alguma coisa com um menino nosso ali ou briga, ou mata, ou faz alguma coisa ali. Aí tem gente aqui. Aí imediatamente a gente conversa com os outro. Ali a gente se entende e sabe o zunzum que ta passando. Aí é uma defesa. [...]Ou então, se tem duas ou três pessoas aqui que não é cigana. Aí chega uma cigana. Chega Peteca ali (apontando para a casa da Peteca). Aí se tiver acontecido alguma coisa com qualquer menino. Aí a Peteca chega aí, fala comigo no meio das pessoas não-ciganas. Mas não sabe o quê ta me dizendo. Ela já ta me dizendo o que aconteceu (Zuleide Alves dos Santos, out/09).

Olhe, essa linguagem pra nós. Assim pra mim, ela tem uma importância sim, porque é o modo da gente de se comunicar sem você saber. [...] Por exemplo, se eu tiver aqui mais um irmão meu, mais minha mãe, um primo; nos pode falar aqui qualquer coisa que você não vai saber. Aí já é um modo da gente se comunicar sem outra pessoa saber né. Então, aí pra mim é importante, essa linguagem pra mim. É muito importante (Francisco Alves dos Santos, Santos, set/09).

A importância atribuída à linguagem refere-se ao fato de os ciganos poderem conversar entre si, sobre determinados assuntos, sem que sejam compreendidos pelos outros, ou seja, os não-ciganos. Ou ainda, funcionar como uma forma de defesa diante de determinadas situações.

No primeiro caso, basta estar no final de tarde em frente a casa da Dona Zuleide para vê-los conversando usando algumas palavras nessa linguagem, sobre

qualquer tipo de assunto: conflitos externos e internos, doenças entre familiares, comentários jocosos ou qualquer outra situação cotidiana. Mas como eles próprios dizem o seu uso está diminuindo cada vez mais com o passar dos anos, pois, diante da sedentarização e da intensa mistura com os moradores da comunidade, ela não é tão necessária.

Porque agora nós tamo se misturando mais. Cada vez mais a gente tem menos coisa pra esconder. Ninguém tem nada para se defender. Nós não tem. Preciso se defender de vocês. Você não vão agredir nós. Vocês né. Aí ninguém tem. Essa linguagem nós tem no poder de Deus, pra se defender da polícia. Pra se defender dos coronel. Judiava. A gente. Aí a gente. Eu acredito que sim (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

Mesmo assim, os ciganos veem a linguagem enquanto uma forma de conhecimento que não deve ser ensinando aos não-ciganos, pois é um elemento que existe entre eles desde um passado distante.

Eu acho que é assim, eu acho que sim. Eu acho que por exemplo, você é uma coisa que eu sei e você não sabe, né. Como se assim. Como você, por exemplo, você é quase formado né Lailson? Aí como o seu sabe eu não tenho. Seu saber, né. Aí essa linguagem é uma coisa que eu sei e você não sabe. É a mesma coisa. Pra mim é a mesma coisa. É um saber que eu adquiri e você não sabe, né. Só que o seu saber se eu for estudar, eu posso aprender, né. E a minha linguagem não. Aí eu acho Lailson que, eu acho que deve permanecer assim. Eu acho sabe. [...] Não é que você não mereça aprender, entendeu. Não é que você não remeça. Mas eu acho que é uma coisa nossa. Lá do passado. E que é uma coisa, que uma linguagem nossa mesmo (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

Ao se referirem a esse passado distante, os ciganos procuram explicar a origem dessa linguagem. O que para alguns é uma tradição que foi passada pelos ciganos antigos. Enquanto que para outros, essa linguagem é um dom de Deus.

Aí acho que isso aí foi uma coisa de Deus, dom de Deus. Porque eu acredito que sim. Porque não pode um povo criar uma linguagem de uma hora para outra, né. Isso é dom de Deus. Eu acredito que seja. Foi um dom que Deus deu pros ciganos (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

Entretanto, não interessa aqui discutir se essa linguagem é uma tradição ou um dom, mas, que o seu domínio por parte daqueles que não são ciganos, faz com

esta perda o seu sentido, isto é, a comunicação, sem que os outros os compreendam.

Não. Eu não ensino não. Eu mesmo não ensino não. Porque é você, se você ensinar essa linguagem você tá pulando fora da sua tradição. Que é proibido. Não pode. Se o importante dessa linguagem é eu falar e você não saber o que tou falando. Aí se eu for lhe ensinar né, perde o sentido (Iza Alves dos Santos, set/09).

Dessa forma, os ciganos mais velhos ficam irritados quando sabem que um não-cigano está falando “a linguagem”. Ou então, quando os ciganos mais novos ensinam aos seus amigos algumas palavras. O que acontece porque muitos de seus amigos frequentam suas residências. Assim, é comum ouvirem alguma palavra e ficarem curiosos para saberem o significado.

Outros consideram que dentre o conjunto de palavras utilizadas com mais frequência, há aquelas que podem ser ensinadas aos não-ciganos, sem que isso prejudique a comunicação interna. Sendo que tal posicionamento não é compartilhado pela maioria dos ciganos.

Não. Muitas pessoas já sabem essa linguagem. Várias pessoas sabem essa linguagem, pergunta e tal. Ninguém tem preconceito de ensinar não. Mas ensina. Não tem isso não.  
Não. Ninguém ensina tudo. Porque tem palavra que ninguém pode ensinar. Mas a maioria. Por exemplo, se você quiser aprender alguma coisa que eu posso lhe ensinar. Não muito (ênfase). Mas pouca coisa eu posso lhe ensinar (Francisco Alves dos Santos, Santos, set/09).

Portanto, prevalece a “regra” de que a linguagem não deve ser ensinada aos não-ciganos, já que ela é própria do “povo cigano”.

Não. Eu mesmo não ensino não. O menino daqui tão dando de ensinar. Mas eu não ensino não. Porque não pode ensinar. É só pro povo. Só pros ciganos mesmo (Ducileide Alves dos Santos, set/09).

Assim, a proteção que há em torno dessa linguagem revela uma estratégia de defesa em relação a um conhecimento que as outras pessoas da comunidade não devem ter acesso. Ao mesmo tempo em que representa a permanência do sentimento de ser cigano, mesmo que reconheçam que nem todos detêm o conhecimento suficiente sobre ela, principalmente os ciganos mais novos.

Se sente assim, na hora que eles querem conversar. Que não querem que ninguém saiba. Aí, eles se sentem ciganos, ainda. Mas não é todos que saiba não (fazendo aos ciganos mais novos que não têm conhecimento da linguagem cigana). Aqui não (Zuleide Alves dos Santos, out/09).

Aqui, a noção do sentir-se cigano é associada ao compartilhamento de um traço cultural ainda presente entre os ciganos mesmo após a sedentarização. No dizer de Cardoso de Oliveira (1976), a “linguagem cigana” é um dos mecanismos utilizados pelos ciganos para exprimirem a sua identidade, tornando-se, portanto, um sinal diacrítico.

Isso faz com que os ciganos reconheçam sua diferença diante dos outros moradores da comunidade e, por conseguinte, demarquem sua singularidade étnica.

Até acho Lailson que os ciganos se diferencia dos outros nisso. Aí mesmo na linguagem. Outra coisa não é diferente. Só a linguagem que é diferente. Por a gente falar assim. Se não falasse assim, nem pensava em cigano. Agora eu pensando mesmo, analisando eu acho que o diferente que os ciganos têm de vocês só é essa linguagem. Não existe outra coisa diferente de cigano não (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

Uma diferença. Uma diferença, exatamente. Uma diferença. Por isso que eu digo que nunca vamos ser igual. Por isso, porque tem aquela diferença. Mas nós só comenta naquele caso ali, só no nosso meio. Quando tamo só nós, no nosso meio, entendeu. [...] Mas quando ta só nós, naquela conversa ali, só nós cigano, né. Por isso, que eu digo que nunca nós vamos ser igual completamente. Por isso que nós têm já aquela nossa linguagem, pouco (Francisco Alves dos Santos, Santos, Santos, set/09).

Goldfarb (2004), em seu estudo com os ciganos de Sousa, constatou que a linguagem entre aqueles grupos se constitui enquanto um elemento de diferenciação e, por conseguinte, de distinção política.

O cale, também chamado de “dialeto” ou “idioma cigano”, é tido como um elemento propiciador de identificação coletiva e da unidade grupal, capaz de fornecer uma diferenciação entre “ciganos” e “jurons”. Representam um elemento de identificação, que não resulta de uma diferenciação entre dois grupos, mas de uma seleção de elementos culturais que orientam a ação política da distinção (Goldfarb, 2004, p. 104).

De forma semelhante, os ciganos da Cidade Alta distinguem-se, objetivamente, dos outros através da linguagem. E isso reafirma-se diariamente quando os ciganos classificam os não-ciganos de *juron* e *jurin*, bem como suas variações: “Vou perguntar a *jurin*”; “A *jurinzinha* Camila”; “Vai derrubar a bicicleta do *juron*”; “Tininha, mande o *juron* pra casa”. “Lá está o *juronzinho*”.

No meu caso, apesar da convivência durante o período da pesquisa, continuo sendo identificado como *juron*. É muito raro chamarem pelo meu nome próprio. Ou seja, para os ciganos, os não-ciganos são sempre os *juron* ou as *jurin*. Mesmo aqueles com quem têm contatos diários e frequentam suas casas.

Que o *juron* é, por exemplo, é uma pessoa que não é cigano. É que não é cigano. É o *juron* que a gente chama *jurin*. É o que a gente que diz feminino ou masculino, certo. *Jurin* é a mulher e o *juron* é o que é o homem. Que é o masculino e o feminino (Francisco Alves dos Santos, Santos, set/09).

Diante de tal constatação, alguns ficaram espantados com o fato de usarem constantemente essas duas palavras para designar os outros. O que para eles se reporta à ratificação da distinção feita entre ciganos e não-ciganos na Cidade Alta.

Eu não imaginava não, que eu falava tanto esse negócio de *juron*. Então, eu acho que é como você diz mesmo. Eu acho que a gente sem querer sem perceber a gente ainda tem aquela diferença que cigano é cigano, *juron* é *juron*. Às vezes, a gente tem sem a gente perceber. Se a gente achar que tinha né. Não é da gente. Do jeito da gente (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

Dessa forma, a linguagem cigana é diariamente (re) atualizada no espaço doméstico. Sendo uma forma de comunicação interna a família e, essencialmente um fator de distinção social diante da população local. Afinal, para

diferenciar-se é necessário dispor de símbolos inteligíveis a todos os membros de um grupo e aos grupos que compõem um sistema de interação. Deste modo, a identidade é evocada sempre que um grupo reivindica para si um espaço de diferença, que se liga ao resgate e autonomia e reafirmação das diferenças. Enquanto um conceito relacional, a identidade fixa atributos, uma vez que opera através de sinais diacríticos sento, neste caso, a língua um importante símbolo de distinção (GOLDFARB, 2004, p. 106).

Essa (re) atualização dá-se por meio da oralidade, não apenas como um recurso fonético expresso por palavras, mas que traz em si histórias de origem, valores, tradições, práticas culturais, tornando-se, assim, uma vocalização da experiência de vida de sujeitos sociais. Por isso, a voz é uma possibilidade simbólica de representar heranças culturais e, por conseguinte a oralidade cumpre esse papel de transmissão (ZUMTHOR, 1997), sendo, portanto, fundamental para a permanência das “culturas das margens”, isto é, dos grupos sociais minoritários.

Nessa perspectiva, é preciso enfatizar que, na Cidade Alta, a população local, também reconhece que a linguagem cigana é um elemento de diferenciação, que fica visível no momento em que os ciganos a utilizam na presença dos não-ciganos.

Diferencia e chama muita atenção. Mais veem quando eles tão falando, quando eles estão entre eles. Eles falam mais, quando já tem alguém assim que chega eles. Já falam com eu falei normal. Como a gente começa a falar normal.

Poucas palavras. Poucas palavras. Eles falam, mas é pouco. É diferente de quanto ta só eles. Eles falam assim. Às vezes ele fala e sabe. Parece que ele sabe que a gente não entende. Aí eles ficam falando. Eles ficam falando as palavras né. Aí as pessoas não entendem. Aí pronto, levam na brincadeira (Solange Freire Bezerra, não-cigana, jul/09).

Entretanto, apesar da linguagem ter essa dupla importância para os ciganos, não há internamente a sistematização de um ensino formalizado para sua transmissão. Ou seja, os ciganos mais velhos não reservam um momento do seu dia para ensinarem aos mais novos essa linguagem.

É preciso que se diga, que a maior parte dos ciganos mais velhos não sabe ler e escrever com desenvoltura. E que, no ano de 2009, quatro ciganas da família Alves dos Santos, Laení, Jucileide, Ducileide e Iza, ingressaram no EJA, Educação de Jovens e Adultos, em uma escola do bairro, com o propósito de suprirem esta carência. Algumas foram motivadas pelo interesse em tirar a Carteira Nacional de Habilitação (CNH).

Ao conversarmos acerca dessa questão, os ciganos disseram que nunca ensinaram a seus filhos (as), netos (as) porque o seu aprendizado deu-se no cotidiano observando as pessoas mais velhas da sua família falar.

Não. Ninguém nunca me ensinou não. Nós ia aprendendo com os mais velhos. Os mais velhos foi falando. Eu fui observando, prestando atenção. É como se fosse na escola. Fosse na escola. Você vai ouvindo ali e vai aprendendo. Nunca ninguém (Francisco Alves dos Santos, Santos, set/09).

Essa linguagem eu aprendi assim, vendo os mais velhos né, falando. Aí a gente vai aprendendo. A gente nunca ensina pras crianças. Elas vão ouvindo e vão aprendendo (Jucileide Alves Pereira, set/09).

É... Essa linguagem, a gente não aprende não. Um filho meu cigano né. Um filho meu. Aí você já vai se criar com aquilo ali né. Aí aprende a falar com os outros (Zuleide Alves dos Santos, out/09).

Nesse sentido, é possível encontrar no dia a dia as crianças pronunciando algumas palavras na linguagem cigana. A exemplo: juron e jurin. Às vezes, isso é motivo de risos por parte dos mais velhos, uma vez que as crianças não sabem pronunciá-las com tanta desenvoltura. Em outros casos, as crianças perguntam aos seus pais sobre o significado de determinada palavra.

Diante dessa situação, indaguei-os se haveria uma preocupação no que diz respeito à continuidade desta linguagem, uma vez que de forma semelhante aos ciganos de Sousa, esta era uma linguagem basicamente oral, ou seja, não há nenhuma forma de registro escrito; além de não a ensinarem aos membros mais novos da família.

Assim, encontrei pontos de vista diferentes. Alguns acreditam que ela esta fadada a desaparecer, pois a utilizam cada vez menos e os mais novos não têm interesse em aprendê-la, enquanto outros acreditam que essa linguagem sempre existirá, uma vez que as novas gerações irão observar os mais velhos falando e aprenderão.

Não. Não deixa não. Não deixa de existir não. Ela vai existir pra sempre. (Zuleide Alves dos Santos, out/09).

Ela sempre vai existir. Sempre vai existir. Por mais que a gente pare de falar, de pronunciar essas palavras. Os menino e começar a falar com uns ou outros. Mas ela sempre vai existir. Nunca vai. Ela nunca vai ser esquecida porque, por mais que venha nascendo os filhos da gente e os neto e ninguém vai ensinando. Ele vá pegando outro estilho de vida. Mas sempre vai ficar um que vai sabendo. Vai aprendendo, vai observando os pais da gente, um irmão. Vai

observando a gente. Vai aprendendo (Francisco Alves dos Santos, Santos, set/09).

A maioria das palavras já têm desaparecido. Porque tem uns que não sabe né, o significado mais daquilo. Aí vai desaparecendo. Não todos. Mas geralmente os que moram. Os que vivem noutra vida; ta desaparecendo. Porque mesmo aqui na minha casa, que mora aqui. Você já viu a gente dizer. De tudo a gente sabia. Minha mãe sabia toda linguagem. De tudo que existisse no mundo ela sabia dizer. E hoje, eu já não sei. Porque com o tempo vai esquecendo. Não vai tendo aquela convivência. [...] Sabe porque, porque os mais velhos vão morrendo. E o mais novos não tão sabendo, né. Não sabe né. Aí quando vocês estudam não tem a. É a mesma coisa da linguagem cigana, não vai aprendendo, pronto. Mas quando... Vai esquecendo. Não vai aprender. Aí com o tempo vai esquecer porque não sabe, né. Os mais velhos vão morrendo. Aí os outros não vão aprender aquilo (Laení Alves dos Santos, set/09).

Como já foi mencionada anteriormente, no caso dos ciganos de Sousa (Goldfarb, 2004), a linguagem assume um papel central no sentido de que é utilizado como fator de diferenciação social junto à população sousense e, por conseguinte, de reivindicação da diferença. Logo, o seu uso é mais frequente entre a maior parte dos indivíduos que integram os três grupos estudados por Goldfarb. Além disso, desde idade tenra, é possível encontrar mães ensinando e verificando a compreensão dos seus filhos em relação à linguagem.

Sendo assim, não temos como prever que caminhos a “linguagem cigana”, entre os ciganos da Cidade Alta tomará com o decorrer dos anos. Só podemos concluir que, atualmente, ela é fundamental para que estes sujeitos sociais se pensem e se vejam enquanto um grupo diferenciado diante dos não-ciganos. Restamos agora entender de que forma os ciganos constroem a noção de grupo, ou seja, a sua forma de organização enquanto uma coletividade.

## **2.2 A família cigana**

Os ciganos estão divididos em oito unidades de residências não formados exclusivamente por ciganos, ou seja, há famílias compostas pela união de um cigano e um(a) não-cigano(a). Como é o caso do Santos que é casado com a Cláudia, não-cigana. Sendo que estes, também não obedecem necessariamente à formação

nuclear: pai, mãe e filhos. Ou seja, em três destas unidades não encontramos a presença da figura paterna.

Essas unidades de residências<sup>20</sup> se caracterizam internamente pela presença dos pais enquanto aqueles que direcionam os fluxos cotidianos dos que ali habitam, seja controlando os horários dos filhos chegarem em casa, responsabilidade por suprirem a casa de alimentos, entre outros; e, externamente, pelo compartilhamento de assuntos que dizem respeito aos demais parentes.

Assim, cada unidade residencial é autônoma para tomar as suas decisões. Ou seja, não há uma liderança que oriente a conduta dos indivíduos como acontecia no passado quando eram andarilhos.

Hoje, acabou. Não tem mais esse negócio de chefe. E se fosse ter, o chefe seria pelo mais velho. Era pra ser o Justino, né. Mas só que não é mais. Cada um é chefe de sua casa. Já aprendemos como vocês (Maria da Conceição Alves dos Santos, jul/04)

Entretanto, percebe-se que no cotidiano os acontecimentos que envolvem algum membro da família dizem respeito aos demais, tanto daqueles que vivem na Cidade Alta, como também daqueles que residem em cidades vizinhas: Jaguaruana e Itaíçaba, principalmente. É necessário que se diga que o que eu estou chamando de família aqui são todos aqueles membros pertencentes à família Alves dos Santos que residem na comunidade e que para os ciganos compartilham um sangue comum.

Segundo Sant'ana (1983), os estudiosos dos ciganos têm observado que a família assume um lugar de grande importância como base de organização social para estes grupos sociais, já que promove a coesão grupal e a solidariedade.

Nesse sentido, na Cidade Alta, a família se constitui enquanto modelo organizacional que nos permite pensar os ciganos enquanto um grupo ou uma "rede

---

<sup>20</sup> Ver anexos.

social”<sup>21</sup> de indivíduos que estão ligados por relações de solidariedade, ajuda mútua, respeito, e, principalmente por laços de parentesco.

Elizabeth Bott (1976), ao realizar um estudo com um grupo de vinte famílias inglesas no século XX; em que constatou que as famílias enquanto totalidades sociais estão organizadas em redes que envolvem tanto familiares como indivíduos externos, destaca que a preeminência do parentesco na organização familiar é fruto da ideia de que não conseguimos nos desvincular daqueles indivíduos que de alguma forma fazem parte de nós, uma vez que dão o sentido de perpetuação para a família.

Mas as relações de parentesco têm importância peculiar por causa de sua permanência. [...] A pressuposição implícita parece ser de que os parentes são, de alguma forma, parte de nós mesmos e nós somos parte deles, até mesmo quando nunca os havíamos visto antes. Podemos desfazer completamente uma amizade mas não podemos desfazer completamente um relação “consanguínea”. Um contato com um parente pode ser interrompido, mas, em certo sentido, o relacionamento perdura, algo ainda é compartilhado. Os parentes são elos de ligação entre o passado e o futuro. Eles dão um sentimento de continuidade. Devemos necessariamente morrer, mas a nossa família, no sentido mais geral, prossegue (Bott, 1976, p. 153).

Entre os ciganos, o parentesco, ainda, atua como definidor do grau de pertencimento a família e, por conseguinte, de “ciganidade”. Não é por acaso que os ciganos costumam definir o grau de ciganidade dos seus parentes levando em consideração se o indivíduo é filho de pai e mãe cigana. Assim, dizem que há aqueles que são 50% ciganos, enquanto outros são 100%.

Baseados no parentesco e, por conseguinte, na ideia de família os ciganos tecem relações que se dão no espaço doméstico, como também com as pessoas da comunidade com quem interagem, fazendo com que compartilhem momentos de alegria, tristezas, dificuldades financeiras, problemas de saúde, responsabilidades, já que a família é o bem maior.

[...] a família é o básico da gente. É tudo na vida da gente, é a nossa família. Nós visita. Ta num canto, nós vamo atrás visitar. Chama pra

---

<sup>21</sup> Ver Bott, Elizabeth.

poder. Nós se reúne final de ano tudo junto. Natal. É uma coisa que não tem preço. A família da gente não tem preço. Pra nós não tem preço. O que a gente poder fazer pela família, não mede esforço. É uma coisa que já vem da gente, do começo da vida da gente. Família é pra nós, é tudo (Francisco Alves dos Santos, Santos, set/09).

Porque se um cair na miséria assim, tudinho ajuda. Aí é isso que eu acho bonito. Porque se você tiver algumas dificuldade, se um não tiver dinheiros, essas coisas, aí vem os outros e ajuda você. Se tiver na dificuldade ajuda. Todo o pessoal. Se você tiver numa confusão os outros vêm e ajuda. Eu acho bonito isso. Aí se você tiver numa confusão, tudim chega assim, por você. Entra por você em qualquer confusão. Por isso que eu acho bom. Só isso aí mesmo, porque o resto, negócio de brigas. Essas coisas (Jean Alves dos Santos, set/09).

Enquanto um bem maior para os ciganos, a família deve ser respeitada e valorizada de maneira indistinta, apesar de qualquer desavença interna.

Ela é importante assim pra mim. Que você tem que ter o respeito né. Tem que ter respeito pela sua família. Você tem que ter, dar aquele valor a sua família, mesmo tendo alguns que você naquele momento ta com raiva por alguma coisa. Que você sabe que quem convivi junto briga né. Mesmo você estando com raiva, mas você tem que ter aquele respeito, porque se qualquer um deles tiver num canto e tiver uma pessoa de fora falando do outro, aí eles vão perguntar porque é, porque foi, entendeu. Aí vai a conversa, vai chegar até você, pra você saber, pra saber o que você quer dá vida. Você tem que ter aquele respeito um pelo outro (Iza Alves dos Santos, set/09).

Dessa forma, os ciganos constroem uma unidade, uma vez que qualquer acontecimento que se dá com algum membro da família diz respeito a todos. Mesmo aqueles que são reprovados pela família, isto é, os que se reportam a estigmas utilizados para defini-los de forma pejorativa. A exemplo conflitos corporais com a população local. Por isso, destacam que a união é uma característica muito presente internamente.

Porque cigano é uma pessoa muito unida. A família é uma coisa ... Que acontece com um, acontece com outro, entendeu. É assim, tudo unido. Aqui morre um pelo outro (Zuleide Alves dos Santos, out/09)

É uma família unida. Como eu disse a você: são muito unido. Se a gente passar um dia sem ver uns aos outros, no outro dia a gente procura ver, entendeu. A gente se sente bem quando ta junto, conversando. A gente se sente bem. Porque a gente foi criado muito junto. Cigano é como eu to dizendo pra você. Meus filho, tá certo,

toda vida moraram comigo. Mas é um amor. Cada um tem o seu quarto. Cada um dorme no seu quarto. E nós era tudo junto. Se arranchava debaixo dos alpendres. Era rede, batendo uns nos outros. Andava tudo junto. E hoje, a gente, quando se separa é uma dor. Que só sabe a gente quando viaja. É porque a gente é muito unido, né (Laení Alves dos Santos, set/09).

Essa união é fundamental nos momentos difíceis da vida. Entre estes, pode-se citar: doença, falta de dinheiro para pagar consórcios e mercantil. Nestas situações, cada um deve mostrar a sua solidariedade e se compadecer com o problema do outro, bem como deve procurar ajudar de alguma forma. E quando isso não acontece, surgem os comentários com tom de censura, principalmente se a recusa envolver ajuda financeira ou estiver relacionado a problemas de saúde.

Por várias vezes, pude observar situações nas quais algum parente dos ciganos estava com problemas de saúde. Nesses casos, a aflição toma conta de todos, bem como não medem esforços para ajudar. Logo, este passa a ser o assunto central das conversas quando estão reunidos na casa da Dona Zuleide.

De certo modo, essa relação de ajuda mútua é necessária e fundamental para manter o sentimento de obrigação com os parentes. Criando, portanto, uma dependência entre os ciganos, bem como reforçando a união. Fazendo com que uns se achem no direito de interferir na vida dos outros. Seja através de um conselho, uma opinião ou uma conversa mais incisiva.

É muito forte porque sempre quando ta numa precisão, o outro ta ali, se preocupando. Um dá conselho. É tipo, um cai numa coisa. Não cai só, os outros tudo cai junto. E se eu tiver passando por uma coisa, não pense que vem só um conselhinho não. Vêm conselho de tudinho. Simbora que conselho com crítica, também né. Mas vem. A minha amiga isso assim, assim, não era pra ter feito isso não. Era pra ter feito assim. Não faça mais desse jeito não. Faça daquele jeito ali que dá certo pra você. Atenda o conselho. Não sei que é assim, entendeu (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

É justamente por isso. Porque a gente se preocupa, entendeu. Acha que aquele ta errado. Aí a gente chega junto e briga. Ah, não faça isso não. Vamos fazer isso assim (Jucileide Alves dos Santos, set/09).

Essas “interferências” chegam a ser motivo para que os ciganos fiquem afastados por um período, pois nem todos concordam com os pontos de vista dos outros. Querendo agir da maneira que consideram mais conveniente para si. Estes afastamentos resumem-se na prática ao fato de que uns deixam de frequentar a casa dos outros, evitando, portanto, qualquer tipo de comunicação.

Mas que com o devido tempo os laços são estabelecidos novamente. Às vezes até com maior intensidade.

Rapaz, muitas vezes uni. Mas muitas vezes dá uma confusãozinha ali. Mas sempre retorna né. Sempre retorna a voltar aquela amizade. Naquele momento ali. Naquela conversa. Às vezes tem uma pessoa que fica um pouco mais perturbado e procura uma confusãozinha ali. Mas ali no mesmo tempo resolve. Se resolve. E fica calma. Não é assim. Tem que ser da maneira que é pra ser. [...] Vai, fortalece mais a amizade daquela pessoa, a convivência. Isso aí com certeza fortalece a gente (Francisco Alves dos Santos, Santos, set/09).

Mas em alguns casos os ciganos admitem que não conseguem com que determinado membro de família aja de “maneira correta”, mesmo apesar de muita insistência.

Mas a gente luta e peleja pra tira aquela pessoa daquele caminho né. Aí quando não tem jeito. Que a gente vê que ela não ouçe. Que a gente vê que aquela pessoa não ta ouvindo, nem tio, nem pai, nem parente. Aí a gente vai. Não é que a gente lava as mãos. Mas entrega pra Deus, né. Que quando a pessoa não quer seguir um caminho bom, a gente entrega pra Deus. [...] É agonia. A gente fica com medo daquela pessoa fazer coisa errada. Cair num mal maior. A pessoa fazer uma coisa mais errada ou cair num buraco que não tem volta. Se meter num buraco e não ter mais saída (Laení Alves dos Santos, set/09).

Na maioria das vezes, essas situações envolvem conflitos com pessoas da própria comunidade ou de comunidades vizinhas. Por isso, os ciganos se reúnem e procuram orientar da melhor maneira possível. Buscando estratégias de minimizar o atrito, seja procurando quem está envolvido ou até mandando um filho para casa de parentes em outras cidades.

Logo, a proximidade é um fator que possibilita aos ciganos manterem esse tipo de relação, fazendo com que nada passe despercebido pela família. Ou seja, os *acontecimentos são sempre no plano das famílias, e de suas relações [...] já que as pessoas e suas famílias a princípio assumem posições solidárias e compartilham qualidades*<sup>22</sup>.

Por isso, se algum morador da comunidade “mexer<sup>23</sup>” com um cigano, mexe com todos os outros membros da família. Ao discutirmos acerca dessa afirmação presente entre a população local, percebi que para que isso ocorra é levado em consideração o tipo e a intensidade da ação.

Rapaz, não é sempre assim não, viu. Não é sempre assim não. Depende da maneira que você teja mexendo, pra poder a família querer tomar providência, intervir. Depende da maneira. Por exemplo, se caso for uma brigazinha besta, uma briga. Assim, de muro. Você fazer uma confusão. Não, isso aí acaba pra lá. Como aqui mesmo já aconteceu de eu e de outro rapaz ali, o Roberto, nos chega a brigar. E no outro dia nós ta amigo de novo. Não leve a mal não, mas foi cachaça. Vamos deixar pra lá. Ele, não Santinho, não vale nada não. Hoje nós brinca. Vamos brincar junto. Bebe e tudo. Como se diz, pouca coisa a gente não liga não. Ninguém vai atrás disso não. Logo, ninguém é aqui. Nós não somos. Já passou o tempo de cigano viver com briga, essas coisas. Hoje não existe mais não (Francisco Alves dos Santos, Santos, set/09).

Daí decorre a necessidade de se reunirem e discutirem, conjuntamente, qual posicionamento deve-se tomar para resolver a situação. Para tanto, qualquer um dos ciganos da família pode reunir os demais, e discutirem a respeito do assunto na busca de encontrar soluções para o problema.

Vale destacar que nunca presencie diretamente nenhuma dessas “reuniões”, uma vez que os ciganos procuram manter os seus problemas em “sigilo”, principalmente aqueles que dizem respeito a conflitos com não-ciganos ou com ciganos de outros municípios. Às vezes quando eu estava presente, usavam bastante a linguagem cigana ou então, passavam a conversar sobre outros

---

<sup>22</sup> Ver: Comerford, John Cunha.

<sup>23</sup> O termo mexer é utilizado comumente na comunidade para se referir ao fato de que alguém incita outra ao conflito por motivos que podem variar desde a uma piadinha mal-interpretada, um xingamento, um empurrão proposital.

assuntos. O que nos leva a associar tal atitude como uma forma de afastar os estereótipos sociais pelos quais são definidos.

À medida que começamos a ter conversas gravadas, descobri que durante esses momentos em que precisam tomar alguma decisão, um dos membros da família se destaca, ou seja, o Carneiro ou, como costumam chamá-lo, Carnerim. Sendo que sua importância não se restringe apenas a essas reuniões, mas em relação a qualquer situação que envolva algum membro da família.



Carneiro e sua sobrinha Jade.

A partir desta constatação procurei conversar com ele, mas as várias tentativas foram frustradas: ele sempre estava ocupado com o seu trabalho de moto-táxi ou evitava-me, pois quando eu chegava onde ele estava, tratava logo de sair.

Em uma de suas saídas, eu ouvi-o perguntar, em tom de riso, ao Francisco Alves dos Santos, Santos, se ele “já tinha dado a entrevista”, como também fez comentários com o mesmo sentido em outras ocasiões. Diante disso, pode-se tirar duas conclusões: primeira, Carneiro teria receio de que a nossa conversa seria permeada de perguntas que ele não saberia responder, ou então, pelo fato de ter tomando conhecimento do seu papel na família quase ao final da pesquisa, não conseguimos estabelecer as relações necessárias para este diálogo.

Assim, percebi que não seria possível nem mesmo uma conversa informal, já que a minha presença passou a “incomodá-lo”. Logo, as reflexões que trago aqui sobre o papel desempenhado pelo Carneiro na família Alves dos Santos são feitas a partir do ponto de vista de seus parentes.

Para os ciganos, o Carnerim é o membro da família que se destaca porque sempre está disposto a ajudar aos outros, independente de qualquer situação. Mas vale frisar que ele não exerce o papel de chefe, no sentido que não está legitimado pela família a decidir os rumos da vida daqueles parentes que vivem no bairro.

Porque o Carneiro, de nós é o mais. É o que. É o mais perto de todos, entendeu. É o que a gente chega. Gosta mais. Eu acho até, pronto. Eu acho que é isso aí. Acho que é o que a gente gosta mais. É porque tem aquelas pessoas que se destaca no meio dos outros. Não tem. Do mesmo jeito que tem um pano bonito né, se tem um pano bonito na loja. Você vai na loja, aquele pano se destaca. Do mesmo jeito é a pessoa. Aí o Carneiro é essa pessoa. Essa pessoa que ta sempre presente. Essa pessoa que ta sempre pronta a servir. Essa pessoa que resolve, ah fulano chame o Carneiro. O Carneiro, o Carneiro faz isso. Aí o Carneiro é quem, entendeu. Aí não é que ele seja chefe. Ele é chefe da casa dele, né. Na minha casa o chefe é o Bonfim. Mas ele sempre se destaca. É o que gosta de ajudar mais, sabe. Ajuda as pessoas. Ta sempre pronto pra ajudar nós tudinho. Tudo é ele. Aí a gente toda vida só conta mais pra ele (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

Desse modo, pode-se dizer que o Carneiro exerce o papel de *parente conector*. Segundo Bott (1976), os parentes conectores são aqueles que desempenham, numa rede de parentesco, a mesma função que um líder em um grupo organizado. Logo, são responsáveis por direcionar e orientar as atividades internas e as relações sociais. Todavia, não há regras para exercerem essa atribuição. Mas, sua importância reside no fato de que suas manifestações acerca de qualquer assunto são levadas em consideração por todos.

Uma família não está, portanto, relacionada com seus parentes de maneira uniforme. Alguns relacionamentos são mantidos diretamente pela família; outros são mantidos indiretamente por intermédio dos parentes conectores. Os parentes conectores são, para uma rede de parentesco, o que um líder é para um grupo organizado. Eles controlam e direcionam fluxo de atividades e relacionamentos sociais. O papel do parente conector não é, no entanto, obrigatório e inevitável. Alguns indivíduos possuem mais talento e mais gosto para isso do que outros, e não existem regras formalizadas sobre como deve ser desempenhado, bem como não

existem fortes sanções compelindo uma pessoa, que esteja em posição apropriada, a levar este papel a cabo de alguma forma particular. Dentro dos limites estabelecidos pelos vínculos econômicos, a residência, as obrigações em relação aos pais, de tal forma que as famílias são afetadas não somente por suas próprias preferências mas também pelas preferências de seus parentes conectores (Bott, 1976, p. 148)

Nesse sentido, o Carneiro enquanto parente conector é uma pessoa que influencia diretamente nas ações e decisões familiares. Por isso, é visto pelos ciganos como a “pedra fundamental”, pois é o responsável por muitas das relações que os ciganos passaram a estabelecer com a população local. Além de ter contato com diversas pessoas da comunidade, como também do centro da cidade de Limoeiro do Norte.

Olhe, por exemplo, ele aqui pra nós é um referência grande. Porque através dela nós peguemo amizade com muitas pessoas daqui da Cidade Alta, que ninguém conhecia. Ninguém tinha essa amizade com o pessoal da Cidade Alta, em Limoeiro. Carneirinho é uma pessoa bem, bem. Por exemplo, bem conhecida com a população simples, com a população mais econômica. Mais tem condições dentro de Limoeiro. O Carneirinho tem uma amizade grande. Amizade grande dentro de Limoeiro, Cidade Alta. Ninguém nem se fala a amizade que a gente tem dentro da Cidade Alta. Aí, através dele, hoje, a pedra fundamental é ele (Francisco Alves dos Santos, Santos, set/09).

Papel este exercido há anos atrás pela Dona Zeiná, pois com sabedoria fez com que seus filhos se fixassem em um lugar e passassem a trabalhar, bem como estabeleceu vínculos de amizade com pessoas da comunidade que posteriormente os ciganos de sua família puderam usufruir.

Ela teve uma visão de futuro muito grande. Porque eu nunca vi uma visão como a da Zeiná. Teve muita visão de futuro. Porque ela ser cigana, ela se inclinar pra coisa, de que não era de cigano. Porque ele botou os filhos. Ela botou os filhos pra morar. Ela veio morar. No que ela veio morar, ela botou os filhos pra trabalhar. Ela botou os outros filhos, mais velhos, pra trabalhar, né. Quer dizer que aí ela já deu um futuro a eles, né. Hoje é um operador de máquina. E o outro é Diomedes. E o Diomedes não trabalha mais porque é doente, né. Ele é, trabalha de carpintaria, carpinteiro, né. Diomedes é carpintaria. E é também carregador de firma, né. Encarregado de firma. Aí então ela foi quem, através dela foi que aconteceu isso tudinho (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

O conhecimento que a gente tem hoje, era dela. As amizades que ela construiu e deixou pra nós. É isso que a gente conserva né (Laení Alves dos Santos, set/09).

Aqui se percebe claramente a valorização das relações estabelecidas para além do espaço familiar, pois estas são necessárias, também, já que os ciganos vivem em constante contato com a população local. Assim, quem tem maior habilidade nesse tipo de interação, tem um lugar de destaque entre os ciganos da família Alves dos Santos.

Mas, se nesse caso há alguém que se sobressai na família. Em outros, há um espaço que assume o papel de lugar<sup>24</sup> da coletividade para os membros desta família. Como acontece com a casa de Dona Zuleide.

A calçada da casa de Dona Zuleide é o ponto de encontro dos ciganos nos finais de tarde, como também de algumas pessoas da comunidade que são amigos ou conhecidos da família. Vale destacar, que eu, pesquisador, tornei-me com o passar dos meses, um dos freqüentadores assíduo desse lugar.

Lá, a vida dos ciganos, em coletividade, acontece, pois é quando usam constantemente a linguagem cigana, bem como conversam acerca dos acontecimentos diários, seja dos membros da família ou da comunidade. Fazem brincadeiras. Contam piadas. Dão palpite na vida dos membros da família. Discutem.

De acordo com os ciganos, a casa da Dona Zuleide desempenha esse papel porque ela é a cigana mais velha entre aqueles ciganos que residem na Cidade Alta.

Porque no momento ela é a mais velha né, no momento. Quem era mais velha era a minha vó, né. Aí já se foi. Aí porque no momento da família das tias ela é a mais velha né. Aí é onde a gente se senta mais (Iza Alves dos Santos, set/09)

---

<sup>24</sup> Aqui a noção de lugar é pensada a partir de Michel de Certeau (1994), quando este diz que o lugar é um espaço praticado a partir de práticas e experiências cotidianas. Logo, é dotado de sentido para quem o habita.

Porque ali é o ponto que a gente fica ali debaixo do pé de pau pra conversar. Porque ela é a mais velha, também né. Ela é a mais velha da turma dos ciganos (Francisco Alves dos Santos, Santos, set/09).

Ao conversar com a Dona Zuleide sobre esta função exercida por sua casa, ela confirmou com poucas palavras e muitos risos, como quem se dá conta naquele momento de uma prática que já tornou-se um hábito para aqueles familiares que ali frequentam. E ainda complementou dizendo: — *É, os ciganos tudo é aqui. Os que vêm de Alto Santo, às vezes vêm pra cá. Vai pra cá (fazendo referência a sua casa). Tudo é aqui.*

Mas o tempo passa, e os ciganos olham o passado com os olhos do presente e veem que toda aquela cumplicidade que havia entre eles está diminuído cada vez mais.

Com certeza. Como eu lhe disse. Antes, tinha mais fé, um com o outro. Hoje em dia, não existe mais isso aqui não. É muito difícil (Jucileide Alves Pereira, set/09).

Assim, pouco a pouco os ciganos observam as novas gerações crescerem e se distanciarem dos elos familiares, pois cada um quer ser dono de si. Além de demonstrarem, também, um desejo de não ser cigano. Mas, como deixar de ser cigano? Essa é uma pergunta que só os ciganos mais novos podem responder.

### 3. Ciganos novos, novas identidades.



Everton e Djavan (Primos)



Tininha, Romerito e Jade (Primos)

Assim que voltei a campo no mês de julho do ano de 2009, fui à casa de cada cigano para explicar-lhes essa nova etapa do meu estudo junto a eles. Por isso, tive, inicialmente várias conversas com os ciganos mais velhos.

Dentre estas, a que realizei com Laení Alves dos Santos me chamou a atenção. Sentados na calçada de sua casa, ela recordava o período em que era andarilha e não tinha um lugar fixo. Em sua fala emergia, claramente, a associação do nomadismo como traço definidor de sua ciganidade. Logo, afirmava que isso a impossibilitava de negar a sua condição de cigana. E complementou, dizendo que os seus filhos nasceram em um “sistema diferente”, ou seja, em um contexto marcado pela sedentarização. E logo me advertiu para eu conversar com eles.

Todavia, foi à medida que passei a ter conversas gravadas com os ciganos mais velhos e das observações na casa de D. Zuleide, que entendi o significado da “advertência” de Laení. Na verdade, o que ela queria dizer era que diferentemente dos ciganos mais velhos, os ciganos mais novos não gostam de ser reconhecidos como ciganos.

Partindo dessa premissa, os ciganos mais velhos afirmam que seus filhos “não querem ser ciganos”, pois a maioria nasceu e se criou na Cidade Alta, bem como compartilham costumes e frequentam os mesmos espaços sociais que os outros moradores da comunidade.

Nossos filhos são igual a ele. Nossos filhos não quer ser ciganos. Os meu filhos vai pra um festa. Às vezes um diz assim, um alô pros ciganos da Cidade Alta. Pronto, eles já se sente mal. Não gosta. Agora eu não sei porque que ele também se sente assim. Mas eles não gosta. Quer ser (parou a fala). Eu sei porque, é porque ele não quer ser cigano. Ele quer ser pessoa. Realmente eles não são mais ciganos. Nasceram aqui, se criaram aqui. Tem todos os costumes do pessoal daqui né. Não sei. Frequentam o mesmo lugar (Maria da Conceição da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

Esta postura também foi constatada quando realizei a pesquisa para a confecção da monografia, no curso de graduação. Neste momento, a Dona Zuleide, enquanto a cigana mais velha na família Alves dos Santos, afirmou que os seus filhos<sup>25</sup>, não gostavam de “ser ciganos”, ou seja, ser reconhecidos enquanto tais.

Logo, pode-se inferir que para os ciganos mais velhos, as gerações mais novas sempre procuram distanciar-se dos elos que os tornam diferentes diante dos outros. O que é motivado pelo tipo de relações estabelecidas no contexto social em que estão inseridos.

Vale destacar que dentre os ciganos mais jovens, o Rubenigue Alves dos Santos e o Jean Alves dos Santos, primos, vivenciaram durante um curto período da infância, a vida de andarilhos. No entanto, este não é um assunto sobre o qual gostam de conversar.

A maioria desses ciganos mora com seus pais e frequentam as escolas municipais do bairro ou as estaduais e particulares no centro da cidade de Limoeiro do Norte. Entre eles, o Felipe Alves dos Santos, conhecido como Lipe, trabalha durante o dia em uma oficina mecânica e estuda a noite. O Jean Alves dos Santos e o Rubenigue Alves dos Santos concluíram o Ensino Médio, mas não tem nenhuma ocupação atualmente. Já o Romerito Alves dos Santos, filho da Laení e Carnerim, estabeleceu união estável com uma moradora da comunidade, não-cigana, e tem dois filhos. Assim, os mais jovens constroem seus laços de sociabilidade.

---

<sup>25</sup> Como já mencionado anteriormente, os filhos de Dona Zuleide são: Carnerim, Ducileide, Jucileide e Santos.

A forma como os ciganos mais novos interagem com a população local difere da dos mais velhos, já que vão com mais frequência a escolas, praça da comunidade, clubes dançantes, lan houses, jogos de futebol entre outros, ampliando, portanto, o círculo de relações.

Muitas destas relações são desconhecidas pelos mais velhos, pois era comum quando estava sentando na calçada da casa de Dona Zuleide; chegar um não-cigano à procura de algum dos ciganos mais novos. E quando este (a) saía uns perguntavam aos outros, a exemplo, quem era aquele *juron* ou aquela *jurin*.

Mas, se por um lado os ciganos mais novos apresentam uma maior disposição à socialização, por outro lado sentem/sentiram como mais veemência as barreiras sutis do preconceito, tanto durante o processo de adaptação à vida no bairro, bem como atualmente.

Foi assim, eu tava na sala de aula. Aí eu falei com um menino. O menino tava falando de mim. Peguei, reclamei com ele. Aí, o outro pegou e disse, cuidado que ela é cigana. Pronto. Eu não disse nada. Não, eu sou igual a você. Cuidado comigo, por quê? (Maria Aparecida dos Santos, Tininha, out/09).

Tem preconceito assim, porque tem menina assim que. Tem menina que é interessado pra ficar comigo. Aí por causa que eu sou cigano, aí o pai da menina não deixa ficar comigo porque eu sou cigano. Não, não deixo não que é cigano. É cheio de encrenca. Entrar na família de cigano, tá lascado (Jean Alves dos Santos, set/09).

Os namoros entre um cigano(a) e não-cigano(a), na comunidade, são situações em que a condição étnica desses sujeitos pertencentes ao primeiro grupo, implica, necessariamente, como uma justificativa, por parte da maioria dos pais de filhos não-ciganos, para que estes não envolvam neste tipo de relacionamento.

Agora eu digo assim, no meu lugar eu acho que nenhum pai aceita eu namorar com a menina não. Assim, eu acho que não aceita não porque eu sei que não aceita, certo. Por isso eu nem tento não. Eu nem namoro com as pessoas daqui não. Eu faço só ficar. Um fica assim, não quer dizer nada não né. mas que os pais não deixa namorar não. Esse aqui pronto. O meu primo Djavan, pronto, é um carinha que tem uma aparência legal né. É um cara direito. Só vevi no estudo. Não bebi. Não fuma. Não é de briga. Tem amizade com todo mundo. Mas eu queria ver um dia ele chegar na casa de família e dizer, rapaz porque você sabe que pai e mãe pergunta: você é o

quê. Você faz o quê. Qual a sua família. Eu queria que ele dissesse assim, rapaz eu sou cigano. Aí já modificava muito ali. Eu digo assim, o preconceito é maior por causa de cigano. Não é nem por causa de briga e nem bebida não (Everton Alves dos Santos, dez/09).

Mas isso não significa dizer que os ciganos mais novos não consigam namorar pessoas da comunidade. Pelo contrário, alguns têm/tiveram namoros duradouros. Como é o caso de Jade Alves dos Santos e de Everton Alves dos Santos, primos. Todavia o que merece atenção aqui é que esse tipo de relacionamento, também é permeado pelo preconceito. Como bem destacou Dona Francisca Hermógenes, não-cigana e moradora da comunidade.

É porque é assim. Às vezes é assim, mesmo quando uma menina começa a namorar com um rapaz que é cigano. Eu já pude ouvir isso, certo. Namorando com o filho de fulano, olha é cigano. E as meninas também: essa menina é filha de cigano. Como se fosse uma coisa. Eu não sei é por medo da população de repete o pai daquele jovem ou daquela jovem que não quer. Porque eu nunca parei pra perguntar. Mas que eles ainda sofrem um pouco ainda. Infelizmente (maior entonação na voz). Mas eles ainda sofrem (Francisca Hermógenes de Lima Silva, jul/09).

Por isso, levando em consideração o preconceito, alguns afirmam que já chegaram a negar a sua condição de cigano, seja porque percebeu o tom preconceituoso na fala e nas ações das pessoas não-ciganas ou ainda com o propósito de estabelecerem relações em um determinado contexto de interação.

Já cheguei a negar, já. Sabe por quê? Porque eu vi que quem eu neguei ele tinha um certo preconceito. Já dava pra perceber que tinha um certo preconceito. Pra mim, eu acho que é mesma coisa de ser racista. É a mesma coisa. Ser racista é o mesmo preconceito. Não era para existir isso não (Djavan Alves Pereira, dez/09).

Teve um jogo de bola que teve lá no Setor. Aí os meninos pensava que eu era cigano, né. Pensando. Não. Mas alguém sabia que eu era cigano. Aí eu peguei e disse que não era cigano não. Não, não sou cigano não. Aí, os meninos começaram a falar comigo. Aí eu falei com eles. Mas se eu fosse ciganos, eles nem vinham pra perto de. Tem vergonha ou tem indiferença. Essas coisas (Jean Alves dos Santos, set/09).

Cardoso de Oliveira (1976), ao elaborar seus estudos sobre as áreas de “fricção inter-étnica”, esclarece que, na medida em que as relações interétnicas

caracterizam-se por tensões veladas ou conflitos abertos, a identidade étnica poderá ser manipulada. Isso implica considerar que sua emergência está intimamente relacionada com o contexto, a situação, o interlocutor e outros fatores presentes nas situações nas quais se encontram os atores sociais.

Nessa perspectiva, pode-se encontrar aqueles mesmos ciganos que negaram em algum momento sua condição étnica, afirmando-a abertamente. Como no caso do Jean que frequenta entre os vários espaços sociais da comunidade a academia de musculação, localizada próxima a sua casa, e um dia foi diretamente indagado por uma moradora do bairro, não-cigana, se era cigano. Espontaneamente respondeu que sim.

Segundo Damião Ferreira de Sousa, morador da comunidade e instrutor da academia de musculação, às vezes, há pessoas que também malham na academia, que se dirigirem a ele e o indagam se determinada pessoa é cigana<sup>26</sup>. E que isso acontece porque essas pessoas perceberam diferenças em relação aos ciganos. Mas que estas perguntas não são acompanhadas de nenhum comentário.

Em relação a isso aí, diretamente não. Não é frequentemente, essas perguntas. Mas já acontece certo. Já aconteceu de alguém diferenciar. De alguma forma e me perguntar. Eu respondo que sim, por que foi a pergunta da pessoa; a pessoa quem viu a diferença simplesmente. Eu respondi o que a pessoa perguntou. Bião essa pessoa aí é cigana. Eu disse, é. [...] Mesmo no espaço da academia. Bião, essa pessoa é cigana. Aí eu respondi que sim. Mas a pessoas não argumentou detalhes em relação à pergunta. Então não sei porque a pessoa fez a pergunta (Damião Ferreira de Sousa, Bião, ago/09).

Em outro momento, eu estava na casa do Jean, conversando com sua mãe, Maria da Conceição Alves dos Santos, a respeito das questões que seriam abordadas no decorrer da conversa gravada. Ao ouvi-la dizer que ainda se sente cigana e que os mais novos não querem ser reconhecidos como tais, rapidamente falou que a identificação deles como ciganos não se sustenta, já que têm uma vida sedentária. E, acrescentou dizendo que os únicos ciganos que não “mudam” são os seus parentes que moram em Jaguaruana, pois utilizam, constantemente, entre outros elementos, a linguagem cigana para se comunicar. Dito de outra maneira,

---

<sup>26</sup> Além do Jean, malham na academia de musculação: sua irmã, Jade Alves dos Santos e sua prima em segundo grau, Ducileide Alves dos Santos.

para Jean, estes parentes apresentam um “grau maior de ciganidade”, já que mantêm traços que os distinguem de forma mais precisa dos não-ciganos.

Dessa forma, o que é levado em consideração para construir essa afirmação por parte dos ciganos, já que a maioria compartilha dessa mesma opinião, é a preeminência da cultura como indicador da identidade dos sujeitos sociais. O que implica em dizer que, de acordo com os ciganos da Cidade Alta, os traços culturais são fundamentais para definir quem é mais ou menos cigano.

Ao escutar a colocação do Jean, seu irmão, Felipe Alves dos Santos, conhecido como Lipe, expressou um outro ponto de vista diferente ao dizer que gosta de ser cigano, ou seja, de ser reconhecido a partir de sua condição étnica. Segundo Lipe, esta é uma maneira de se exaltar diante dos outros.

Isso acontece porque os ciganos têm conhecimento que muitos moradores da comunidade, ainda, têm medo deles devido a imagem de que eles são pessoas valentes. Logo, isso passa a ser utilizado de maneira favorável em algumas situações de interação.

Tem alguns momentos que é bom porque, porque o pessoal tem medo, né. Assim de cigano. [...] Essas pessoas assim, que é valentona. Essas pessoas valentona, pra mim. Porque tem pessoas que tem mais. Tem outras que não têm medo (Jean Alves dos Santos, set/09).

Nessa perspectiva, o Djavan reverteu os efeitos negativos do estigma da valentia para se favorecer indiretamente diante de uma situação conflituosa em que, para evitar um conflito corporal deixou transparecer sua filiação étnica.

Só que eu já me favoreci por meio de briga. Porque muitos deles aí. Eles têm medo, certo, de cigano. Tem medo porque cigano é conhecido como o quê; criado com arma. Que não tem medo de morrer. Já aconteceu muita morte entre cigano. Muita morte mesmo. Teve até polícia. Já aconteceu várias coisas. Porque assim, eles não é de levar desaforo pra casa não. Muitos deles possui porte de arma. Aí, todo mundo tem medo, certo. Tem aquele medo. Pronto, o meu primo Everton. Ele é conhecido aqui como que briga muito. Vivi brigando, ele. Aí todo mundo tem medo. Aí, por eu ser primo do Everton, aí, não é primo do Everton. Aí já tem um certo medo por ser primo do Everton e por ser cigano. Eu acho que nunca na minha

vida, nem briguei. Mas eu já me favoreci muitas vezes porque muitas vezes vem em turma de Limoeiro, caçar briga comigo. Quando descobri que eu sou cigano. Aí diz: que cigano é valente (Djavan Alves Pereira, dez/09).

Situação semelhante aconteceu no dia do aniversário de Everton. Era uma tarde de sábado quando cheguei por volta das quatro horas na casa de D. Zuleide. Ao longe, percebi uma movimentação incomum na casa de Ducileide, que ainda estava em fase de construção. Ao me aproximar, Ducileide me informou que o Everton reuniu seus amigos, todos não-ciganos, para comemorarem o aniversário dele.

Em um determinado momento, Everton veio para a calçada da casa de sua avó, D. Zuleide, e, no meio dos ciganos de sua família gritou olhando para os seus amigos: — *Pense num cigano arretado, sou eu*. E saiu em seguida em direção ao local onde acontecia a reunião de amigos.

Ao conversar com Everton acerca desse acontecimento e ao indagá-lo a respeito daquela afirmação, ele me respondeu:

Eu falei como? Cigano arretado (expressão de surpresa). [...] Eu digo assim: brincando eu falo mesmo certas coisas assim. Uma coisa que tem que entender também, certo. Eu falei assim arretado. Mas me referia assim, desmantelado, cachaceiro. Essas coisas na brincadeira. Mas meus amigos eu falo isso aí (Everton Alves dos Santos, dez/09).

Para Everton, o uso da palavra arretado estava relacionado ao indivíduo que subverte regras sociais, uma vez que não assume compromissos e bebe constantemente; e que é comum utilizá-la quando está entre os seus amigos. Mas que isso não significa uma forma de exaltar o fato de ser cigano, já que nunca usou a sua condição para se favorecer diante dos outros.

Nunca. Nunca precisei dizer que eu era cigano pra pessoa ter medo. Ter medo de mim. Essas coisas não. Sempre fui eu mesmo e pronto (Everton Alves dos Santos, dez/09).

A forma como Everton explica o sentido da palavra neste contexto ou em outras ocasiões pode ser associado, pelos outros, a determinadas marcas negativas que são atribuídas aos ciganos, alimentando, portanto, preconceitos.

Além do mais, Everton envolveu-se durante o ano de 2009 em alguns conflitos com outros moradores da Cidade Alta, e, nestas situações, surgiam comentários de que ele agia daquela maneira por ser reconhecido pelos outros como cigano.

É porque assim, o pessoal, aqui, a maioria do pessoal da Cidade Alta, certo; se eu brigar aqui na pracinha. Um exemplo: eu brigo na pracinha hoje, certo. Aí se o cara chegar dê na minha cara, chamar pra brigar. Se eu for noutro dia você não vê comentário não. Rapaz, o cara caçou briga com Everton. Deu um muro em Everton. Aí, Everton meteu a peia nele. Você não vê esse comentário não. Eu acho que você nunca ouviu não. Você não pode ter ouvido nenhum dos dois lados. Mas o pessoal fala muito assim, rapaz o Everton meteu a peia no cara. O cara sem fazer nada ele meteu a peia só porque é cigano. Aí, isso já suja muito o nome da minha família. Não é? (Everton Alves dos Santos, dez/09).

A partir desta colocação de Everton, duas questões se sobressaem: a primeira é que quando esse tipo de atitude é realizada por uma pessoa não-cigana, é vista como um fato comum, mas no seu caso, assume um significado diferenciado, pois suas desavenças são associadas diretamente ao fato de ele ser cigano. Ou seja, como se houvesse uma predisposição para os ciganos agirem dessa maneira; a segunda refere-se ao fato de que, quando ele se envolve nesse tipo de situação, não é apenas o seu nome que fica a mercê de comentários desaprovadores pelos outros moradores da comunidade, mas de sua família como um todo, já que são ciganos.

De acordo com Fazito (2000), a unificação desses indivíduos a partir do “termo cigano” é feita a partir de estereótipos e desconsiderando as variações culturais.

O problema que se coloca é compreender como, apesar da variabilidade das formas culturais, a “unificação” de indivíduos e grupos aparentemente distintos se torna possível. Tal *unidade*, muitas vezes, parece ser construída sobre imagens e atitudes negativas, isto é, estereótipos como o próprio termo “cigano” que

parece agregar grupos e pessoas tão diferentes umas das outras. Portanto, podemos dizer que a “unidade cigana” se forma e se alimenta a partir da própria diversidade, através de práticas e discursos variados. (Fazito, 2000, p. 50).

Nessa perspectiva, os ciganos não são pensados enquanto grupos constituídos em contextos socioculturais diferenciados, mas como uma coletividade. Logo, ser cigano significa apresentar uma série de características que se reportam à estigmas, e que, por conseguinte, são utilizados para defini-los.

Por outro lado, outros ciganos dizem que mesmo diante de situações em que há manifestações de preconceito, assumem sua condição, pois entendem que ao fazerem o oposto, estão negando não apenas a sua condição étnica, mas, sobretudo a sua ascendência e sangue. De forma análoga aos ciganos mais velhos, os mais novos também tomam esses elementos como traços que justificam sua ciganidade.

Não. Nunca. Nunca neguei não. Eu sempre, se perguntam ou se perguntar. Eu sempre vou dizer que eu sou cigano. Porque não é porque é o certo. É porque eu sou né. E antes de mim vieram muitos. E eu acho, tenho certeza absoluta que nenhum deles negaram. Sempre foram pessoas pra assumir que são ciganos. Porque quando chegaram a nossa vez desses mais novos vão ter que negar. Não pa podemos negar a nossa origem. Porque nossa origem como todas as outras, eu acho que ela lutou pelo espaço dela de uma forma ou de outra. Ela sempre lutou pelo espaço dela (Rubenigue Alves dos Santos, nov/09).

Não. Eu nunca neguei. Nunca. Nunca neguei. E nunca vou negar que sou cigana não. [...] Porque é isso: ta no meu sangue eu ser e negar. Eu não gosto de ta negando não. Se eu sou, então eu sou. Se eu não sou, eu não sou (Janaína Alves dos Santos, Jade, out/09).

Se por um lado, uns fazem questão de reconhecer-se enquanto ciganos independente do contexto e dos interlocutores, por outro vão de encontro aos demais quando procuram distanciar-se dos traços que expressam objetivamente a diferença entre ciganos e não-ciganos. Ou seja, a linguagem cigana.

Porque eu convivo mais com as pessoas que não são, do que as que são. Certo que a minha família também é cigana. E às vezes elas trocam muito. Mas pra mim, não quero essa linguagem. Não tenho comigo (Maria Aparecida dos Santos, Tininha, out/09).

O ponto de vista de Tininha é compartilhado, também, por Jade Alves dos Santos, prima, pois esta última me disse abertamente, que não vê nenhuma necessidade em usar a linguagem cigana. Apesar de considerar que ela, a linguagem, é importante para a comunicação interna de sua família.

Em certos modos é importante, comunicação. É, às vezes é importante. Só que tem, às vezes que não é necessário não. Quando há uma notícia entre a família, entendeu. Quando a família se altera. Aí sempre é usado isso aqui. Mas assim, nos cantos. Assim, eu acho que não há necessidade de você ter esse tipo de linguagem não. Você pode falar normalmente. Aí eu acho pra mim. Se eu to num canto com a minha prima e começa a falar esse tipo de linguagem comigo, a pessoa não vai entender e vai saber. Vai pensar o quê? Que nós tamo falando dela. Alguma coisa assim. Acho legal não. Em casa assim, é normal. Mas fora eu não acho legal não (Janaína Alves dos Santos, Jade, out/09).

Não é por acaso que a sua mãe, Maria da Conceição Peteca Alves dos Santos, chega a dizer que Jade “parece uma *jurinzinha*”, pois sua forma de falar difere muito dos outros membros da família.

A questão da linguagem era um dos assuntos que sempre surgia entre os ciganos quando estavam reunidos. E era comum eu ser indagado se a compreendia ou não, bem como destacavam que os ciganos mais novos não têm domínio desta linguagem. E para exemplificar, testam o conhecimento dos mais novos acerca da linguagem cigana.

Isso se dá seguinte maneira: os ciganos mais velhos pronunciam frases inteiras na linguagem cigana ou então, intercalando palavras da língua portuguesa com as da linguagem cigana. Em seguida pedem aos mais novos para dizer o significado das palavras faladas. Na maioria das vezes, as respostas eram negativas ou então, os mais novos diziam que conheciam o significado de umas palavras e outras não, como também perguntavam, a quem estava próximo o quê tinha sido dito. O que se torna motivo para muitas risadas.

Diante de tais respostas, os ciganos mais velhos não se cansam de dizer que os mais novos não querem aprender a língua cigana. Mesmo assim, os ciganos

mais velhos os explicam os significados das palavras verbalizadas naquele momento. Mas estes não demonstram disposição em aprendê-las.

Ao invés do que acontece em Sousa, uma vez que os pais ensinam a linguagem cigana aos filhos desde a infância e, posteriormente, com o avanço da idade, estes passam a reconhecer a sua importância enquanto fator de distinção social que demarca o seu lugar na sociedade mais ampla (GOLDFARB, 2004).

Por diversas vezes presenciei mães ensinando as suas crianças algumas palavras em calé ou testando a compreensão destas. Era comum, na casa onde fiquei hospedada, escutar as mulheres perguntando para seus filhos: “caicila burnin?” mesmo que nem todos os jovens conheça a totalidade do léxico calé, ao que me parece o seu papel está relacionado sobretudo ao seu uso ritual, representando uma distinção, enquanto elemento que atesta a sua identidade cultural (de cigano), fornecendo-lhe um status social diferenciado. Assim, possibilita uma forma de interação entre pares e de distinção com a sociedade “juron”.

[...]

O que nos diferencia? Tem uma diferença muito grande. Nós quando nascemos recebemos de Deus um dote que os outros nunca vão aprender. Esse **dote** é o nosso idioma, que muitos professores, juizes, gente inteligente não sabe. Esse dote é o nosso idioma e os outros não nasceram com ele, só nós (Nelson, 19 anos, Grupo B).

Na Cidade Alta, a maior parte dos mais novos conhecem algumas palavras na linguagem cigana, quer dizer, aquelas faladas com mais frequência, e as utilizam sempre que estão na calçada da casa de D. Zuleide. Para estes ciganos, eles falam apenas o necessário.

Eu conheço poucas palavras. Mas não sei falar assim, a linguagem mesmo de cigano. Eu não sei não. Minha vó. A vó Zeiná (avó materna), ela falava um pouco pra gente. Mas com um tempo ela foi ficando mais velha. Ai, não chegou a caducar não. Mas ela ainda ensinou algumas; sabe. Era só ela. Em casa, os pais não ensinam mais. É poucos que ensinam. Então, eu acho que com o tempo. Eu acho que a geração mais nova não vai falar. Vai falar pouco. Igual a gente. Só o necessário (Rubenigue Alves dos Santos, nov/09).

O fato de não usarem a linguagem ou “falar apenas o necessário” revela uma estratégia de defesa em relação ao preconceito, pois reconhecem que este é um traço cultural que marca diferenças objetivas entre eles, ciganos, e os demais moradores do bairro.

A única diferença é que eles têm essa linguagem (fazendo referência aos ciganos mais velhos de sua família). É o que diferencia da gente. Só o quê diferencia é isso. Eu ouvi falando, aí eu me acho diferente (Djavan Alves Pereira, dez/09).

Livio Sansone (2003), partindo de um estudo na região da Grande Salvador, bairro Caminho da Areia e a cidade satélite de Camaçari, apresenta um panorama das diferenças entre gerações entre pais e filhos nestas duas áreas; tomando como referência as relações raciais. Entre estas podemos destacar: nível de escolaridade, amizades, formas de socialização, estratégias de sobrevivência, “vazão das frustrações”.

Para este autor, as *diferenças intergeracionais* promoveram o surgimento de novos termos, utilizados por estes sujeitos sociais com fins de autoidentificação diante das relações raciais e do racismo e, por conseguinte, esses termos são utilizados para apresentar sua negritude.

As diferenças intergeracionais mencionadas anteriormente contribuem para a criação de “tipos” entre os informantes negros, cada qual com um termo específico para descrever sua negritude e um estilo específico de lidar com as relações raciais e o racismo. Os dois tipos principais são os que se chamam *pretos* (termo tradicional, que se refere especialmente à cor negra real) e *negros* (originalmente, um termo bastante ofensivo, mas que nas últimas décadas transformou-se num vocábulo de afirmação étnica). Os que se definem como pretos e negros correspondem basicamente a duas gerações e a duas maneiras de enfrentar a discriminação racial e a negritude. Outras pessoas de cor que se referem a si mesmas por uma multiplicidade de outros termos (dentre os quais os mais populares são *moreno*, *escuro*, *pardo* e *mulato*, cujos sentidos serão indicados na próxima seção) formam grupos menos identificáveis. Estes tendem a assemelhar-se mais a pretos do que os negros (Sansone, 2003, pp. 59-60).

Isso nos leva a perceber que os processos de identificação precisam ser vistos de forma dinâmica e que os traços culturais podem ser acionados, ou não, de diante das situações. Logo, os indivíduos jogam com a sua identidade de acordo com interesses e necessidades. Por isso, não existe uma identidade *a priori*, mas sim aquela que dá sentido a vivência dos sujeitos sociais.

Nesse sentido, como se constrói a identidade dos ciganos mais novos, uma vez que estes insistem em dizer que não se consideram ciganos?

Eu não me considero cigano porque cigano... Antes, quando antes nós morava como cigano mesmo, morava feito índio. Aí era cigano. Mas agora só tem casa. Aí eu não me considero mais cigano não. Tenho um bucado de amizade de juron. Eu não me considero mais cigano não. Antes, eu me considerava mais cigano. Mas agora, eu tenho muito mais amizade de juron, que cigano (Jean Alves dos Santos, set/09).

Esta questão apresentada acima, já tinha sido por mim observada no momento da pesquisa que realizei na graduação.

Eu me considero o mesmo que vocês. Não me considero como cigano não. Minha família é cigana. Mas eu não me considero não. [...] Eu me criei em casa. Uma mesma vida que vocês. Não me criei em barraco. Igual os meus antepassados morava. Por isso que não me considero ser cigano (Francisco Romerito dos Santos, set/04).

Os ciganos fazem essa colocação pautados no fato de que não experimentaram uma vida andarilha, pois a maioria nasceu e se criou em um contexto em que têm um endereço fixo e moram em casas. Logo, sua identidade surge, em um primeiro momento, em oposição ao nomadismo e fortemente alicerçada na noção de ordem e/ou normalidade.

É morar um tempo aqui, outro aculá. É não ter hora certa pra nada, né. É tudo do jeito que vier. Mas gosto de hora certa. A gente se acorda na hora pra fazer. Hora certa de estudar. Tem uma hora pra fazer as coisas. Hoje é tudo nos seus devidos local, né. A gente estuda. Vai pra uma lan house. Pra festa. Hoje, a gente tem uma vida mais social que não tinha (Rubenigue Alves dos Santos, nov/09).

O nomadismo, aqui, é interpretado como um modo de vida marcado por incertezas e pela aceitação das condições sócio-culturais do contexto onde os sujeitos sociais estão inseridos. Ao contrário do modo de vida sedentária que pressupõe, necessariamente, o estabelecimento de uma vida ordenada em que prevalece rotinas que são definidas a partir de um conjunto de conduta e valores sociais.

Além do mais, destacam que também não foram criados em meio a tradições e práticas que segundo eles, os ciganos, compõem a “cultura cigana”. A exemplo, uso da linguagem cigana, leitura de baralho, namoros apenas com pessoas ciganas, dançar.

Eu não me considero cigana porque eu não faço as mesmas coisas que cigano costuma fazer. Eu não sei muitas coisas. Não faço. Ah, viajar todo tempo. Muitas coisas. É, trocar linguagem. [...] Eu não me considero. Eu não me sinto cigana (Maria Aparecida Alves dos Santos, Tininha, out/09).

Não. Porque, por causa que eu não fui criada no meio, com as tradições não. Eu fui criada com pessoas sem ser ciganas. Uma amiga, colegas, né. Nunca namorei, também com cigano. Porque também minha mãe nunca quis. E eu também; nunca aceitou. Porque... É por isso que eu não me considero não. Que segue todas as tradições. Que faz tudo. Que ler mão. Que corta baralho. Essas coisas assim. Que toda coisa que cigano faz. Dança. Coisa assim, que cigano faz (Janaína Alves dos Santos, Jade, out/10).

Ao passo que em Sousa, mesmo aqueles ciganos mais jovens que experimentaram por um curto período, ou não, a vida andarilha, demonstram uma valorização do “passado nômade”, uma vez que este serve de referência para a construção da identidade no presente.

O passado nômade constitui o primeiro domínio onde a memória se cristaliza, possuindo um importante valor simbólico e constituindo um modelo de referência dos grupos ciganos. No caso dos jovens, mesmo quem nunca ou pouco tempo viajou tem uma opinião formada a esse respeito. [...] Note-se que não é por acaso que os jovens, que têm pouca ou nenhuma experiência concreta com o nomadismo, reproduzem a sua importância e contribuem para a mitificação deste passado. Nem todos viveram os acontecimentos do “tempo de atrás”, mas este período faz parte das representações coletivas dos ciganos, tornando-se tão relevante que no final das contas todos se pensam como tendo vivido tais acontecimentos (Goldfarb, 2004, p. 137).

Entre os ciganos da Cidade Alta, este desapego ao passado os levam há uma supervalorização de sua identificação diante dos outros moradores da comunidade como pessoas normais. Discurso este, compartilhado pelos membros da sua família mais velhos.

Ah, que comparando assim com minha mãe. Com minha avó. Com eles eram antes assim: tanto pra dentro como pro povo e eles mesmo. Pra mim eu me acho uma pessoa normal. Porque eles têm aquela mania de falar linguagem na frente deles. Aquela linguagem estranha. Tem mania de muitas coisas, certo? Cigano tem mania de ler mão. Já ouviu falar? Eu já não me considero isso. Eu não quero estudo de ler mão, não. Meus estudos é meus estudos e pronto. Em me acho uma pessoa normal (Djavan Alves Pereira, dez/09).

Em decorrência disso, constroem para fora, uma forma de identificação em que desconsideram sua filiação étnica.

Eu acredito que são, sabe. Assim, sou da família. No sangue. Aí sim, eu sou cigano. Mas pro povo, assim para fora eu acho que pra mim; eu não me considero cigano. Não me considero mesmo (Djavan Alves dos Santos, dez/09).

E eu me sinto normal. Me sinto cigano não. Muitas pessoas não me tratam como cigano. Eu levo a vida assim: como eu não sou cigano, certo. Mas quando eu tou com minha família eu me sinto, certo. Mas quando eu to fora assim, como meus amigos eu não me sinto não. Me sinto uma pessoa normal (Everton Alves dos Santos, dez/09).

Aqui, o auto-reconhecimento varia de acordo com o contexto, familiar e externo, e com os interlocutores com os quais os ciganos mais novos interagem cotidianamente. Isso os leva a dizer que, por isso, sentem-se duas pessoas, uma vez que não apresentam uma forma de identificação fixa.

Vale ressaltar que a forma de identificar-se diante a família permanece, uma vez que os mais novos reconhecem que compartilham o mesmo sangue e pertencem à mesma família; operando, portanto, a noção de parentesco como elo entre os indivíduos.

Uma parte sim, outra não. Sim, uma parte porque cigano nunca vai sair de mim, né. Porque o cigano vai ser pra sempre. Quando eu cheguei aqui, logo no começo, eu era cigano. Eu era sempre falado. Quando uma pessoa falava comigo via logo que eu era cigano. Mas agora é, essa parte e outra parte não. Porque não tem como um cigano sair da pessoa né. Porque ah, você é cigano porquê? Porque sua família todinha é cigana. Aí você se torna cigana (Jean Alves dos Santos, set/09).

Por isso, consideram que o fato de morarem próximos fortalece diariamente as relações familiares, uma vez que se pensam enquanto uma totalidade representada pela família.

Eu acho que é uma importância muito grande, né. Que são meus primo, meus tios. **A gente ta todo dia aqui junto.** O cotidiano da gente é direto aqui, pertinho um do outro. **Então, a gente vê como uma família só.** Não só aqui de casa. Quando eu to aqui na minha vó. Vou ali pra minha vó é a mesma coisa de eu ta em casa. Eu vejo

poucos parentes chegados que são né. Nós não somos esses parentes que vê e que gosta. Não, a gente tem aquele carinho. Aquele afeto um pelo outro. Ou dos primos que moram aqui e meus parentes mais velhos. A gente, não faz só se ver a gente vai pra casa um do outro pra curtir. Ta perto um do outro (Rubenigue Alves dos Santos, nov/09).

Portanto, as gerações novas crescem, assimilam novos valores sociais e culturais. No entanto, continuam ciganas, uma vez que os laços familiares se fortalecem nas relações diárias. Logo, mesmo que admitam que não querem ser reconhecidos como ciganas, não podem negar plenamente sua condição, uma vez que isso implicaria em negar a própria família.

### Considerações finais

No decorrer deste trabalho, pode-se visualizar a forma como os ciganos da Cidade Alta dão sentido a sua existência enquanto sujeitos sociais e, por conseguinte, constroem a sua identidade. Para tanto, me debrucei sobre histórias de vida, práticas cotidianas e formas de interação com a população local.

Logo, a construção do sentimento de ser cigano está intrinsecamente ligada às relações que estabelecem diariamente com os outros moradores da comunidade, uma vez que reconhecem que são definidos pelos outros a partir de um conjunto de estigmas construídos e repassados socialmente.

A permanência dessas marcas negativas não é motivo para que ciganos e não-ciganos entrem em conflito. Ou seja, a convivência desses dois segmentos sociais na comunidade é cordial. Por isso, não consegui identificar no contexto interacional expressões objetivas desse preconceito.

Mas ao nos reportamos aos discursos e, por conseguinte, às representações sociais que a população local tem dos ciganos, encontramos um conjunto de estereótipos que são utilizados para defini-los de modo pejorativo. A exemplo: valentia, enganação. O que se reflete de forma enfática em uma sensação de medo por parte dos não-ciganos, uma vez que consideram os ciganos como capazes de agirem de maneira inesperada.

Com o passar dos anos, os ciganos aprenderam a conviver com esse preconceito, mesmo que em alguns momentos demonstrem sua insatisfação, já que se consideram iguais a qualquer um do bairro, pois compartilham as mesmas práticas de sociabilidade, isto é, os filhos estudam, os homens trabalham, as mulheres cuidam do lar e dos filhos.

Essa “igualdade” foi o resultado de um processo de adaptação à forma de organização sociocultural dos moradores da comunidade, fazendo com que deixassem de lado diversas práticas do período em que eram andarilhos. A exemplo, colocar o baralho, trocas, uso de roupas longas pelas mulheres. Vale ressaltar, que

essas mudanças fizeram com que os ciganos fossem mais bem aceitos na comunidade.

Dessa forma, a cada geração encontramos formas diferentes de sentir-se ciganos. Os ciganos mais velhos reconhecem claramente a sua condição étnica e consideram que negá-la significa recusar os elementos que compõem a sua “ciganidade” e que, por conseguinte dão sentido ao que são socialmente.

Logo, fundamentam e legitimam a sua condição a partir da história de andarilhos, origem e sangue comuns.

Mas, se por um lado esses elementos são fundamentais para que os ciganos se vejam enquanto tais, por outro, reconhecem que diferem dos outros moradores comunidade, uma vez que possuem uma língua específica, utilizada como meio de comunicação interna. Reconhecendo, portanto, sua singularidade étnica.

Enquanto diferenciados, os ciganos apesar de viverem divididos em núcleos familiares, fomentam o sentido de coletividade a partir da noção de família que, por conseguinte, se assenta nos laços de parentesco. O parentesco, aqui, atua como fator que congrega aqueles membros da família Alves dos Santos, residentes na Cidade Alta e que estão unidos por laços de consanguinidade.

Enquanto isso, os ciganos mais novos apesar de compartilharem os mesmos referenciais que, para os mais velhos, marcam a sua condição, insistem em não serem reconhecidos pelos outros como ciganos, pois nasceram e criaram-se em um contexto de sedentarização. Ou seja, não experimentaram uma vida andarilha.

Nesse caso, o preconceito tem preeminência, uma vez que os mais jovens sentem com mais intensidade as suas expressões, já que interagem mais com a população local. Assim, dizem que a forma como se identificam enquanto ciganos varia de acordo com o contexto em que estão inseridos.

Por fim, não temos como dizer se daqui a alguns anos teremos indivíduos vivendo na Cidade Alta que se reconheçam como ciganos. Como um dia destacou o Djavan, esse era o momento certo para eu realizar minha pesquisa, pois prevê que daqui a 10 ou 15 anos *esse negócio de cigano não vai mais existir*.

As palavras do Djavan são fortes e vão ao encontro ao que sua avó materna, D. Zuleide, tios (as) e mãe já me disseram: que as gerações mais novas não querem ser ciganas.

## Referências

- ALDÉ, Lorenzo. Escolha a sua etnia. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 2, n. 18, março de 2007. p. 16-27
- ALMEIDA, M.C e CARVALHO, E.A (Orgs.). *Ciência, razão e paixão*. Belém: EDUFPA, 2001.
- ASSUNÇÃO, Luiz. *Os negros do Riacho: estratégias de sobrevivência e identidade social*. Natal, RN: EDUFRN, 2009.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocely. *Teorias de etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998. p. 187-227
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Editora, 1985.
- BESSA, José Rogério Fontenele. Os ciganos assentados em sobral: razões metodológicas da investigação científica. In: *REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ*: 1. Geografia, História, Antropologia: periódico. Fortaleza. v. 113. p. 504, 1999.
- BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e Etnia: Construção da Pessoa e Persistência Cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- CARVALHO, José Jorge. *O olhar etnográfico e a voz subalterna*. Porto Alegre: UFRGS, IFCH, PPGAS, 2001. (Horizontes Antropológicos)

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 199- 217

CLIFFORD, James. “*Sobre a autoridade etnográfica*”. In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura do século XX*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1998.

\_\_\_\_\_. *Introducción: Verdades parciales*. In: CLIFFORD, J. e MARCUS, G. E. *Retóricas de la Antropología*. Madrid: Ediciones Júcar, 1991.

COMERFORD, John Cunha. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ,2003. (Coleção Antropologia da política – 22)

COSTA, Selda Vale de. *Labirintos do Saber: Nunes Pereira e as culturas amazônicas*. Tese (Doutorado em Antropologia) PUC – SP, 1997.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DIAS, Isabelle. *Realojamento da Comunidade Cigana do Vale do Forno: a Partilha de Uma Experiência*. Disponível em: [www.apdemografia.pt/pdf/8\\_Isabel\\_Dias%20CML\\_.pdf](http://www.apdemografia.pt/pdf/8_Isabel_Dias%20CML_.pdf) Acesso em: 13 de abril de 2010

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.

FAZITO, Dimitri. *Transnacionalismo e Etnicidade: a construção simbólica do Romanesthán (Nação Cigana)*. Dissertação (Mestrado). Departamento de Sociologia e Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2000.

\_\_\_\_\_. *A identidade cigana e o efeito de “nomeação”: deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais*. *Revista de Antropologia*. v. 49; nº 2. São Paulo, USP, 2006.

\_\_\_\_\_. *Os ciganos na cidade: um estudo sobre o contato interétnico*. Belo Horizonte, UFMG, Monografia apresentado ao PES/CAPES (ms), 1995.

FERRARI, Florência. *Um olhar oblíquo: contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo – USP, 2002.

\_\_\_\_\_. *Como estudar nômades com um pensamento nômade? Sugestões para definir um campo em antropologia*. Disponível em: <www.

sitesgoogle.com/a/abaetenet.net.nasci/abaetextos> Acesso em: 12 de agosto de 2009.

FOOTE-WHYTE, William. In: ZALUAR, Alba. *Desvendando máscaras sociais*. Tradução de Cláudia Menezes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. (pp. 77-86).

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1963.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. *O “tempo de atrás”: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa – PB*. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, 2004.

LE GOOF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MARTINEZ, Nicole. *Os ciganos*. Campinas, SP: Papirus, 1989.

MELLO, Marco Antonio da Silva, VEIGA, Felipe Berocan. *Os ciganos e as políticas de reconhecimento: desafios contemporâneos*. Disponível em: <[abant.org.br/conteúdo/NOTICIAS/OutrasNotícias/ciganos.pdf](http://abant.org.br/conteúdo/NOTICIAS/OutrasNotícias/ciganos.pdf)> Acesso em: 30 de outubro de 2009

MELO, Zélia Maria de. *Os estigmas: a deterioração da identidade social*, 1999. Disponível em: <[www.sociedadeinclusiva.pucminas.br](http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br)> Acesso em: 02 de junho de 2006

MOONEN, Frans. *Rom, sinti e calon: os assim chamados ciganos*. n. 1, Recife, 2000. (Núcleo de Estudos Ciganos: E-texto)

MORAES FILHO, Mello. *Os ciganos no Brasil e o Cancioneiro dos ciganos*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; SP: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

- NOBRE, Geraldo. Ciganos no Ceará. In: CHAVES, Gilmar (Org.). *Ceará de corpo e alma: um olhar contemporâneo de 53 autores sobre a terra da luz*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. (pp. 50-61)
- NOGUEIRA, Oracy. *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T & A Queiroz, 1985.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Gerson Augusto de. *O encanto das águas: A relação dos Tremembé com a natureza*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. (Coleção Outras Histórias – 44)
- \_\_\_\_\_. *Torém: brincadeira dos índios Velhos*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.
- \_\_\_\_\_. *TORÉM: Um demarcador de fronteiras étnicas. A reelaboração cultural do processo de afirmação étnica dos Tremembé de Almofala*. Projeto de Pesquisa. Mestrado em Sociologia: UFC, 1993.
- PENNA, Maura. *O que faz ser Nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erudina*. São Paulo; Cortez, 1992.
- POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- \_\_\_\_\_. *Memória, Esquecimento e Silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- PRIGOINE, Ilya; SLENGERS, Isabelle. *A nova aliança: metamorfose da ciência*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1984.
- SANSONE, Livio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Tradução de Vera Ribeiro. Salvador: Pallas, 2003.
- SANT’ANA, Maria de Lourdes. *Os ciganos: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas*. São Paulo: FFLCH/USP, 1983. (Antropologia, 4)
- TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. *História dos ciganos no Brasil*. n. 2, Recife, 2000. (Núcleo de Estudos Ciganos: E-texto)
- VASCONCELOS, Maria de Fátima (Org.). *Diversidade cultural e desigualdade: dinâmicas identitárias em jogo*. Fortaleza: Editora UFC, 2004.
- VAZ, Ademir Divino. *Conhecendo um território cigano por meio de pesquisas de campo*. Disponível em: < [www.revistamirante.net](http://www.revistamirante.net).> Acesso em: 13 de abril de 2010

VILA-BOAS. Ático. *Ciganos – Poemas em Trânsito*. Brasília: Thesaurus, 1998.

\_\_\_\_\_. *Ciganos – antologia de ensaios*. Brasília, Thesaurus, 2004.

WEBER, Marx. *Relações comunitárias étnicas*. In: Weber, M. *Economia e Sociedade*. v. I. Brasília: UNB, Imprensa Oficial, 2004.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferenças: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis; RJ: Vozes, 2000. (pp. 7-73)

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. *Tradição e Esquecimento*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

## Anexos

Quadro demonstrativo de número populacional das unidades de residências.

Nº DE ORDEM	NOME DOS PAIS	RESIDENTES		
		FILHOS		TOTAL
		H	M	
01	D. Zuleide	01 (Neto)	01	03
02	Carnerim e Laení	02	-	04
03	Diomédio e Eliene	-	-	02
04	Bonfim e Peteca	03	01	06
05	Santos e Cláudia	02	02	06
06	Ducileide	02	01	04
07	Iza	-	01	02
08	Romerito e Nívea	01	01	04
TOTAL GERAL		11	07	31

Obs: A D. Zuleide, Jucileide e seu filho Djavan residem na mesma casa, bem como neste demonstrativo são considerados as pessoas não-ciganas que estabeleceram uniões estáveis e casamentos com ciganos da família Alves dos Santos: Nívea, Cláudia e Eliene.

## FOTOGRAFIAS



Jucileide e crianças ciganas



Ducileide, Romerito e Laení



Rômulo e Ramon



Crianças ciganas e não-ciganas no aniversário de Fernanda (vestida de rosa)



Santos na sala de sua casa



Filhos do Santos: Bruno, Leidiane e Keila



Ducileide estudando a Bíblia com uma moradora do Bairro (não-cigana)



Peteca e filhos: Jade e David



Peteca em frente a sua casa na Rua Rdo. Nonato Silva



Residências do Carnerim e Santos na Rua Maria José Chaves de Almeida



Nívea, Jean com Levi no seu colo, Romerito e Tininha (Aniversário do Levi)



Casa da D. Zuleide



Keila, filha do Santos, na creche da comunidade



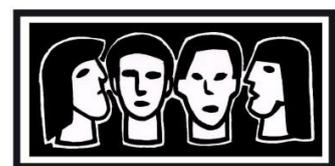
Ciganas em festinha em escola do bairro (EJA)



Iza e sua filha, Fernanda



Maria da Conceição, Peteca, e Jucileide



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)